

# **Som e paisagem: uma etnografia sonora do Jardim do Campo Grande**

**Sandra Crespo Pereira**

**Dissertação de Mestrado em Ciências Musicais – Área de  
Especialização em Etnomusicologia**

**Versão corrigida e melhorada após defesa pública.**

**Junho, 2020**



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Musicais – Área de especialização em Etnomusicologia, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Iñigo Sánchez Fuarros

## [RESUMO]

Este trabalho centra-se no estudo da relação que se estabelece entre o Jardim do Campo Grande e a sua paisagem sonora partindo de uma perspetiva atual e de uma perspetiva histórica.

De uma perspetiva atual, pretendeu-se perceber quais os sons que compõem o ambiente sonoro do jardim recorrendo a uma etnografia sonora, que compreendeu uma escuta atenta do espaço durante passeios de escuta e um levantamento de sons. Visto que o jardim se localiza no centro de vias de trânsito automóvel intenso e próximo do Aeroporto de Lisboa, os sons provenientes do trânsito, o som dos aviões a sobrevoar o jardim a poucos metros de altura e o chilrear dos pássaros foram as sonoridades mais evidentes no ambiente sonoro do jardim.

Foi também foco de estudo apurar de que modo os visitantes deste jardim se relacionam com o seu espaço e com os sons que aí coexistem tendo-se, para isso, realizado breves questionários a 61 dos seus usuários. Este questionário procurou, assim, saber com que frequência estes visitantes aí se dirigem, quanto tempo ficam, de que modo usam o jardim e, por fim, qual o seu som preferido e porquê. Concluiu-se que o jardim é um lugar de passagem para muitos dos usuários. É também um espaço para descansar ou passear, praticar desporto, passear o cão, atividades sociais ou somente como atalho para se deslocar a locais próximos. O som preferido mais escolhido foi o chilrear das aves (por 30 inquiridos), seguido do som da brisa a passar por entre as folhas das árvores (6) e o silêncio (4). Ao justificar a sua escolha, a maioria das razões apontadas pelos questionados incidiu na evocação de sensações de tranquilidade e memórias da natureza associadas a esses sons.

De um ponto de vista histórico pretendeu traçar-se uma história sonora do Jardim do Campo Grande, desde o momento em que este seria apenas um descampado rural, no século XVI, até à atualidade como jardim urbano, compreendendo todas as alterações espaciais que lhe foram realizadas, os usos e funções que este jardim reuniu durante esse período de tempo, bem como as que detém atualmente.

## [ABSTRACT]

This project focuses on the study of the relationship established between Jardim do Campo Grande and its soundscape, which will be analyzed from a current and a historical perspective. From a current perspective, it was intended to perceive the sounds that constitute the sound environment of the garden, starting from a sound ethnography that comprised an attentive listening of the space, with the support of listening walks and listing of all its sounds. Given that the garden is located in the center of intense traffic routes and close to Lisbon's Airport, the most present sounds on the garden's sonic environment were the sounds of traffic, the noise of airplanes flying at low altitudes over the park and the chirping of birds.

Another focus of this study was to determine how the visitors of this park relate to their space and with the sounds that coexist in that area. This was achieved by taking short questionnaires to 61 users that sought to know how often these visitors go to the park and how long they stay, how they use the garden, what was their favorite sound and why. It was concluded that the garden served as a pathway for many of the users. It is also used for activities like resting or walking, practicing sports, walking the dog, social activities or just as a shortcut to get to nearby places. The most preferred sound was the chirping of the birds (30 of the inquiries), followed by the sound of the breeze passing through the leaves of the trees (6) and silence (4). Justifying their choice, most of the reasons named by the garden's users were related to evoking the feelings of tranquility and memories of nature that were associated with those sounds.

From an historical point of view, it was intended to trace the history of the sound of Jardim do Campo Grande, from the moment that it was only a rural open space, in the XVI century, to the present day as an urban garden, comprising all the spatial changes that were carried out and the uses and functions that this garden has gathered during this period of time, as well as the ones that it currently holds.

# Índice

1. Introdução .....	1
2. Estado da arte.....	7
2.1. Os jardins e parques urbanos como objetos de estudo.....	7
2.2. O estudo da qualidade sonora dos parques urbanos.....	9
2.3. Estudos sobre o ambiente sonoro de parques e jardins urbanos em Portugal.....	13
2.4. Discussão .....	17
3. Enquadramento teórico.....	19
3.1. A ecologia acústica como um campo de estudos interdisciplinar.....	19
3.2. O conceito de paisagem sonora ( <i>soundscape</i> ) .....	21
3.3. Um vocabulário para falar do som e da sua relação com o ambiente.....	23
3.4. O silêncio e o ruído .....	25
3.5. Para além do conceito de <i>soundscape</i> : o efeito sonoro ( <i>sound effect</i> ).....	27
3.6. A escuta.....	28
4. Metodologia.....	31
4.1. Observação, passeios de escuta e registos sonoros .....	31
4.2. Questionários sócio acústicos .....	34
4.3. A reconstrução da história do jardim através da sua sonoridade .....	36
4.4. Discussão .....	36
5. Uma história do Jardim do Campo Grande através da sua sonoridade .....	40
5.1. De zona de hortas a parque de recreio .....	40
5.2. A integração do parque na cidade .....	58
5.3. A intervenção de Keil do Amaral .....	68
5.4. Do esquecimento à requalificação urbana .....	74
5.5. Discussão .....	81

6. O ambiente sonoro do Jardim do Campo Grande.....	85
6.1. Questionários sócio acústicos .....	85
6.2. Análise dos resultados .....	88
6.2.1. Frequência das idas ao jardim .....	90
6.2.2. Tempo passado no jardim .....	91
6.2.3. Atividades realizadas no jardim .....	93
6.2.4. Sons preferidos.....	96
6.3. Discussão .....	100
7. Uma aproximação etnográfica ao ambiente sonoro do Jardim do Campo Grande ..	102
7.1. O quotidiano do jardim através da sua sonoridade .....	103
7.2. Variações sonoras .....	110
7.4. O som dos pássaros como tonalidade dominante do jardim .....	113
7.5. Discussão .....	117
8. Considerações finais .....	122
Bibliografia.....	128
Anexos.....	147
Anexo 1 .....	147
Anexo 2 .....	148
Anexo 3 .....	149
Anexo 4.....	150
Anexo 5.....	151

## Lista de figuras

Figura 1: Esboço do Jardim do Campo Grande, visto de cima, com a divisão por zonas usada neste projeto.....	33
Figura 2: Visitantes da Feira do Campo Grande (autor desconhecido).....	50
Figura 3: Feira de Gado no Campo Grande, fotografia de cerca de 1900 do fotógrafo Augusto Bobone. ....	53
Figura 4: Concurso de raça bovina no Campo Grande promovido pela Real Associação Central da Agricultura, 1909, fotografia de Joshua Benoliel. ....	53
Figura 5: Condução de Touros junto à Igreja do Campo Grande, litografia de Júlio Rocha. ....	56
Figura 6: Imagem que consta no artigo de Vieira, retratando os barcos no lago e um arvoredo alto e denso ao fundo.....	61
Figura 7: Imagem que consta no artigo de Vieira, retratando a vegetação do parque e uma estrutura romântica ao fundo. Esta avenida das palmeiras aparece retratada em diversas fotografias e postais de diferentes períodos sendo, provavelmente, um dos locais mais reconhecíveis e apreciados do jardim.....	61
Figura 8: Corrida de motociclos realizada em 1933 no Campo Grande (autor desconhecido). ....	62
Figura 9: Corrida de automóveis organizada pela Fiat em 1910, fotografia de Joshua Benoliel.....	63
Figura 10: Lago do Jardim do Campo Grande onde são visíveis vários barquinhos a remos (e uma chaminé de fábrica ao fundo) na década de 1910, fotografia de Joshua Benoliel. ....	64



Figura 11: Lago do Jardim do Campo Grande também na década de 1910. À direita encontra-se a ponte retratada na imagem (do mesmo ano) presente no artigo de Vieira (figura 6) de uma perspetiva diferente, permitindo-nos constatar, uma vez mais, que o parque se encontraria rodeado de árvores altas ou vegetação densa nessa altura, fotografia de Alberto Lima.....	64
Figura 12: Campo de ténis construído na remodelação projetada por Keil, fotografia de cerca de 1952 (autor desconhecido). ....	71
Figura 13: Pista de bicicletas no jardim, em 1961, fotografia de Artur João Goulart....	71
Figura 14: Lago do jardim com o Restaurante Alvalade ao fundo em 1967, fotografia de Artur Inácio Bastos.....	72
Figura 15: Lago do Jardim do Campo Grande, fotografia de Artur Pastor, 1973.....	74
Figura 16: Parque canino localizado no jardim e, ao fundo, a Avenida do Brasil [fotografia da autora]. ....	77
Figura 17: Restaurante Casa do Lago na ilhota projetada por Keil na remodelação de meados do século XX [fotografia da autora].....	78
Figura 18: Ilha do lago com o edifício Caleidoscópio ao fundo [fotografia da autora].	78
Figura 19: Zona 3 do jardim, vista de norte para sul, com os campos de pádel à esquerda [fotografia da autora]. ....	79
Figura 20: Lago do jardim com o edifício Caleidoscópio ao fundo de uma perspetiva semelhante à figura 14 onde se observava o Restaurante Alvalade [fotografia da autora]. ....	79
Figura 21: Início da zona 2 do jardim [fotografia da autora]. ....	80
Figura 22: Fotografia apresentada no artigo, tirada na zona sul do Jardim do Campo Grande, retratando os referidos montículos.....	81

Figura 23: Planta topográfica que abrange parte do Jardim do Campo Grande, 1907-1910. ....	82
Figura 24: Projeto de Urbanização da malha de Telheiras que inclui a zona norte do Jardim do Campo Grande, 1967. ....	83
Figura 25: Vista de cima do Jardim do Campo Grande, captura de ecrã retirada do Google Maps, 2018. ....	83
Figura 26: Esboço do mapa em que se assinala a distância entre o local onde o som da água foi eleito como o favorito (ponto amarelo) e o local onde, por vezes, se escuta o som da água a cair (ponto vermelho). ....	98
Figura 27: Esboço do jardim com a sua divisão em zonas. ....	102
Figura 28: Avião a aproximar-se do jardim, fotografia tirada junto ao edifício Caleidoscópio [fotografia da autora]. ....	104
Figura 29: O trânsito nas proximidades do jardim, vista da zona 1 com o parque canino à esquerda [fotografia da autora]. ....	105
Figura 30: Zona 3 do jardim, onde são visíveis alguns cães a brincar na relva [fotografia da autora]. ....	109
Figura 31: Fotografia de um dia quente, em que à direita se pode ver um barco no lago e, à esquerda, grupos de pessoas sentadas na relva [fotografia da autora]. ....	110
Figura 32: Fotografia tirada após o evento OutJazz onde ainda se veem alguns grupos de pessoas e pequenas tascas de venda de comida [fotografia da autora]. ....	112
Figura 33: Periquito-rabijunco. ....	116

# 1. Introdução

O Jardim do Campo Grande é um espaço verde situado na freguesia de Alvalade, a norte da zona central da cidade de Lisboa. Com uma área de aproximadamente 11 hectares, este jardim estende-se desde a rotunda de Entrecampos até ao Campo Grande e é um dos mais antigos da cidade, fazendo parte da memória coletiva de quem nasceu e cresceu na capital. A sua morfologia atual é o resultado de diversos processos de requalificação que transformaram uma antiga zona de pastagens num espaço verde urbano multifuncional.

A sua forma longa e afunilada é dividida ao meio pela Avenida do Brasil que rompe a continuidade do passeio e divide perpendicularmente o jardim em duas partes com características próprias: a zona norte (entre o Campo Grande e a Avenida do Brasil) e a zona sul (entre a Avenida do Brasil e Entrecampos)<sup>1</sup>. O Jardim do Campo Grande assume a condição de uma ilha verde no meio da agitação da vida urbana: encontra-se rodeado por vias rodoviárias, compostas por várias faixas cada uma, que suportam uma grande densidade de trânsito automóvel que entra ou sai do centro de Lisboa. Assim, o acesso ao jardim é feito através de passadeiras de peões, de duas passagens elevadas que se encontram junto da Universidade Lusófona e do Palácio Pimenta ou ainda de uma passagem subterrânea na zona sul do jardim. Para além do elevado fluxo rodoviário, a cada poucos minutos os aviões sobrevoam o jardim a baixa altitude na sua aproximação ao Aeroporto de Lisboa (com o consequente impacto nos níveis de ruído e na paisagem sonora).

Ao entrarmos na zona norte do jardim através da Avenida do Brasil e tomarmos o corredor mais central, os latidos dos cães e os sons provenientes da interação com outros canídeos ou com os seus donos indicam a proximidade do parque canino, que se localiza à esquerda. Este recinto cercado por uma vedação de madeira permite aos cães exercitarem-se e brincarem livremente no seu interior, possuindo também vários obstáculos e alguns pinheiros que oferecem sombra. Por ser um recinto sem relva e pavimento, quando chove formam-se poças, o que condiciona a sua utilização. Trata-se

---

<sup>1</sup> Durante a realização deste trabalho de investigação, a zona sul permaneceu vedada por se encontrarem a decorrer obras de requalificação, não sendo aberta ao público até à Primavera de 2018. Desta forma, o meu trabalho de terreno centrou-se na zona norte, que por sua vez, já tinha também sido alvo de obras de reabilitação em 2013.

de um dos pontos principais do jardim, muito frequentado ao longo do dia, visto ser um dos poucos espaços deste tipo existentes em Lisboa.

Os dois corredores centrais assumem a função de locais de passagem, por onde as pessoas circulam, seja a caminhar (sozinhos, em grupo, ou com cães pela trela), a correr ou a andar de bicicleta. Encontra-se também uma sucessão de bancos de jardim habitualmente usados para as mais variadas atividades: ler, conversar, ouvir música, falar ao telefone ou simplesmente contemplar o espaço em redor. Por ser uma área com algumas árvores altas podem ouvir-se aves, cujo som não é suficiente para abafar os sons provenientes do trânsito automóvel que circula nas estradas que rodeiam o jardim. Deste som de fundo constante fazem parte o resultado da combinação da sonoridade dos pneus dos automóveis a deslizar no asfalto, o ruído dos seus motores, buzinas e sirenes e, por vezes, apitos de polícias que regulam o fluxo de trânsito em vias condicionadas pelo decorrer de obras de requalificação nas proximidades e na zona sul do jardim.

Caminhando em direção a norte, encontramos, do lado esquerdo, o emblemático complexo do lago, com barquinhos a remos que se podem alugar, uma pequena ilha mais a norte, e, no centro, A Casa do Lago, um café/restaurante com esplanada que oferece uma visão panorâmica da paisagem envolvente. Pode aceder-se a este estabelecimento através do corredor mais à esquerda, que limita o jardim, e que se prolonga até ao seu termo, dando também acesso ao Edifício Caleidoscópio, onde se localiza uma sala de estudo da Universidade de Lisboa e um restaurante de comida rápida McDonald's sendo, por isso, utilizado por muitos estudantes. Junto a este, há uma continuação do relvado com árvores, que termina num espaço pavimentado entre o Edifício Caleidoscópio e o Clube Padel Campo Grande. À direita está a continuação de um corredor que começa no início do jardim e que dá acesso a uma sala de Ames e, mais a norte (próximo do Edifício Caleidoscópio), a pequenas mesas e aos campos de pádel.

Nesta secção, para além de encontrarmos pessoas sentadas em bancos ou a caminhar, podemos ver pessoas sozinhas ou em grupo sentadas na relva à beira do lago ou a observá-lo de um pequeno passadiço. Os sons provenientes do trânsito continuam a escutar-se nestes espaços bem como os sons de aviões que atravessam o parque, porém, os sons dos apitos são aqui menos audíveis. Com a existência de árvores, continua também a ouvir-se o chilrear de aves que aí se encontram e, por vezes, ao longe, latidos de cães provenientes do recinto canino. Se for um sábado ou domingo, o jardim é mais frequentado por famílias escutando-se, assim, mais sons originados por pessoas e o som de barcos a movimentarem-se no lago. Ocasionalmente (embora nunca ao fim de semana)

encontram-se nesta zona praxes, em que estudantes gritam ou entoam cânticos que se espalham por todo o jardim.

Outros sons característicos desta zona do jardim são o bater seco das bolas nas paredes transparentes dos campos de pádel e ainda o som abafado que originam ao ser golpeadas com as raquetes. Em mesas instaladas na área pavimentada nas imediações do Edifício Caleidoscópio estudantes e outras pessoas conversam animadamente ou fazem refeições. Daqui continuam dois corredores que se estendem pelo relvado desta secção do jardim, sendo que o da direita forma um ângulo reto e se une ao corredor da esquerda, algures antes do meio desta área. No início e ao centro, no relvado entre os dois corredores, podemos ver alguns bancos com jogos matemáticos que raramente parecem ser utilizados.

Esta zona mais a norte é a que contém mais árvores e plantas e é onde se pode escutar uma maior diversidade de sons provenientes de aves. É especialmente nesta zona que os sons de pássaros são também mais proeminentes visto que aqui se concentram pequenos pássaros de cor verde que se assemelham a aves exóticas, os periquitos-rabijuncos, que possuem um chilrear muito característico. Apesar de também ter bancos e corredores, estes costumam ter ligeiramente menos movimento que os das zonas anteriores e, embora exista mais vegetação e árvores que nas restantes áreas do jardim, os relvados costumam dar lugar a praxes mais prolongadas do que as que ocorrem noutras zonas do jardim.

Do lado direito há uma continuação dos campos de pádel e do lado oposto, mas mais a norte, existe um pequeno café/restaurante com esplanada, o Café Concerto. Ao caminhar junto a estes campos, é possível notar um ligeiro abafamento dos sons provenientes do trânsito devido às paredes dos recintos de jogo, porém, o som de aviões continua igualmente intenso. Aqui já não se escutam os apitos de polícias nem os latidos provenientes do parque canino, sons tão acentuados no início do passeio e progressivamente menos audíveis à medida que avançamos para os espaços mais a norte do parque. Sons de pessoas estão igualmente presentes neste espaço, mas com menor intensidade, excetuando em momentos de praxes.

Relativamente às secções anteriores do jardim, esta parece ser a mais calma, contudo, o chilrear dos pássaros pode por vezes ser bastante ruidoso, enérgico e expressivo. Prosseguindo para norte, chegamos ao fim do jardim delimitado por várias vias de trânsito, momento em que o som deste se transpõe para um primeiro plano.

Chegando a este ponto do passeio, podemos decidir atravessar em sentido ao Campo Grande ou voltar para trás, cruzando novamente o jardim<sup>2</sup>.

Este trabalho centra-se no estudo da relação que se estabelece entre o som e a paisagem num jardim urbano, tendo sido escolhido como estudo de caso o Jardim do Campo Grande. Os objetivos deste trabalho estabeleceram traçar a história do jardim e simultaneamente formular um esboço da sua paisagem sonora e das alterações que esta e o jardim sofreram durante a sua existência até aos dias atuais.

Por ser um jardim antigo, remodelado sucessivas vezes desde o início do século XVIII, a compreensão das suas alterações espaciais permitiu apurar as diferentes funções que este espaço representou para os seus visitantes até aos dias de hoje e, consequentemente, os elementos sonoros que fariam parte do ambiente sonoro nas diferentes épocas. Para a concretização desta parte do projeto foi necessária uma leitura de fontes bibliográficas, como revistas e periódicos, bem como de outras obras sobre o Jardim do Campo Grande e a zona envolvente (como o Campo Grande e Alvalade).

De uma perspetiva atual, este trabalho apresenta uma hipótese de estudo para a compreensão dos usos e funções que um jardim urbano pode deter, procurando apurar se o parque é tão atraente sonoramente como visualmente. De forma a perceber como o jardim é vivido pelos seus usuários e como estes se relacionam com o seu espaço e a sua sonoridade, foi adotada como metodologia uma etnografia sonora. Assim, foram realizados breves questionários destinados a alguns visitantes do parque com o intuito de perceber os seus hábitos de frequência e qual era o seu som favorito.

Como complemento aos questionários, realizei passeios de escuta no jardim para me familiarizar com a sua paisagem sonora, inventariando todos os sons que aí escutei ao longo dos seis meses que destinei à realização desta parte do projeto, registando através de gravações sonoras aqueles que considere mais relevantes. Por ser um local de passagem para alguns dos seus usuários e por ser um espaço de lazer para muitos outros, os questionários foram adotados a essa realidade sendo, portanto, bastante curtos. Deste modo, foi necessário apoiar o meu trabalho em observações do quotidiano do parque, do

---

<sup>2</sup> O passeio sonoro descrito acima refere-se a um qualquer dia comum no Jardim do Campo Grande, sem chuva, com condições climáticas expectáveis nos meses de Inverno-Primavera, em que este estudo foi realizado, e com a vida animal expectável dessa altura do ano, sendo um convite a adentrar-se na sonoridade de um dos mais antigos jardins de Lisboa.

seu ambiente e espaço, não apenas dos seus sons como também do modo como o jardim é usado.

Com o objetivo de estruturar o trabalho etnográfico realizado no jardim, analisei diversos estudos que abordam os espaços verdes urbanos com o intuito de perceber a sua metodologia e os seus objetivos. A compreensão de alguns conceitos-chave da ecologia acústica foi uma etapa importante na realização deste trabalho, já que estes oferecem um ponto de partida e uma perspetiva, para abordar o estudo do ambiente sonoro do jardim. Conceitos como o do silêncio ou o do ruído foram frequentemente evocados pelos visitantes quando questionados sobre o seu som favorito e, por outro lado, termos como “tonalidade dominante” (*keynote*) e “efeito sonoro” (*sonic effect*) foram centrais na análise posterior dos elementos da paisagem sonora do jardim.

### **Estrutura da dissertação**

Este trabalho divide-se em seis secções que concernem as diferentes etapas necessárias para a sua concretização partindo da metodologia adotada, da exploração de termos teóricos, delineando uma história sonora do jardim e terminando com a apresentação de um estudo de caso, baseado numa etnografia sonora aplicada ao Jardim do Campo Grande.

O estado da arte parte da análise de diferentes estudos realizados em espaços verdes urbanos focados na sua paisagem sonora com o propósito de perceber a metodologia que adotam, os seus objetivos, os resultados e os conceitos da ecologia acústica que exploram e aplicam, como termo de comparação para a realização deste trabalho. Este capítulo faz ainda um “ponto da situação” sobre os estudos realizados em espaços semelhantes no contexto português.

O enquadramento teórico, procura explorar alguns conceitos da ecologia acústica pertinentes para a realização deste trabalho, nomeadamente o conceito de paisagem sonora (*soundscape*) e as diferentes interpretações que este pode apresentar.

Ao capítulo da metodologia segue-se uma secção histórica que se concentra na história do jardim, na evolução do seu espaço, de como foi vivido e a sua integração na cidade, mencionando os principais eventos aí realizados e as remodelações que sofreu desde o seu surgimento. Esta reconstrução da história do espaço objetiva a sua exploração sonora no decorrer dos séculos (dada a importância do som no contexto deste trabalho) partindo dos eventos que aí ocorreram e dos usos do espaço.

Por fim, as duas últimas partes assentam numa etnografia sonora que tinha em vista apurar como soa um jardim urbano atualmente e como este é usufruído pelos seus usuários. No sexto capítulo apresento os dados recolhidos no breve questionário direcionado aos visitantes do jardim, que tinha como intuito perceber de que modo estes vivem o espaço, com que frequência aí se deslocam e quanto tempo passam aí, se possuem um som favorito e por que razão o preferem aos restantes. Na última secção exponho os resultados das minhas observações ao jardim, sobre as funções que este reúne para os seus visitantes atualmente, os sons que compõem o seu ambiente sonoro e se existem variações dos dois parâmetros ao longo do dia, das semanas e dos meses em que decorreu este estudo.



## 2. Estado da arte

### 2.1. Os jardins e parques urbanos como objetos de estudo

O conceito de jardim, ou parque, tem vindo a transformar-se ao longo do tempo e, consequentemente, o modo como estes são construídos e vividos tem também vindo a sofrer mudanças. Schafer apresenta uma definição bastante simples e concisa: um parque é um jardim público em que vários elementos recreativos se encontram reunidos (Schafer 1994:246). Salienta, contudo, que atualmente estes parques não são bem desenhados visto que são frequentemente contruídos em pequenas porções de terreno sobranes da restante cidade (*Ibidem*). Ainda assim, estes espaços verdes são importantes para os seus habitantes, por oferecerem contacto com a natureza dentro da cidade e, por proporcionarem um local que permite o desenvolvimento de diversas atividades que promovem a sua saúde mental e o seu bem-estar, como praticar desporto, socializar ou somente descontraír e espaírecer (Low, Taplin e Scheld 2005:17-18).

Apesar da sua importância nas cidades ocidentais, as autoras Low, Taplin e Scheld (2005) sublinham que estes locais podem cair no esquecimento se os seus potenciais visitantes não se relacionarem ou identificarem com esses lugares que, para serem valorizados e bem-sucedidos, devem ter em consideração a inclusão da história e dos valores da comunidade em que se inserem, procurando abranger a sua diversidade cultural (*Ibid.*,9,17).

Deste modo, é necessário recorrer a uma sustentabilidade social que se deve preocupar com a compreensão de ecossistemas culturais (*Ibid.*,8). Para ilustrar esta realidade, as autoras mencionam o caso de um parque (o Parque Central em San José, Costa Rica) que reunia vários tipos de públicos em diversos pontos do seu espaço. Uma tentativa de redefinir este parque, com o intuito de atrair mais turistas, conduziu a que a diversidade de usuários habituais se afastasse e aí se fixasse um novo grupo social (um gang de jovens), tornando o espaço inseguro e indesejável para qualquer visitante, tanto da comunidade local como para turistas (*Ibid.*,7). Os parques e jardins urbanos podem, então, ser relevantes de diversas formas para as comunidades em que se encontram, devendo responder aos seus interesses e necessidades, visto que, caso tal não se verifique, estes tornar-se-ão inutilizáveis e desinteressantes para essa mesma população.

Dada a importância dos jardins urbanos, foram já realizados inúmeros estudos que visaram o apuramento da sua relevância para os seus usuários e de que modo estes lugares podem responder aos seus interesses focando, por vezes, a sua qualidade geral, abordando a sonoridade do espaço e o modo como esta é escutada por quem o frequenta. Assim, a análise de alguns destes estudos permitiu obter ideias de como poderia abordar a paisagem sonora do Jardim do Campo Grande, a metodologia mais indicada e quais os aspetos a ter em consideração nessa análise.

Os estudos apresentados nas secções seguintes tratam temas semelhantes ao aqui explorado e serviram como ponto de partida para iniciar o meu trabalho. A maioria opta por uma metodologia quantitativa, realizando medições dos níveis sonoros dos parques urbanos estudados e comparando os valores obtidos nessas medições com outras efetuadas nos espaços próximos ao parque em questão, ou com os resultados de estudos semelhantes realizados noutros jardins ou parques. Frequentemente estas medições visam apurar se o nível sonoro é elevado ou adequado ao espaço e se é notado pelos visitantes destes espaços, procurando apurar a apreciação dos usuários da qualidade geral e, por vezes, sonora do jardim em estudo. Esta avaliação qualitativa é concretizada recorrendo a entrevistas e questionários direccionados aos usuários dos parques e jardins urbanos e, comumente, comparada com outras avaliações efetuadas em locais semelhantes.

Deste modo, é habitual que um mesmo trabalho de investigação tenha como objeto de estudo mais do que um jardim ou parque urbano, o que permite a comparação de resultados entre si e, por vezes, a observação de variantes espaciais ou de outros elementos nos resultados obtidos. Nestes trabalhos, o número total de inquiridos costuma ser elevado devido à soma do número de participantes dos vários parques, o que simultaneamente permite uma maior diversificação de respostas ou resultados.

Por oposição, no trabalho aqui apresentado foi apenas tratada a zona norte do Jardim do Campo Grande, o que se traduz num menor número de participantes e de respostas do que o que certamente se obteria num estudo que abrangesse outros parques urbanos (que compreenderiam variadas funções e características espaciais e, consequentemente, diferentes elementos sonoros). Neste trabalho não foram também efetuadas medições acústicas dos níveis sonoros do jardim, tendo-se optado somente pela realização de questionários aos usuários do parque, adaptados ao uso que estes fazem do local, resultando na elaboração de um conjunto de poucas perguntas de resposta rápida e aberta que permitiram apurar os seus hábitos de frequência, o modo como usam o espaço e o som que mais valorizam. A hipótese de optar pelo estudo de vários jardins, por

exemplo da cidade de Lisboa, implicaria a comparação de funções desses espaços e os públicos que os frequentam, bem como a sua reconstituição histórica e sonora, o que não seria viável nesta dissertação.

## 2.2. O estudo da qualidade sonora dos parques urbanos

A maioria da bibliografia consultada defende a importância da existência de espaços verdes em ambientes citadinos, sublinhando a sua função como locais que promovem o bem-estar e a saúde de quem os frequenta. Outra ideia bastante recorrente e relacionada com a anterior, é a associação dos parques e jardins urbanos a uma ideia de tranquilidade (aliada a propriedades restaurativas) que se espera presenciar ao visitar este tipo de espaços. A “tranquilidade” é tida como uma construção muito pessoal que reúne um conjunto de estímulos sensoriais, experienciais e emocionais, que incitam a um estado ou modo de estar que, na verdade, não existe numa dimensão real (Pheasant *et al.* 2008:1446).

Assim, no estudo “How the meaning a person gives tranquility could affect the appraisal of the urban park soundscape”, Botteldooren *et al.* (2014) pretendem compreender de que modo as pessoas concebem tranquilidade e como essa conceção influencia a sua apreciação da paisagem sonora de um parque. Para concretizar esse objetivo, a equipa entrevistou 660 indivíduos em 8 parques na cidade de Antuérpia (Holanda), procedendo-se ainda a medições acústicas (Botteldooren *et al.* 2014:3). O estudo concluiu que a maneira como cada indivíduo compreende a noção de tranquilidade influencia a sua perceção sonora do local e os sons que ouve, bem como uma apreciação geral do próprio espaço (*Ibid.*,5). Aqueles que associaram tranquilidade a silêncio ou a sons provenientes de natureza classificaram o ambiente sonoro do jardim ou parque avaliado como de má qualidade, o que demonstra que possuem uma audição mais crítica e que apreciaram o espaço consoante as suas expectativas e a sua conceção de tranquilidade (*Ibidem*).

Num outro estudo, realizado em dois parques urbanos em Sheffield (Reino Unido), também se procurou perceber se os visitantes desses parques, se sentiam mentalmente reparados ou recuperados após uma visita a um destes espaços e se os sons que aí ouviram contribuíram para essa sensação. A metodologia aplicada é semelhante à do estudo anterior, combinando entrevistas aos usuários do parque (400 pessoas foram

entrevistadas) com medições acústicas (Payne 2008:5520). Comprovou-se que a percepção sonora que cada visitante tinha do espaço influenciava o nível de restabelecimento sentido, uma vez que, quem tinha dificuldades auditivas experienciou menos essa sensação (*Ibid.*,5523)<sup>3</sup>.

Da mesma forma, o artigo “The role of paying attention to sounds in soundscape perception” (Botteldooren *et al.* 2012) reconhece a importância de espaços urbanos abertos, visto que promovem esse restabelecimento mental, contudo, vários fatores influenciam o modo como uma paisagem sonora é compreendida, nomeadamente as origens socioculturais de cada indivíduo. Ainda assim, uma pessoa pode interpretar uma mesma paisagem sonora diferentemente consoante a ocasião (*Ibid.*,3). Em conformidade, no artigo “Research on the Sound Environment of Urban Open Space from the Viewpoint of Soundscape – A Case Study of Saga Forest Park, Japan” assinala-se que a percepção de sons depende de fatores pessoais (como a sensibilidade ao ruído, experiências, memórias ou estados de espírito) e/ou sensoriais (como aspetos visuais, auditivos, olfativos ou tácteis) (Ge e Hokao 2004:556). Concluiu-se que a visão de elementos da natureza causa benefícios na saúde e potencia a referida sensação de recuperação e que, a quantidade de elementos naturais, influencia o nível dessa regeneração, porém, a forma como se compreende o ambiente sonoro do espaço afeta igualmente essa mesma experiência reparadora (Adinolfi, Suárez-Cáceres e Cariñanos 2014:240). Estes autores defendem a importância dos espaços verdes urbanos por deterem um vasto leque de funções e darem lugar a diversas atividades, possuindo também vantagens ecológicas e ambientais, não sendo, portanto, compreendidos como meros recursos decorativos (*Ibid.*,534). A principal função destes espaços assenta na promoção do bem-estar e na qualidade de vida dos seus visitantes, proporcionando-se como espaços que permitem relaxar, aliviar o stress, praticar desporto e socializar (*Ibid.*,541).

Por outro lado, no estudo “The perceived quality of soundscape in three urban parks in Rome” salienta-se que apesar de os jardins urbanos não serem tipicamente áreas calmas, o ambiente sonoro é considerado muito bom pelos seus visitantes, já que a vegetação e eventuais sons naturais aí audíveis, têm influência na percepção da qualidade de um qualquer espaço verde (Brambilla *et al.* 2013:832,839). Assim, os autores sublinham que os elementos materiais e visuais de um parque não devem ser ignorados

---

<sup>3</sup> Esta ideia de restabelecimento ou recuperação mental é explorada também em diversos outros estudos, podendo ou não estar relacionada com a *Attention Restoration Theory*, que defende a importância e eficácia da observação de ambientes naturais para a recuperação de fadiga cognitiva (Payne 2008:5520).

porque também exercem influência no estado psicológico de quem aí se encontra (*Ibid.*,832). Este estudo concentrou-se em três parques urbanos em Roma e tinha como objetivo apurar a percepção da qualidade ambiental dos seus visitantes e a sua relação com parâmetros acústicos selecionados (*Ibidem*). Como metodologia, foram efetuadas gravações acústicas de cerca de cinco minutos em determinados pontos fixos e realizadas entrevistas a visitantes aleatórios dos parques, compostas por 16 questões, com vista a apurar variadas informações: a frequência de visita ao parque, a razão para o fazer, informações pessoais, avaliação qualitativa de vários aspetos do local e indicação dos sons escutados no parque e de outros que desejariam ouvir, totalizando-se 228 participações (*Ibid.*,833-834). À semelhança do que se verificou noutros estudos realizados em parques urbanos, confirmou-se que a presença de árvores e outros elementos naturais no espaço, bem como a sensação de tranquilidade experienciada ao visitar estes locais, não podem ser excluídos na avaliação do espaço visto afetarem o estado psicológico dos seus usuários (*Ibid.*,832).

Suárez e Jiménez (2013) tratam o ruído ambiental em cinco parques e jardins representativos da cidade de Madrid, focando igualmente a capacidade regeneradora destes locais. Ao existir um ambiente sonoro agressivo, deve dar-se especial valor a espaços verdes com propriedades reparadoras, havendo por isso um interesse em estudar o ruído e a sua intensidade nestes lugares, e ainda de que forma estes contribuem para uma atenuação do problema da contaminação acústica na cidade (Suárez e Jiménez 2013: 134-135). Em cada parque procedeu-se a uma cartografia de situação e acústica (*Ibid.*,142), constatando-se grandes contrastes acústicos dentro dos jardins “en función de su tamaño, la topografía, las actividades que soportan y las funciones urbanas del entorno en el que se ubican” (*Ibid.*,158).

Em Sheffield (Reino Unido) foi desenvolvido um outro estudo cujos objetivos visavam a compreensão do ambiente urbano em várias dimensões, expressando preocupação pelo aumento dos níveis de ruído e pelo declínio da qualidade dos espaços verdes públicos (Irvine *et al.* 2009:155). Foram escolhidos três espaços verdes e realizado um questionário que contou com 70 participantes que assinalaram 68 sons, posteriormente divididos em três categorias de tipos de sons: naturais, mecânicos e humanos ou pessoais. Os sons mais mencionados foram o trânsito, sons de aves e vozes humanas e dois participantes responderam não ouvir sons (*Ibid.*,168-169). Existem algumas variações entre os parques, por exemplo, no jardim com uma localização central não foram ouvidos sons naturais e, por outro lado, foram escutados mais sons mecânicos,

que foram os menos preferidos pelos participantes (*Ibid.*,167). Os sons mais apreciados foram os naturais, seguidos dos sons provenientes de pessoas (*Ibidem*). À semelhança do sucedido noutros estudos, concluiu-se que a perceção e apreciação de um espaço verde urbano advém da influência de vários fatores pessoais, ecológicos e espaciais (*Ibid.*,170).

Soares e Coelho (2016) estabeleceram uma análise comparativa de seis parques urbanos das cidades de Lisboa (Portugal) e Belém (Brasil), com o intuito de avaliar as suas paisagens sonoras. A metodologia adotada compreendeu medições acústicas, apuramento das atividades e usos do espaço através de passeios sonoros (*soundwalks*) e entrevistas. Realizaram-se 180 entrevistas no total, com pelo menos 20 em cada parque, e as suas questões pretendiam apurar com que frequência os participantes visitavam o espaço, por quanto tempo aí permaneciam, a sua avaliação geral dos vários elementos do parque, a sua perceção da qualidade e do nível sonoro dos sons existentes dentro e fora do seu recinto, e, por último, a sensação de tranquilidade percecionada (Soares e Coelho 2016:235).

Tanto em Belém como em Lisboa o ruído de trânsito foi considerado incomodativo, e à semelhança do ocorrido noutros estudos, percebeu-se que:

(...) the soundscape of a public park results from different features such as geography, climate, urban architecture, park infrastructure, sound sources, and most importantly the visitors' expectations for the planned activities, together with their other sensorial responses, which are different in distinct sociocultural and environmental contexts. (Soares e Coelho 2016:245).

Também acontecimentos como, por exemplo, a perda da folhagem de algumas árvores no Inverno altera o comportamento de certos animais, nomeadamente das aves, tornando um jardim menos apelativo. Algo a ter em consideração é que, à semelhança do que sucede com o ruído, dependendo da atividade que se executa no momento, um determinado som pode ser considerado agradável ou desagradável (*Ibid.*,244).

Para finalizar, os autores concluem que ambientes cuidados, seguros, limpos e que contenham elementos naturais, demonstraram ser agradáveis em ambos os contextos culturais, motivando os seus visitantes a estar aí mais tempo “before returning to the ‘urban reality’, to face features such as road traffic” (*Ibidem*).

## 2.3. Estudos sobre o ambiente sonoro de parques e jardins urbanos em Portugal

Para além do trabalho de Soares e Coelho, é possível encontrar outros estudos sobre a sonoridade dos jardins urbanos e outros espaços verdes em Portugal, sobretudo no âmbito de dissertações de mestrado de diversas áreas de estudo, designadamente, Culturas Visuais, Som e Imagem ou Engenharia do Ambiente. Na maioria destes trabalhos, a metodologia baseia-se em medições acústicas e na sua análise e comparação de níveis sonoros entre os vários pontos do espaço, comparando com outros jardins e parques ou com valores de estudos semelhantes. Os projetos que cito seguidamente contribuíram também com algumas noções e pontos de partida para pensar e organizar o meu trabalho.

No artigo “Jardins urbanos da cidade do Porto. Análise acústica” (Carvalho 1990) é apresentada uma análise de seis jardins do Porto relativamente ao “efeito dos jardins como possíveis criadores de espaços delimitados onde se pode sentir algum recolhimento face à envolvente exterior e onde os visitantes possam aliviar o seu ‘stress acústico’ causado pelo ruído urbano” (Carvalho 1990:125). Foram efetuadas medições acústicas com a duração de 30 segundos em diversos locais, que indicaram que os jardins analisados não oferecem níveis de conforto “minimamente aceitáveis”, com exceção de um deles, por ser um local de acesso condicionado (*Ibid.*,126,131). Neste sentido, o autor sugere a criação de “jardins acústicos”, ou seja, espaços onde se poderia aliviar o “‘stress acústico’ causado pelo ruído urbano” (*Ibid.*,132).

Por outro lado, a dissertação de mestrado “Acústica de parques e reservas naturais em Portugal” (Pereira 2013) centra-se na

(...) caracterização e análise dos níveis sonoros encontrados em algumas áreas naturais portuguesas e avaliar se a paisagem sonora dos locais estudados está próxima da paisagem sonora a ser mantida, protegendo os utilizadores do parque e a vida selvagem que aí reside ou se a influência do Homem já se faz sentir nestas áreas tidas como escape da urbanização (Pereira 2013:2).

A metodologia usada assenta novamente em medições dos níveis sonoros de várias áreas naturais portuguesas para que, posteriormente, se proceda a uma comparação

entre este estudo e outros realizados no estrangeiro, com a finalidade de apurar se medidas adotadas nesses países se adequarão ao âmbito português “para melhorar a paisagem sonora destes locais” (*Ibidem*). Curiosamente, o autor informa que procederá também a uma comparação dos dados recolhidos no contexto deste projeto com os de um realizado anteriormente em jardins e parques urbanos do Porto com o intuito de compreender “quais as diferenças entre os dois tipos de local e se compensa a fuga para as áreas naturais, ou se, por outro lado, os parques urbanos cumprem satisfatoriamente o papel de fuga ao ruído antropogénico” (*Ibidem*).

A apresentação do enquadramento foca precisamente a questão do ruído, ou poluição sonora, e a necessidade de uma “procura de áreas naturais reconhecidas pelo seu ‘silêncio’”, alertando, de seguida, que esta ideia de associar áreas naturais a silêncio é, porém, bastante errada já que “apenas por uma questão de perceção, de um pré-condicionamento, quando um indivíduo se desloca a um espaço natural, acaba por não dar importância aos sons da natureza como o efeito do vento nas folhas ou o som de água a correr, por serem sons já esperados pelo nosso cérebro” (*Ibid.*,1).

Concluiu-se que os parques escolhidos para a realização deste estudo apresentam “melhores resultados em quase todos os parâmetros” comparativamente aos valores do estudo sobre o Parque da Cidade do Porto (*Ibid.*,116). Determinou-se ainda que a maioria das zonas medidas apresenta níveis de ruído inferiores aos estabelecidos pela OMS e que, apesar de o estudo ter revelado uma qualidade sonora de boa qualidade na maioria dos espaços analisados, a conjuntura atual não é a ideal visto não se verificar uma ausência de ruído (*Ibid.*,116-117).

Um estudo semelhante foi desenvolvido com o propósito de analisar o ruído no ordenamento do território num meio urbano e de apurar o seu papel na saúde da população, tendo sido escolhido como estudo de caso o concelho de Cascais (Belo 2013). Procurou-se identificar as principais fontes de ruído e o seu impacto, e proceder-se a uma análise da distribuição acústica, elaborando-se posteriormente uma proposta de zonamento acústico, com o intuito de compreender de que forma os habitantes do concelho conhecem os efeitos do ruído na saúde, a legislação em vigor e o efeito que este provoca nos residentes de Cascais (Belo 2013:3,83).

Determinou-se que o ruído mais incomodativo é o proveniente do trânsito automóvel e os menos notados são os originados pelo tráfego ferroviário e pela indústria (*Ibid.*,85). Estas últimas fontes foram também consideradas as que menos perturbam relativamente ao ruído audível nas habitações, tendo o trânsito automóvel e a vizinhança



sido os ruídos mais incomodativos (*Ibid.*,86). Numa apreciação sonora geral, a qualidade sonora da zona de Cascais foi considerada adequada, concluindo-se que “o ruído, não sendo um fator crítico de incómodo no concelho, constitui um problema em algumas zonas, facto comprovado pelos mapas de ruído e de conflito elaborados pela Câmara Municipal” (*Ibid.*,88,94).

O trabalho de António Carvalho (1990) sobre os parques e jardins da cidade do Porto referido acima serviu de ponto de partida para um novo estudo realizado em 2011, que inclui alguns dos jardins analisados nesse artigo e outros que ainda não existiam então, permitindo, no caso dos jardins já existentes, estabelecer uma comparação entre os valores das medições anteriores com os do projeto mais recente (Dias 2012). O estudo “O som e o ruído nos jardins urbanos do Porto” caracteriza e analisa os níveis sonoros dos parques e jardins mais relevantes da cidade do Porto partindo de duas abordagens; uma caracterização acústica, conseguida através de medições do nível de ruído interior e exterior dos parques, e a realização de um questionário aos visitantes desses mesmos espaços com o intuito de compreender a sua “perceção da qualidade acústica e da tranquilidade transmitida por estes parques e jardins urbanos, tendo em conta como é percebida a paisagem sonora destes” (Dias 2012:1).

Os sons predominantes nas medições foram o tráfego rodoviário (primeiramente), e sons originados pelos visitantes dos jardins, como “passos no piso, diálogo, jogo de cartas e bicicleta” (*Ibid.*,151,193). À semelhança do Jardim do Campo Grande, também o som de aviões foi audível em alguns dos lugares estudados. O ruído do trânsito foi audível em todos os jardins embora mais de metade dos inquiridos não se tenha sentido incomodado com esse som, “levando até a uma habituação” (*Ibid.*,154). Concluiu-se que a maioria dos jardins não apresenta um ambiente sonoro mais silencioso que o que se encontraria numa habitação, o que comprova que o tamanho desses jardins não é grande o suficiente para que ocorra uma atenuação de sons de proveniência exterior (*Ibid.*,152,194). Ainda assim, a maioria dos visitantes dos jardins concordou que estes eram agradáveis e tranquilos o que, segundo o autor, demonstra que “na presença de um som agradável, como o canto dos pássaros, por exemplo, o grau de incómodo do nível de som predominante na paisagem sonora é relativamente baixo” (*Ibid.*,154). De certo modo, o ruído do exterior de um parque pode ser mascarado por outras fontes sonoras que também estejam presentes na paisagem sonora com origem no próprio parque, sendo dado o exemplo dos sons das aves, sons de pessoas e sons naturais, como o vento ou a água (*Ibidem*).

Na cidade de Lisboa foi também desenvolvido um estudo sobre três jardins da cidade, o do Príncipe Real, o Jardim da Estrela e o da Fundação Calouste Gulbenkian (Rodrigues 2015). Um dos objetivos deste projeto foi o de caracterizar a paisagem sonora de cada jardim recorrendo a medições acústicas, em pontos estratégicos dentro dos jardins e na proximidade das estradas em seu redor (Rodrigues 2015:3). Averiguou-se de que modo as pessoas compreendem as paisagens sonoras desses parques tendo-se para esse fim procedido à elaboração de um inquérito a ser respondido pelos visitantes de cada espaço (*Ibidem*).

Os resultados mostraram que os níveis sonoros dos parques em questão são elevados, especialmente nas zonas mais periféricas, e que o som do trânsito é dominante nos três jardins (*Ibid.*,82). Ainda assim, uma apreciação geral das respostas das entrevistas revelou que os inquiridos se encontram satisfeitos, tanto com o aspeto visual dos jardins como com o seu ambiente sonoro, tendo demonstrado preferência pelos sons naturais em detrimento dos sons associados aos transportes (*Ibidem*). À semelhança de outros estudos, o autor conclui que a “presença de elementos naturais nos parques tais como fontes de água, animais e parques infantis, contribuem para mascarar ou reduzir a perceção do ruído associado aos transportes melhorando assim a paisagem sonora” (Rodrigues 2015:82).

Outro estudo que gostava de referir, embora não aborde espaços verdes urbanos, é o projeto “*Sharawadji*”<sup>4</sup> que visou mapear os “significados sociais do ruído no meio urbano” (Coelho 2013:58) e é apresentado como sendo “uma instalação interativa que retrata seis casos de ruído de vizinhança analisados na cidade de Lisboa, de forma a ser possível refletir sobre a importância do som no meio urbano” (Coelho 2013).

O autor formulou questionários e fez alguns “passeios sonoros” nos espaços que seriam posteriormente estudados (*Ibid.*,63). Conversa com algumas pessoas sobre o ruído e as suas experiências com este, como Hugo e Dona Ivone que vivem em zonas movimentadas e ruidosas de Lisboa. Nas entrevistas o autor tenta compreender como escutam os sons que os rodeiam no quotidiano e como lidam com eles; o primeiro vive num apartamento numa cave, situado numa rua movimentada em Algés e a senhora numa rua com vários clubes noturnos na zona do Bairro Alto (*Ibid.*,78). Vasco, outro entrevistado, é incomodado pelos galos dos vizinhos (*Ibid.*,86) e um outro caso, o de um bar em Alfama, em que a música, mas sobretudo o som das palmas, incomodava os

---

<sup>4</sup> O nome do projeto advém de um efeito sonoro com o mesmo nome e que se define como “um efeito estético, caracterizado pela sensação de plenitude que por vezes acontece na contemplação de uma paisagem sonora complexa, que possui uma beleza inexplicável” (Coelho 2013:115).

moradores das habitações mais próximas tendo, por isso, surgido a necessidade de substituir os aplausos por “palmas esfregadas” (*Ibid.*,95). Em todos os casos parece haver uma adaptação ao contexto por parte dos entrevistados, seja dos que produzem ruído, dos que sofrem com o ruído produzido por outrem, ou os que se enquadram em ambas as situações.

Registos áudio dos ambientes acústicos das pessoas entrevistadas, os próprios áudios das entrevistas e fotografias desses espaços físicos resultaram numa instalação interativa que permitia que vários ambientes sonoros se misturassem o que, por sua vez, poderia criar o efeito *sharawadji* (*Ibid.*,108,116). De acordo com o autor, esta instalação sonora surge como uma materialização da sua pesquisa que possibilitava “uma leitura mais clara da dimensão acústica dos espaços analisados, bem como para explorar novos territórios criativos” (*Ibid.*,110). Esta instalação pretendia também “estimular a capacidade percetiva do observador, a partir da escolha dos eventos disponíveis no espaço da instalação” (*Ibid.*,114).

## 2.4. Discussão

A revisão da literatura existente sobre a sonoridade dos parques e jardins urbanos revelou a existência de alguns tópicos recorrentes, nomeadamente o estudo da poluição sonora, que parece ser o impulso de investigações que se debruçam na análise e compreensão dos espaços verdes de uma perspetiva crítica e ecológica.

Assim, o ruído como fenómeno sonoro aparece como uma preocupação central em muitos dos trabalhos aqui referidos, associado na maioria dos casos a uma avaliação da qualidade dos ambientes sonoros e do seu impacto ao nível do território, da comunidade ou do indivíduo. Embora a presença de espaços verdes nas cidades seja reconhecida pelos diversos autores como positiva e benéfica para a saúde e o bem-estar dos habitantes, a perceção sonora dos usuários remete com frequência para sons considerados indesejados, uma realidade asseverada em alguns estudos através de medições dos níveis sonoros da envolvente dos jardins e parques estudados. É, aliás, bastante interessante observar como em muitos casos, a perceção do ambiente sonoro de um determinado parque está condicionada pela perceção visual que se tem desse espaço. Deste modo, a identificação dos espaços verdes urbanos com certos ideais de silêncio, tranquilidade ou sossego está mais relacionada com a visão do que com a audição. A presença de vegetação ou elementos aquáticos (como uma fonte ou um lago), influencia

mais o modo como os usuários experienciam ou apreciam o ambiente do jardim, do que as suas sonoridades que emergem com frequência abafadas pelo ruído do trânsito que circula no seu redor. Assim, a maioria dos estudos citados demonstra a nossa dependência da visão e a sua sobrevalorização (tanto no ato da percepção como no momento da análise) relativamente aos outros sentidos.

Um outro elemento comum à maioria destes trabalhos é o uso de metodologias quantitativas para a recolha de informação. Estas incluíam a realização de inquéritos e a medição dos níveis sonoros dos parques em estudo para a sua posterior análise utilizando ferramentas estatísticas.

Apesar de no contexto português a apreciação sonora quantitativa ser bastante comum, essa abordagem não foi adotada neste trabalho, porém, algumas das conclusões são adaptáveis e aparentam estar em conformidade com o Jardim do Campo Grande, nomeadamente a falta de elementos que funcionem como barreiras sonoras que o separem do exterior e os elementos espaciais e visuais do jardim influenciarem, em determinados casos, as respostas à questão sobre o som preferido colocada aos inquiridos.

### 3. Enquadramento teórico

Os trabalhos referidos na secção anterior abordam o estudo da sonoridade dos parques e jardins urbanos de campos disciplinares distintos, mobilizando variadas abordagens metodológicas e teóricas. No caso do presente estudo optei por enquadrar a minha pesquisa no âmbito dos princípios da ecologia acústica, adotando a noção de “paisagem sonora” (*soundscape*) do compositor e investigador canadiano R. Murray Schafer (1994) como um dos conceitos-chave sobre o qual esta investigação foi desenvolvida. Neste capítulo irei expor brevemente os autores relevantes para a realização deste trabalho.

#### 3.1. A ecologia acústica como um campo de estudos interdisciplinar

A ecologia acústica tem as suas origens na preocupação com o meio ambiente e na consciência ecologista que surge no Ocidente nas décadas de 1960 e 1970. Nessa altura, um grupo de músicos e investigadores, como Barry Truax e Hildegard Westerkamp associados a Murray Schafer, criaram na Simon Fraser University (Canadá) o *World Soundscape Project*, um grupo de pesquisa cuja finalidade era aumentar a conscientização ambiental, combater a poluição sonora e dedicar-se a um estudo comparativo das paisagens sonoras (Pinch e Bijsterveld 2012:7; Schafer 1994:275)<sup>5</sup>. Este projeto pretendia, então, procurar soluções para atingir uma paisagem sonora ecologicamente equilibrada em que a relação que se estabelece entre esse ambiente sonoro e a sua comunidade resultasse numa relação harmoniosa<sup>6</sup>, sugerindo o *soundscape design* como uma alternativa à poluição sonora (Pinch e Bijsterveld 2012:7).

Da criação do *World Soundscape Project*, em 1971, resultaram inúmeros estudos e investigações tratando várias questões relacionadas com o som, “all of which have attempted to unite the arts and sciences of sound studies in preparation for the development of the interdiscipline of acoustic design” (Schafer 1994:275)<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Deste projeto resultaram ainda inúmeros estudos e publicações como *The Book of Noise*, *The Music of the Environment*, *A Dictionary of Acoustic Ecology* ou *Five Village Soundscapes* (Schafer 1994:275).

<sup>6</sup> <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/world-soundscape-project/>

<sup>7</sup> Já na década de 1990 o *World Soundscape Project* viria a dar origem ao *World Forum for Acoustic Ecology*, que reúne indivíduos e organizações “who share a common concern for the state of the world’s

Schafer, o seu impulsionador, define a ecologia acústica como “the study of the relationship between living organisms and their environment” e explica que, para compreender o que é o design acústico, se deve considerar a paisagem sonora do mundo como “a huge musical composition, unfolding around us ceaselessly” e pela qual somos responsáveis (*Ibid.*,205). Enquanto campo interdisciplinar, o design acústico

(...) should function alongside any form of urban development and architectural work, for the designing of the built environment has radical implications for the acoustic environment: population density, noise pollution, the erasure of “soundmarks”, obliteration of clear acoustic territory all result from a lack of acoustic awareness on the part of urban planners (LaBelle 2006:202).

Influenciada pelos trabalhos de Schafer, a investigadora e artista sonora portuguesa Raquel Castro define a ecologia acústica como “o estudo dos efeitos do ambiente acústico ou paisagem sonora nas respostas físicas ou características comportamentais das criaturas que vivem dentro dele” (Castro 2007:49). Central para esta definição é o conceito de ecologia, entendido como “a necessidade de equilíbrio entre criaturas vivas e [o seu] ambiente natural” (*Ibid.*,48).

Este equilíbrio entre o som e o meio ambiente é também assinalado por Barry Truax ao definir a paisagem sonora natural

como um sistema de partes inter-relacionadas cuja ecologia acústica reflete o equilíbrio ecológico natural. Para estudar estes sistemas é necessário experienciá-los e por isso até a paisagem sonora natural tem de incluir um ouvinte (Truax 2004:57 em Castro 2007:52).

Neste sentido, Castro salienta que atualmente existem poucas paisagens sonoras naturais que não incluam intervenções humanas e que, assim sendo, se considera que “para a ecologia acústica, as paisagens sonoras naturais façam parte das paisagens sonoras humanas” (Castro 2004:52).

---

soundscapes”. Desde então esta associação internacional promove uma intensa atividade de eventos, conferências, publicações, pesquisas e projetos educativos que focam a atualidade do campo interdisciplinar da ecologia acústica. <https://www.wfae.net/>

### 3.2. O conceito de paisagem sonora (*soundscape*)

Schafer introduz o conceito de *soundscape*, ou paisagem sonora, que será fulcral para estudar a relação entre o som e o seu ambiente sonoro. O termo estabelece uma analogia com a ideia de *landscape* (paisagem) podendo, por isso, ser definido simplesmente como o ambiente sonoro de uma qualquer paisagem, o conjunto de todos os sons audíveis numa área ou território definido, sendo “an intimate reflection of the social, technological and natural conditions of the area” ou simplesmente uma “acoustic manifestation of ‘place’”<sup>8</sup>.

Botteldooren *et al.* afirmam que o conceito tem sido usado em vários campos de estudo adquirindo, portanto, diversas definições (Botteldooren *et al.* 2014:1). Os autores explicam ainda que uma paisagem sonora se constitui num contexto particular e como a percepção é moldada por vários estímulos sensoriais, pelos conhecimentos que cada pessoa reúne sobre esse local, o seu uso, o seu significado cultural e as suas motivações para estar aí (*Ibidem*). Por estar conectado a uma paisagem física, pode considerar-se um reflexo sonoro desse local e, precisamente por alguns autores afirmarem que não existe uma definição universal do vocábulo, demarcam usualmente nas suas investigações uma aceção semelhante às acima enunciadas adaptada ao contexto dos seus trabalhos.

Soares e Coelho (2016:233), por exemplo, optam pela seguinte definição: “soundscape is understood as the acoustic environment of a place, perceived or experienced by people in its context, which results from the action and interaction of natural and/or human factors”. Já Liu *et al.* (2013:2) definem paisagem sonora como sendo “the full range of perceptible sounds in a given landscape, at a given time, and the way humans respond to these acoustical cues that contribute significantly to the characteristics of a landscape”. Ambas as definições enfatizam a importância do fator humano na própria conceção do conceito, visto que, os sons proporcionam aos habitantes de um determinado território um “sentido de lugar” e, simultaneamente, a sua qualidade acústica é moldada pelas atividades e comportamentos dos seus residentes.

De acordo com Eisenberg (2015) a primeira referência ao termo é feita pelos autores Edmund Carpenter e Marshall McLuhan, porém, não exatamente como “paisagem sonora”, mas sim como “espaço acústico” (*acoustic space*), num texto que explora a forma como a visão e a audição influenciam o modo como percebemos um

---

<sup>8</sup> <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/world-soundscape-project/>

determinado espaço ou situação (Carpenter e McLuhan 1960). Neste caso, a visão é o sentido principal e a audição um complemento que, contrariamente à visão, não apresenta limites, uma vez que, “we hear instantly anything from any direction and at any distance, within very wide limits” e, ao mesmo tempo, o espaço acústico não apresenta pontos favorecidos nem limites fixos, ao contrário de um enquadramento visual, é sim “dynamic, always in flux, creating its own dimensions moment by moment. It has no fixed boundaries; it is indifferent to background” (*Ibid.*,67-68). Também Schafer define o espaço acústico de um determinado objeto sonoro como sendo a amplitude de espaço em que esse mesmo som é audível (Schafer 1994:214).

Eisenberg salienta que a noção de *soundscape*, criada por Schafer e que se manteve associada à noção de ecologia acústica durante meio século, pode não ser a mais adequada para entender a relação entre som e espaço, e que por essa razão já foi contestada por vários investigadores, considerando que “the writings of music composer R. Murray Schafer, reproduced a set of reductive binary oppositions between the visual and the auditory” (Eisenberg 2015:195,197). Sublinhando como *soundscape* é verdadeiramente problemático como conceito-chave para os *sound studies*, o autor apresenta o modo como outros investigadores descrevem as “interrelations of sound, space, and the social in different ways, often with limited or no engagement with Schafer’s term” (*Ibid.*,198). Assim, cita termos como *auditory landscape* de Alan Corbin, *acoustemology* de Steven Feld (que se relaciona com o ambiente sonoro e a possibilidade de conhecer um local através deste) e apresenta também o que designa por uma redefinição do conceito de *soundscape* (como sendo “simultaneously a physical environment and a way of perceiving that environment”) por Emily Thompson, noções que considera mais adequadas relativamente à apresentada por Schafer (*Ibidem*). No seu texto, Eisenberg esclarece ainda como o som e o espaço se encontram interligados, dado que o som não existe sem esse meio de propagação e por “the process of audition attaches a spatial ‘narrative’ to each sound” (*Ibid.*,193).

Para Kelman (2010), o termo “paisagem sonora” é ao mesmo tempo indispensável e elusivo, provocativo e limitado. O autor apresenta duas formas de usar o conceito e defende que o termo *soundscape* soa bem, porém, tem pouco significado já que é bastante utilizado, mas pouco aprofundado (Kelman 2010:220). Por outro lado afirma que, por vezes, o conceito é aplicado embora o seu significado seja alterado para que corresponda às necessidades de cada autor, exemplificando com *seascape* de Shelemay, que se aplica



apenas ao estudo da música, ou *comunicação*, adotado por Truax e adaptado ao conceito de “comunidade acústica” (*acoustic community*) (*Ibid.*,223-224).

O antropólogo Tim Ingold (2007) assume também uma posição crítica em relação ao conceito de *soundscape* e defende que este deveria ser abandonado, reforçando que os sentidos não se separam do meio em que nos encontramos e que uma paisagem (*landscape*) não se prende a nenhum sentido, já que estes cooperam em conjunto e as suas contribuições são impossíveis de separar (Ingold 2007:1). Na sua opinião o som “is neither mental nor material, but a phenomenon of *experience* – that is, of our immersion in, and commingling with, the world in which we find ourselves” (*Ibid.*,2). Acrescenta que por ser modelado pelo conceito de paisagem, paisagem sonora coloca ênfase nas *superfícies*, embora o som, tal como a luz, seja uma infusão no *meio* em que nos encontramos (*Ibidem*). Assim, termina explicando que o confinamento a um lugar, é uma “form of deafness” (*Ibid.*,3).

Independentemente das críticas ou limitações do conceito de paisagem sonora formulado por Schafer na década de 1970, é incontestável que a noção de *soundscape* continua a ter relevância nos estudos sobre som. Apesar das oposições ao termo, este estabeleceu-se como um bom ponto de partida para questionar o modo como se estudam os elementos sonoros de um qualquer ambiente, as imperfeições nas análises que lhe podem ser executadas, permitindo que outras definições e conceitos surgissem no âmbito deste campo de estudos.

### 3.3. Um vocabulário para falar do som e da sua relação com o ambiente

No livro *The Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World* (1994), Schafer desenvolve uma terminologia para falar de som. O compositor canadiano propõe uma distinção de dois tipos de paisagens sonoras: as paisagens *hi-fi* e as *lo-fi*, como uma forma de reforçar o contraste entre ambientes sonoros de períodos pré-industriais e pós-industriais (Wrightson 2000:10). O primeiro é caracterizado como sendo um ambiente sonoro equilibrado, com um baixo nível de ruído ambiente (ou seja, sem ruído que mascare outros sons) em que os sons mais discretos podem ser escutados de forma clara (Schafer 1994:43). Já um ambiente *lo-fi* contrasta com o anterior e surge quando existe um congestionamento ou acumulação de sons em que alguns são

mascarados ou abafados por outros do espaço envolvente, podendo mesmo formar uma “parede sonora” (*sound wall*) que separa o ouvinte do ambiente (Schafer 1994:71; Wrightson 2000:11).

Deste modo, um local rural, a noite e os tempos mais longínquos são apresentados como exemplos de ambientes *hi-fi*, por oposição à cidade, ao dia e aos tempos modernos como ambientes *lo-fi*, porém, ressalva que uma cidade muito povoada não tem obrigatoriamente um ambiente sonoro de natureza *lo-fi* (Schafer 1994:43,237). Ainda assim, num ambiente urbano predominam ruídos provenientes do trânsito ou associados ao desenvolvimento e crescimento da cidade, como a construção de edifícios ou outras estruturas, que formam um background sonoro monótono o que, por sua vez, dificulta a audição de outros sons que possam estar presentes nesse ambiente (Irvine *et al.* 2006:156).

Para Schafer, num qualquer ambiente sonoro podem ainda existir sons classificáveis como marcas sonoras (*soundmarks*), sinais sonoros (*sound signals*) e sons dominantes (*keynotes*), que devem ser elementos essenciais a ter em consideração num estudo ou projeto (Schafer 1994:53).

Considerando que uma comunidade pode ser caracterizada consoante vários parâmetros: políticos, geográficos, religiosos, ou sociais, é plausível que uma definição sonora possa ser ponderada o que, segundo Schafer, é uma opção ideal e vantajosa, esclarecendo com alguns exemplos, como o alcance do sino de uma igreja que delimita, de certo modo, uma paróquia (*Ibid.*, 215). Truax apresenta uma explicação desta comunidade acústica como sendo:

(...) any soundscape in which acoustic information plays a pervasive role in the lives of the inhabitants (...). Therefore, the boundary of the community is arbitrary and may be as small as a room of people, a home or building, or as large as an urban community, a broadcast area, or any other system of electroacoustic communication. In short, it is any system within which acoustic information is exchanged (Truax 1984:58).

Schafer alerta, no entanto, que num ambiente de baixa definição (*lo-fi*) sons como uma sirene, se podem sobrepor a um sino, impedindo a sua clara percepção (Schafer 1994:216). Estes dois sons podem encaixar-se na categoria de sinais sonoros (*sound signals*), que são sons que se destacam num primeiro plano da paisagem sonora de uma

comunidade e podem deter a função de transmitir uma informação (como os sinos, sirenes ou buzinas) (Truax 1984:58).

Se, por outro lado, estes sinais assumirem importância histórica ou alguma característica singular, podem ser considerados marcas sonoras (*soundmarks*) e deve ser feito um esforço para os preservar (*Ibid.*,59). As marcas sonoras detêm a particularidade de caracterizarem ou refletirem uma comunidade, mesmo que esses sons não sejam considerados agradáveis (Schafer 1994:10,239).

Alguns sinais sonoros podem ainda ser *keynotes*, sons que são escutados continuamente formando um background sonoro, sendo originados pela geografia e clima da área e, portanto, nem sempre são escutados conscientemente (*Ibid.*,9-10,272). Truax salienta que a razão para a escolha do termo não se deve a qualquer peculiaridade desse som, podendo, precisamente, fazer parte do ambiente sonoro “at a low, constant level, such as electrical hum or distant traffic” ou, por outro lado, pode ser considerado também um sinal sonoro, como as já referidas sirenes ou os sinos de uma igreja (Truax 1984:22).

### 3.4. O silêncio e o ruído

Durante o decorrer do trabalho de terreno, e especialmente durante a realização das entrevistas e inquéritos aos usuários do jardim, as referências ao silêncio e ao ruído apareceram de forma recorrente. O silêncio e o ruído constituem-se como dois elementos de definição e percepção subjetivas que devem ser tidos em consideração na análise de uma qualquer paisagem sonora. O primeiro é comparado à ausência de existência:

Man likes to make sounds to remind himself that he is not alone. From this point of view total silence is the rejection of the human personality. Man fears the absence of sound as he fears the absence of life (Schafer 1994:256).

Schafer realça, contudo, que se refere ao Homem Ocidental “the contemplation of absolute silence has become negative and terrifying for Western Man” (*Ibidem*). Para Chion, o silêncio “é um vazio neutro; é o negativo de um som que ouvimos anteriormente ou que imaginamos; é o produto de um contraste” (Chion 2008:50). Sorensen afirma ainda que o silêncio é algo que ouvimos, que é a ausência de sons e que, por vezes, só percebemos um silêncio mais longo quando este é quebrado (Sorensen 2009:126-127).

Em contrapartida, Schafer afirma que o silêncio é sempre relativo e nunca pode ser absoluto, apoiando-se numa experiência realizada por Cage numa sala anecoica em que, em vez de presenciar o silêncio absoluto, Cage constatou que ainda era possível ouvir dois sons que seriam provenientes da sua circulação sanguínea e do seu sistema nervoso (Schafer 1994:256). Carlos Augusto, indica também que uma câmara anecoica ou um deserto são os exemplos mais aproximados de silêncio absoluto que se podem presenciar e que este poderá ser associado à morte porque um “corpo vivo emite som e, por isso, não há silêncio. (...) Enquanto há vida, há som” (Augusto 2014:45-47). O mesmo compositor, teoriza que a paisagem sonora é formada por som e silêncio, e que para haver o último é necessário haver o primeiro, sendo categorias simétricas (*Ibid.*,50). Esclarece também que “o silêncio é uma construção mental elaborada pelo indivíduo e pela sociedade” e compara-o ao ruído elucidando que ambos destroem o equilíbrio da paisagem sonora (*Ibid.*,50,52).

O conceito de ruído possui igualmente vários significados embora Schafer considere que o mais adequado seja o de “som indesejado”, (*unwanted sound*) esclarecendo que se trata de uma definição subjetiva dando o exemplo de que a música de uma pessoa pode ser o ruído de outra, reconhecendo, ainda assim, que o conceito de ruído tende a ser partilhado por uma sociedade (Schafer 1994:183). Truax, acrescenta que um som se torna ruído devido não apenas a alguma das suas propriedades, mas igualmente dependendo da ocasião em que é escutado, dando o exemplo do trânsito que pode ser suportável durante o dia e inaceitável durante a noite (Truax 1984:86). À semelhança de Schafer, corrobora a definição de ruído como sendo um som indesejado, parecendo, portanto, ser a definição subjetiva mais adotada (*Ibidem*).

Para David Novak (2015), o ruído e a música distinguem-se sob fundamentos estéticos, precisamente porque esta última é “constituted by beautiful, desirable sounds” e o ruído, contrariamente, é formado por “sounds that are unintentional and unwanted” (Novak 2015:126). Aponta ainda outra perspetiva acerca do ruído e da sua ligação com as cidades desenvolvidas, nomeando a poluição sonora como um sinónimo do ruído, embora este não seja necessariamente de origem tecnológica já que um som de origem “natural” pode do mesmo modo ser considerado ruído (*Ibid.*,129).

No Regulamento Geral do Ruído, que pretende “a prevenção do ruído e o controlo da poluição sonora visando a salvaguarda da saúde humana e o bem-estar das populações”, o ruído é definido por um parâmetro físico-matemático que determina o número de decibéis a partir do qual uma determinada fonte sonora é considerada ruído

suscetível de causar incómodo<sup>9</sup>. Na legislação atual, a definição do que é considerado ruído ou não depende de diversos fatores, como o zonamento (zonas mistas, sensíveis e urbanas consolidadas), os “períodos de referência” (períodos: diurno, do entardecer e noturno) e os tipos de ruído (como ruído ambiente, ruído de vizinhança, ruído residual ou ruído particular)<sup>10</sup>.

Apesar da formulação de leis de controlo de ruído, a sua aplicação nem sempre se concretizou eficazmente e o ruído foi sendo gradualmente caracterizado como consequência inevitável do progresso tecnológico, conduzindo a um crescente desejo pelo silêncio (*Ibid.*,128).

### 3.5. Para além do conceito de *soundscape*: o efeito sonoro (*sound effect*)

Até então, tem sido explorada a proposta analítica de Schafer para estudar ou considerar *soundscapes*, que inclui alguns dos elementos sonoros que se podem encontrar numa paisagem e que são fundamentais para a sua compreensão; porém, considerando as críticas de diversos autores a esta metodologia, nomeadamente ao próprio conceito de *soundscape*, é possível constatar que esta possui algumas limitações.

Assim, desde a década de 1980, uma equipa de investigadores do CRESSON<sup>11</sup>, fundado na Escola Nacional Superior de Arquitetura de Grenoble, tem desenvolvido métodos de pesquisa multidisciplinares e ferramentas analíticas que permitem descrever e examinar a composição sonora dos ambientes urbanos partindo de outras perspetivas. É o caso do conceito de “efeito sonoro” (*sound effect*), concebido como um instrumento para “analyze the experience of everyday sounds in the contexts of architectural and urban spaces” (Augoyard e Torgue 2005:xiii). O termo foi introduzido ainda na década de 1980 com a intenção de responder à necessidade de um conceito que abrangesse três critérios: “interdisciplinarity; suitability to the scale of the urban situations to be observed; and capacity to integrate dimensions beyond aesthetic design” e tem vindo a tornar-se mais necessário nas ciências sociais, estudos urbanos e acústicas aplicadas (*Ibid.*,7).

---

<sup>9</sup> <https://dre.pt/pesquisa/-/search/522807/details/maximized>

<sup>10</sup> <https://dre.pt/pesquisa/-/search/522807/details/maximized>

<sup>11</sup> *Centre de Recherche sur l'Espace Sonore et l'Environnement Urbain*  
<http://www.grenoble.archi.fr/recherche/cresson.php>

“Efeito sonoro” amplia a terminologia disponível para classificar e analisar os fenómenos sonoros, para Atienza este conceito é particularmente útil dado que “el efecto describe los vínculos existentes entre las dimensiones física y humana del entorno, entre el espacio sonoro, nuestra percepción, y el modo en que lo representamos” (Atienza 2008:4). O ponto de partida para esta equipa é a ideia de que nenhum evento sonoro pode ser isolado das condições físicas e temporais de propagação do seu sinal físico, deste modo, na obra *Sonic Experience: a Guide do Everyday Sounds* (2005), os autores Augoyard e Torgue descrevem um glossário de 82 efeitos sonoros que se podem encontrar em ambientes sonoros do quotidiano. Partindo desta obra, foi possível analisar a paisagem sonora do Jardim do Campo Grande, como veremos na secção 7.5.. Alguns dos efeitos encontrados referem-se às dinâmicas sonoras do jardim ou à relação destas com as do ambiente em seu redor. Outros relacionam-se com uma análise das respostas dos inquiridos relativamente ao seu som favorito e ao modo como eu própria escutei e interpretei algumas das sonoridades do jardim.

### 3.6. A escuta

São vários os autores que referem a importância da escuta e as diferentes atitudes de escuta que se podem adotar perante um som ou ambiente sonoro. Schafer, por exemplo, dedica-lhe uma secção do seu livro realçando a importância de aprender a ouvir e da execução de exercícios de *ear cleaning*, clarificando que é num ambiente desconhecido que a nossa audição capta mais sons (Schafer 1994:208,211). Carlos Augusto escreve que observamos mais a nossa realidade do que a escutamos e que, é precisamente através de uma escuta atenta do ambiente em que nos encontramos e dos seus sons, que obtemos informações essenciais acerca deste (Augusto 2014:16). Sendo a escuta uma ação contínua e fulcral para a perceção do que nos rodeia, faz sentido que existam diferentes modos de escuta que podem ser resultantes de alterações nas suas próprias condições, “as listening can potentially incorporate a multitude of intentions” (Tuuri e Eerola 2012:5-7).

Chion (2008) propõe três atitudes de escuta: a causal, a semântica e a reduzida. Descreve a escuta causal como sendo a mais comum, a mais enganadora e a que nos permite informarmo-nos através do som, a escuta semântica como aquela que diz respeito a uma linguagem e que, portanto, “permite interpretar uma mensagem” e, por fim, a escuta reduzida, que aborda o som como sendo apenas som, ou seja, como um objeto (Chion 2008:27-30).

Evocando Schaeffer e Chion, os autores Tuuri e Eerola (2012) traçam uma distinção entre quatro modos de escuta: *listening*, *perceiving*, *hearing* e *comprehending* (Tuuri e Eerola 2012:7). O primeiro diz respeito à apreensão de algo ou alguém que produz som num dado contexto, *perceiving* refere-se a uma escuta passiva e *hearing*, por outro lado, é o foco de atenção em características de um determinado som (*Ibidem*). O último modo de escuta baseia-se na concessão de significados “extra-sonoros” ao som que se ouve (*Ibidem*).

No contexto deste trabalho pareceu importante abordar a escuta e as diferentes atitudes que poderemos adotar, uma vez que, nos questionários sócio acústicos a intenção de descobrir qual era o som favorito do ambiente sonoro do jardim colocava ênfase na audição. A meu ver, os questionados praticavam uma escuta passiva (*perceiving*) até a questão sobre som lhes ser colocada, passando para uma escuta focada (*hearing*) nos sons que ouviam nesse momento, para seguidamente selecionarem um.

Uma análise partindo das propostas de Chion permite pensar que a escuta causal é a que geralmente empregamos no nosso quotidiano e, portanto, aquela que usamos quando nos encontramos num qualquer espaço (neste caso no Jardim do Campo Grande), a escuta reduzida como a audição de todos os sons aí presentes e o foco nas suas características sonoras e, por fim, a escuta semântica, como aquela que permite a compreensão do questionário por parte dos entrevistados e o levantamento das suas respostas (da minha parte). Os meus passeios de escuta juntariam também as atitudes de escuta causal, num primeiro momento, e reduzida, enquanto ouvia mais pormenorizadamente as sonoridades do jardim.

Relativamente à forma de escuta aplicada à percepção de ambientes sonoros, Carlos Augusto evoca três tipos de escuta propostos por Truax: escuta em espera, escuta em sonda e escuta em fundo explicitando cada uma (Augusto 2014:75). A escuta em sonda permite ouvir todos os sons de um qualquer ambiente sonoro focando ou destacando, todavia, um determinado som (*Ibidem*). Na escuta em espera, todo um ambiente sonoro é escutado, mas nenhum som é distinguido ainda que todos possam ser reconhecidos, já na escuta em fundo nenhum é destacado (*Ibidem*).

Estas três atitudes de escuta adequam-se melhor ao modo como descreveria um passeio de escuta realizado no jardim comparativamente aos moldes propostos anteriormente por Chion ou Tuuri e Eerola. Assim, passando pelas três escutas, o passeio iniciar-se-ia com a escuta em fundo, seguida da escuta em espera e, num terceiro

momento, da escuta em sonda, iniciando, deste modo, a análise com um foco auditivo geral e terminando com um mais pormenorizado.

É importante salientar que apesar da eleição de um som, e um passageiro foco de atenção na sonoridade do jardim por parte dos questionados aquando da realização das breves entrevistas (independentemente do modo como estariam a escutar o seu ambiente), a sua resposta terá tido como base uma preferência pessoal e as suas expectativas sonoras relativamente à paisagem sonora do Jardim do Campo Grande, e não tanto o modo de escuta que estariam a utilizar no momento da resposta ao questionário.



## 4. Metodologia

A escolha do Jardim do Campo Grande como estudo de caso para este trabalho foi motivada por duas razões. Em primeiro lugar, como veremos no capítulo seguinte, por ser um dos espaços de recreio mais antigos de Lisboa, cuja evolução e desenvolvimento enquanto jardim decorre em paralelo à urbanização e expansão da cidade ao longo dos últimos séculos e, portanto, um espaço com uma história rica em eventos e sons. Em segundo lugar, a escolha deve-se também a razões práticas; por viver em Alvalade, o jardim era para mim um lugar conhecido que costumava atravessar no caminho da faculdade para casa e onde passava algum tempo livre.

Por outro lado, a crescente preocupação com aspetos relacionados com a melhoria da qualidade de vida e a sustentabilidade dos ambientes urbanos, tem colocado a recuperação dos jardins e dos espaços verdes de lazer no centro das políticas de reabilitação urbana de Lisboa nos últimos anos. Assim, esta aproximação qualitativa ao estudo do ambiente sonoro do Jardim do Campo Grande é um primeiro exercício para refletir de que forma um maior conhecimento sobre a perceção sonora deste lugar pode contribuir para criar espaços de tranquilidade e sossego no meio da agitada atividade urbana.

### 4.1. Observação, passeios de escuta e registos sonoros

Para a concretização deste estudo parti de uma metodologia qualitativa de orientação etnográfica que compreendeu a observação *in situ*, a escuta e a recolha de dados, através não só da observação direta como da realização de questionários e a pesquisa de fontes secundárias com o intuito de reconstruir a história do jardim. Assim, realizei passeios de escuta no seu recinto <sup>12</sup> (*listening walks*) e exercícios de escuta, com o intuito de inventariar todos os sons audíveis nesse ambiente (à semelhança do exercício que apresento no anexo 4), bem como das características do espaço e dos comportamentos dos seus visitantes, tais como as atividades que estes aí desempenhavam.

---

<sup>12</sup> Schafer explica que um passeio de escuta é uma caminhada ou passeio com a preocupação de escutar os sons de um local. *Soundwalks*, ou passeios sonoros, por outro lado, exploram os sons de uma paisagem sonora de um determinado local usando um mapa que conduz a audição para os sons aí existentes (Schafer 1994: 212-213). Para a realização deste trabalho considereei os passeios de escuta mais vantajosos visto não ter nenhum mapa ou guia com os seus sons.

O meu trabalho de terreno decorreu entre os meses de janeiro e junho de 2017. As visitas pressupunham abranger o máximo de horários e dias da semana, tendo decorrido entre as 8:00 horas da manhã e as 23:30, em qualquer dia da semana consoante o estado do tempo e a minha disponibilidade. A extensão de horários pretendia averiguar se existiam variações sonoras entre os diferentes períodos do dia e os vários dias da semana, bem como na frequência dos usuários do parque, e quais poderiam ser os fatores que exerciam influência nessas variáveis.

Durante este tempo usei um diário de campo no qual fui apontando as datas das minhas visitas ao jardim, a hora a que cheguei e a hora em que saí, indicações gerais sobre o estado do tempo, os sons que presenciei indicando em que zona comecei o trabalho, as atividades que aí decorriam, uma estimativa do número de pessoas, se vi alguém com quem já tinha conversado ou qualquer outra informação que considerasse pertinente.

Neste trabalho apenas foi tratada a zona norte do jardim visto a zona sul estar encerrada para obras de remodelação; o seu encerramento deu-se na altura do início deste estudo (início do Outono de 2016) e a sua abertura está prevista para o feriado do 25 de Abril de 2018. Para facilitar o mapeamento dos sons e das dinâmicas do jardim, dividi o espaço em três secções (zonas 1, 2 e 3, retratadas na figura 1), consoante as infraestruturas e o tipo de atividades que se realizam nessas zonas (e que consequentemente influenciam o seu ambiente sonoro). Partindo da Avenida do Brasil para norte, nomeei de zona 1 a primeira porção do jardim que compreende o parque canino e algumas árvores mais altas. Seguindo para a zona 2, encontram-se o lago, a Casa do Lago, o quarto de Ames, um grande relvado, algumas mesas, dois campos de pádel, uma área pavimentada onde se encontra o Caleidoscópio<sup>13</sup> que oferece um espaço exterior com mesas de refeição. Por último, na zona 3, a área mais a norte do jardim, situam-se mais campos de pádel, um café concerto e muitas áreas relvadas com árvores e arbustos de várias dimensões. Todo o parque é atravessado por passeios pavimentados e bancos e, no lado ocidental, existe ainda um passeio que liga os dois topos; de seguida apresento um esboço do parque, que desenhei por não ter encontrado nenhum mapa atualizado quando iniciei o meu trabalho

---

<sup>13</sup> O Caleidoscópio é atualmente um edifício da Universidade de Lisboa composto por uma sala de estudo, uma área de exposições e um anfiteatro. O seu piso térreo é ocupado pelo restaurante McDonald's. Este edifício foi construído na segunda metade do século passado e albergou diferentes serviços e funções, contudo, com a mais recente renovação do jardim o seu espaço foi também reaproveitado.

e, no anexo 1, apresento o mesmo mapa legendado para facilitar a compreensão da descrição anterior.



Figura 1: Esboço do Jardim do Campo Grande, visto de cima, com a divisão por zonas usada neste projeto.

Além das anotações no diário de campo, efetuei breves gravações sonoras com o intuito de registrar tanto os sons mais relevantes quanto os mais comuns do jardim, assim como a sua envolvente sonora em determinados pontos do espaço, que permitiram proceder uma análise atenta da paisagem sonora fora de contexto e afastada de estímulos visuais<sup>14</sup>. Deste modo conseguiria verificar se algum som poderia não ter sido escutado ou indeliberadamente ignorado enquanto me encontrava no jardim. Sendo a escuta uma experiência subjetiva (Coelho 2013:63; Tuuri e Eerola 2012:18) e sendo o som um componente de importância central no âmbito deste projeto, o exercício de escuta e a insistência na sua imparcialidade foi essencial, já que, por vezes, sons que escutamos constantemente se tornam impercetíveis à nossa audição.

Por fim, numa tentativa de compreender como as últimas remodelações realizadas ao jardim cuidaram certos aspetos, nomeadamente preocupações com o seu isolamento sonoro e visual, tentei contactar as entidades responsáveis pela gestão do jardim, primeiro a Freguesia de Alvalade, que me orientou para Câmara Municipal de Lisboa, no entanto, não obtive resposta desta última.

## 4.2. Questionários sócio acústicos

A realização de questionários aos usuários do jardim teve como finalidade complementar a informação recolhida através da observação no terreno, de modo a perceber melhor como os usuários se relacionam com este espaço; com que frequência o visitam e que tipo de atividades realizam nele. Por outro lado, o questionário incluía perguntas relacionadas com o ambiente sonoro do jardim, que tinham como objetivo apurar a forma como os visitantes o percebiam e valorizavam os sons que aí escutavam.

Inicialmente planeei saber de que modo as pessoas compreendiam o ambiente sonoro de um jardim urbano, todavia, a apresentação de um questionário demasiado extenso (com a avaliação de diversos parâmetros qualitativos, por exemplo) dificultaria a sua realização e posterior análise. Por ser um espaço público, onde as pessoas costumam estar de passagem ou imersas em diversas atividades, foi necessário adaptar o questionário original optando por um enunciado de poucas perguntas, de modo a não implicar incómodo ou interrupção prolongada dos afazeres dos entrevistados. A escolha dos visitantes a entrevistar foi primeiramente aleatória, contudo, com a experiência do

---

<sup>14</sup> Uma prática que Michel Chion denomina como “escuta acusmática”, que é aquela em que se escutam sons sem a visualização da sua fonte sonora (Chion 2008:61).

trabalho de terreno fui desenvolvendo algumas estratégias para identificar potenciais participantes no estudo.

Assim, durante a primeira fase do meu trabalho de terreno percebi que seria mais vantajoso excluir antecipadamente alguns dos usuários do jardim: evitei falar com pessoas que estivessem a ouvir música ou a conversar ao telefone, porque deparei-me que à partida estariam absortas ao ambiente sonoro em que se inseriam. Percebi também que não seria ideal conversar com conjuntos de pessoas que parecessem estar em família ou pares que parecessem casais de namorados. Não entrevistei igualmente pessoas que naquele momento se encontrassem a praticar exercício físico ou pais que estivessem a vigiar os filhos, que andavam de patins ou de bicicleta, por exemplo.

Deste modo, uma parte dos usuários do parque ficava previamente excluída pelas atividades que se encontrava a praticar ou pelo contexto social em que estava inserida. Ainda assim, apesar de uma pré-seleção da minha parte, algumas pessoas recusaram responder ao questionário porque, generalizando, pude constatar que muitas pessoas encaram com desconfiança alguém que as aborda na rua afirmando querer fazer algumas perguntas para um trabalho da faculdade.

Progressivamente fui desenvolvendo algumas estratégias para me aproximar dos usuários do jardim: idealmente aproximar-me-ia de quem caminhasse na direção oposta àquela em que eu circulava, e de pessoas que aparentassem não estar demasiado ocupadas que me pudessem dispensar uns minutos do seu tempo sendo que, em alguns casos, me ofereci para as acompanhar enquanto se deslocavam pelo parque. Ao longo do trabalho, notei que alguns usuários mais observadores pareciam curiosos quando me viam com um bloco de notas na mão, contudo, em muitas ocasiões reparei que se me vissem a aproximar de si tentavam evitar-me.

Ao apresentar-me explicava que estava a fazer um trabalho para a faculdade sobre o Jardim do Campo Grande e que não era necessário qualquer preparação ou informações sobre o próprio jardim ou a sua história. Ainda assim, houve quem aceitasse responder mostrando-se mais hesitante e frisando que não “sabia nada” sobre o parque. Enquanto fazia as perguntas escrevia rapidamente num bloco de notas as respostas ou qualquer outra observação que considerasse pertinente, para que mais tarde pudesse reescrever cuidadosamente essas informações.

### 4.3. A reconstrução da história do jardim através da sua sonoridade

Para a elaboração de uma história do jardim parti de fontes documentais como revistas e periódicos de diferentes períodos históricos, ou outras coletâneas que retratassem a realidade de uma Lisboa mais antiga e os seus costumes. Este trabalho de pesquisa em arquivos e bibliotecas permitiu reconstruir as mudanças na fisionomia do jardim, as remodelações que sofreu e como se foi aproximando do seu estado atual. Este levantamento da história do jardim permitiu apurar quais as atividades e eventos aí realizados ao longo do tempo e a relevância deste local nos hábitos da população das diferentes épocas. É importante sublinhar que o jardim nem sempre assim foi considerado e que o Campo Grande abrangia uma área mais vasta do que compreende atualmente, o que permitia a realização de alguns eventos que necessitariam de uma área espaçosa (como as corridas de automóveis, por exemplo), que não se encontraria dentro da cidade de Lisboa mas a uma distância bastante confortável.

A importância de apurar os usos do local revela-se igualmente pertinente para uma tentativa de reconstruir a envolvente sonora do jardim e do seu redor, já que estes produzem sons que, por sua vez, poderão ter sido elementos sonoros centrais e identitários do espaço, assumindo-se como fulcrais para a concretização da reconstrução sonora proposta neste estudo.

Uma pesquisa bibliográfica sobre a cidade de Lisboa permitiu reunir muitos pontos históricos sobre o jardim, auxiliando igualmente na sua reconstrução espacial e de outros elementos relevantes e complementares, remetendo ainda para outras fontes pertinentes a consultar.

### 4.4. Discussão

A leitura de obras de referência do campo da ecologia acústica, nomeadamente o livro de Murray Schafer, *The Soundscape: Our sonic Environment and the Tuning of the World* (Schafer 1994), ou o de Barry Truax, *Acoustic Communication* (Truax 1984), possibilitou uma aproximação a alguns dos conceitos relacionados com o estudo do ambiente sonoro aplicados ao longo deste trabalho. Este trabalho de pesquisa bibliográfica permitiu compreender os conceitos base da ecologia acústica e as várias

interpretações de alguns desses termos, se evoluíram e como são definidos por cada autor ou contexto de estudo.

Por forma a preparar o trabalho de terreno explorei artigos resultantes de estudos desenvolvidos em espaços verdes urbanos de modo a entender os seus objetivos, como interpretam e analisam o espaço e os seus elementos, como os consideram e como definem e integram os conceitos da ecologia acústica. Nestes projetos existe uma comum preocupação com o espaço, o som, as interações que aí ocorrem e como este conjunto é compreendido por quem aí habita ou aí se encontra, bem como outros fatores relacionados com qualidade ambiental ou possíveis benefícios para a saúde que todo o ambiente possa produzir e, embora o trabalho aqui apresentado tenha um foco diferente, pareceu interessante perceber que outras perspetivas de estudo poderiam ser seguidas. Deste modo, selecionei também estudos focados no som desenvolvidos no contexto português, com o intuito de entender os seus interesses, os conceitos destacados e a metodologia adotada. Estes estudos refletem uma importância crescente com o som e o seu impacto no quotidiano, na qualidade de vida dos seus utilizadores e no ambiente, sobretudo de uma perspetiva apoiada no ruído e na poluição sonora.

Os elementos e informações recolhidos dos procedimentos acima indicados permitiram a realização deste projeto que, assentando na etnografia (de uma perspetiva sonora) se baseia na recolha de dados, observações, registos escritos e sonoros que permitiram a formulação de conclusões e providenciaram a resposta aos interesses deste estudo.

Apesar dos ajustes nos procedimentos do trabalho de terreno, a recolha de informação no jardim apresentou algumas dificuldades. Num tom mais reflexivo, irei seguidamente referir algumas questões que surgiram durante a realização do trabalho e que considero necessário ter em consideração em futuras investigações.

Primeiramente, irei mencionar questões relacionadas com a importância da sistematicidade e precisão na recolha de dados no terreno; enquanto realizava o trabalho no jardim, e sempre que possível, tentei estimar o número de pessoas que se encontravam no parque de forma a perceber se existiam variações discrepantes nos diferentes momentos do dia e da semana. Com esta finalidade em mente, registava no meu bloco de notas uma estimativa das pessoas que estavam no jardim, usando expressões imprecisas como “muitas pessoas” ou “poucas pessoas”, o que posteriormente dificultou a interpretação dos meus apontamentos e a elaboração de conclusões.

O mesmo se aplica aos pássaros, nomeadamente aos periquitos-rabijuncos, que nas minhas memórias, pareciam mais exaltados nos meses mais frios, contudo, ainda que considere pouco plausível, acho que se pode ter devido ao facto de os poder ver melhor nessa altura, já que algumas árvores tinham menos folhagem. Por outro lado, diria que foi mais fácil anotar o número de cães que via no jardim em determinado momento do dia que, nunca se encontrando aí sozinhos, seriam indicadores da quantidade de pessoas que aí se desloca por essa razão.

Por último, questiono-me se não deveria ter formulado a pergunta “Qual é o seu som preferido?” de modo diferente, uma vez que cada inquirido respondeu como desejou ou como a interpretou, porém, talvez devesse ter especificado se pretendia que a resposta se centrasse num som que seria audível nesse instante ou num qualquer som possível de se ouvir no jardim, independentemente de quando tivesse sido escutado. Esta questão pareceu-me pertinente em determinadas ocasiões, como quando o som preferido de um dos inquiridos foi o som das claques do Sporting Clube de Portugal. Ainda que eu nunca tenha presenciado este som, achei que teria de o aceitar porque, de qualquer das formas, é um som que possivelmente se escutará no jardim em dias que este clube jogue no estádio de Alvalade, dada a sua proximidade.

Admitindo a minha falta de experiência na realização de questionários num espaço público, não observei muita colaboração por parte dos participantes, tendo havido algumas pessoas que recusaram responder assim que as abordei e, outras que, mesmo respondendo, o fizeram com pouca vontade ou se afastaram do tópico, o que não tornou a experiência mais fácil ou agradável. Assim, visto que os participantes não disponibilizavam mais do que dois ou três minutos para conversar, fazer um breve questionário com apenas uma questão sobre som e pedir que justificassem a sua escolha pareceu uma abordagem apropriada.

Deste modo, ainda que um dos objetivos iniciais do projeto fosse compreender o modo como os usuários do jardim entendem a sua paisagem sonora, não foi idealizado um questionário que previsse uma análise qualitativa do espaço que integrasse várias questões ou parâmetros de avaliação sobre todos os sons do jardim, proposta metodológica adotada por muitos estudos desenvolvidos em jardins urbanos.

Tanto no trabalho no jardim, sobretudo na realização dos questionários, como na pesquisa e análise documental necessária para a delineação da história do jardim, experienciei algumas dificuldades em falar e pensar sobre som. Nas fontes bibliográficas as referências sonoras são escassas, o que incentiva à imaginação da constituição dos



ambientes sonoros e da sua suposição, partindo de descrições acerca dos eventos que aí ocorreram ou dos equipamentos que o jardim possuía em determinado momento da sua história.

Constatou-se igualmente desafiante presumir ou esboçar a configuração espacial do jardim na sua totalidade dado que não encontrei muitas fotografias ou mapas completos, e as descrições que recolhi baseiam-se nos acontecimentos de uma perspectiva social, referindo, por vezes, um ou outro elemento sobre a sua aparência. Por exemplo, sobre a reconstrução do jardim projetada por Keil do Amaral, o autor Luís de Quadros menciona um campo de jogos tradicionais, mas o seu local não é especificado (Quadros 1948:16). O mesmo se verifica com algumas fotografias da primeira metade do século XX que apresentam um lago e outros elementos românticos, como pontes ou pequenas cabanas, no entanto, tendo o jardim dois lagos, nem sempre foi possível distinguir de qual se tratava, ainda que estes aparentem ser os elementos mais apreciados e valorizados do local e, por isso, os mais retratados.

Sendo um jardim tão longo e com tantos pontos de interesse, as dificuldades na sua delinação espacial e consequentemente numa projeção sonora tornam-se evidentes, porque o som proveniente de um desses pontos poderá não se escutar em toda a sua área, à semelhança do que sucede atualmente. Outra dificuldade relacionada com a anterior foi precisamente a de traçar os limites do jardim e tentar perceber quando os acontecimentos mencionados em alguns periódicos ou livros tinham lugar no jardim ou no seu redor. Relativamente a esta questão, as autoras Maria Fernandes e Manuela Rêgo esclarecem que, a partir do século XIX, a designação de Campo Grande se refere quase sempre a um passeio público, o que pode, por vezes, gerar confusão acerca do que faria parte do que posteriormente veio a ser o Jardim do Campo Grande (Rêgo e Fernandes 1996:19).

## 5. Uma história do Jardim do Campo Grande através da sua sonoridade

### 5.1. De zona de hortas a parque de recreio

As primeiras referências que se encontram relativamente à zona do atual Campo Grande descrevem este lugar, ainda no século XII, como uma área de vinhas, quintas e hortas, ou seja, um espaço rural que, para além das atividades relacionadas com a agricultura, constituía uma das vias de entrada e saída da cidade de Lisboa (Rêgo e Fernandes 1996:12).

Em 1520, esta zona passa a ser considerada um logradouro público<sup>15</sup> mas somente na década de 1680 é delineada a primeira alameda do que viria a ser o Jardim do Campo Grande (Quadros 1948:12-13).

Inicialmente, este subúrbio de Lisboa era conhecido por Campo de Alvalade ou Alvalade-O-Grande, distinção feita então relativamente a Alvalade-O-Pequeno, que compreendia o Campo Pequeno de hoje (Dias 2003:27; Prôa, Fonseca e Fonseca 2010:10). No entanto, como freguesia, o Campo Grande existe desde pelo menos 1602 sob o nome de “Os Reis de Alvalade”. Esta denominação, dever-se-ia provavelmente à presença de uma pequena ermida da Invocação dos Três Santos Reis datada do século XVI, que foi destruída quase na totalidade pelo Terramoto de 1755 e que terá sido a razão pela qual uma comunidade se começara a estabelecer no seu redor (Prôa, Fonseca e Fonseca 2010:11; Rêgo e Fernandes 1996:11). A ermida seria posteriormente reconstruída no lugar da atual Igreja dos Santos Reis Magos, localizada na interseção da Avenida do Brasil e da Avenida do Campo Grande.

Eugenio Vieira traça uma breve história da evolução do Campo Grande, marcando como ponto de início a construção de um poço, que serviria para dar de beber ao gado que por aí passava e que seria substituído por um chafariz no século XIX (Vieira 1910:269-270). O escritor retrata esta localidade nos seus primórdios como um espaço “árido e nú”, descrevendo a sua paisagem como um

---

<sup>15</sup> Um espaço público comum que pode ser usufruído por toda a população ou um campo de pastagem comum ou público (*Dicionário Priberam online*).

(...) vasto tracto, hoje terraplanado e ajardinado, mixto de parque e floresta, que o nosso olhar descortina cheio de seducção, chamou-se, outr’ora, simplesmente, o Campo de Alvalade, e não foi mais que um humilde logradouro publico, enquanto não chegou o século XVIII (*Ibid.*,269).

Em finais do século XVIII, Diogo Inácio de Pina Manique (1733-1805), que desempenhou vários cargos relacionados com a justiça e administração local, solicita um projeto para o espaço onde se realiza uma feira anual desde 1778 (Rêgo e Fernandes 1996:19). A realização desta feira terá conferido uma maior visibilidade e exposição a este local contribuindo, possivelmente, para a necessidade de aí se realizar uma intervenção com o intuito de o melhorar e facilitar os seus acessos.

Vieira prossegue o seu relato expondo que a plantação das árvores do Campo Grande foi iniciada em finais do século XVIII e que

É de então para cá que, pouco a pouco, se moderniza e se vem convertendo em lugar recreativo. A princípio, é simples bosque; mais tarde jardim hesitante; depois, augmentam os grandes viveiros de flores silvestres, de onde a camara municipal começa a fornecer arvoredos para os passeios públicos de Lisboa e para as estradas municipaes. E assim, pode dizer-se que é o Campo Grande o pae da arborização da cidade (Vieira 1910:269).

Partindo destes testemunhos sobre os primórdios do atual Jardim do Campo Grande poder-se-á tentar reconstruir algumas das sonoridades que faziam parte da paisagem: os passos do gado a atravessar o piso de areia ou terra, os sons dos chocalhos pendurados nos pescoços dos animais, o chiar das rodas das carroças que circulavam em direção à cidade, sons da natureza, como o chilrear dos pássaros ou as folhas das árvores a movimentarem-se com a passagem do vento, e ainda sons associados a pessoas, como o tocar dos sinos da ermida<sup>16</sup> ou outros produzidos pelas atividades de cultivo e pastoreio.

Os adjetivos “árido e nú” usados por Vieira, evocam a imagem de uma paisagem desolada, com escassa atividade humana, circunscrita hipoteticamente a trabalhos de

---

<sup>16</sup> Não foi possível apurar quando esta ermida, e mais tarde igreja, instalou os seus sinos, no entanto, seriam um elemento sonoro importante neste local assim que fossem colocados, já que assinalariam as horas e as cerimónias que se realizariam aí, bem como outras ocasiões de festa, de catástrofe ou outros eventos extraordinários, à semelhança do que sucede atualmente. Por o Campo Grande ser incorporado na cidade de Lisboa já no século XIX, esta paróquia não consta nas listagens de igrejas e ermidas da cidade, aquando, por exemplo do terramoto de 1755, data em que muitos destes edifícios foram destruídos e necessitaram de ser reedificados, como foi o caso da ermida dos Santos Reis Magos, não tendo, por isso, encontrado informações acerca da história desta paróquia, apenas breves menções desta como sendo uma paróquia suburbana (Alves 1997:23).

agricultura e de pastoreio e, portanto, detendo distintamente uma paisagem sonora *hi-fi*, na terminologia de Schafer, composta por sons da natureza e dos animais domésticos que aí pastavam ou circulavam.

É somente nos primeiros anos do século XIX que as zonas do Campo Grande e do Campo Pequeno começam a ser cuidadas e aproveitadas para a construção de passeios numa área vista, então, como periférica à cidade de Lisboa. Terá sido D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1745-1812), Presidente do Real Erário, o responsável pela sua arborização, permitindo que este espaço fosse desde então considerado um “parque de recreio” (Quadros 1948:12).

A autora Ana Tostões descreve o Campo Grande nesse momento como um “campo afastado da cidade, de início só os «janotas» o visitavam em tipóias e carruagens assistindo às corridas e apostas de cavalos até meados de Oitocentos” (Tostões 1992:81). A citação aponta para uma nova dinâmica da zona nos inícios do século XIX, mais precisamente desde 1816, quando o Jardim do Campo Grande começa a albergar corridas de cavalos. Estes eventos atraíram um novo público a frequentar o parque, como escreveria décadas mais tarde o escritor e romancista Gervásio Lobato (1850-1895):

Os *Sportmen* de Lisboa começaram aos Domingos a fazer corridas de cavallos no Campo Grande, na alameda ocidental, ao pé do jardim e toda a gente elegante da capital principiou a frequentar o Campo Grande aos Domingos (Lobato 1891:1).

Lobato explica ainda que depois de perderem importância e deixarem de ser “um divertimento para ser uma massada” (por seguirem as regras inglesas e francesas), um grupo de “rapazes elegantes” reavivou as corridas de cavalos na sua fórmula antiga, várias décadas mais tarde: “uma inovação nos costumes domingueiros de Lisboa, a escolha dum novo sítio para passeio, para ponto de reunião dos lisboetas *qui s’amusent*: - o Campo Grande” (*Ibidem*).

Já em 1863 Inácio Vilhena de Barbosa (1811-1890), historiador e arqueólogo, descreve que o movimento que se gerava em torno deste divertimento no início desse século: “N’essas funções que se faziam nos domingos de verão, era pequeno aquelle vasto campo para conter as carruagens e a multidão que alli affluia da capital e dos subúrbios” (Barbosa 1863:275). Explica ainda que houve uma tentativa de retomar as corridas de cavalos anos antes, mas que em nada se comparavam ao que teriam sido outrora: “Em tempos mais modernos, haverá uns vinte annos, pretendeu-se renovar e

tornar nacional esse divertimento, e fizeram-se algumas corridas, que atraíam muita concorrência, porém eram apenas como uma sombra das antigas” (*Ibidem*).

Com o aparecimento dos transportes a possibilidade de se deslocar às zonas menos centrais aumenta e, a partir de 1837, os «*omnibus*» deslocam-se ao Campo Grande (Morais, Caessa e Martins 1999:185)<sup>17</sup>. Segundo a autora Marina Tavares Dias, apanhar os transportes era considerado uma “excentricidade” que se reservava a determinadas ocasiões, como “as idas a banhos a Pedrouços, às feiras do Campo Grande ou da Luz” (Dias 2001:16). Esclarece que “Lisboa não ia além do Passeio Público a norte” e que os primeiros percursos destes transportes se destinavam a bairros onde os arruamentos permitissem a sua passagem e, portanto, na maioria, para locais longe do centro da cidade, apontando exemplos como Belém, Lumiar e Carnide, para além do Campo Grande (*Ibidem*).

Apesar das facilidades nos acessos ao Campo Grande, continuava a ser considerado uma zona rural e de passagem (nomeadamente de gado), o que terá levado a Câmara Municipal de Lisboa à elaboração de “um edital” em 1837 sobre o que se poderia ou não fazer neste passeio de modo a transformá-lo num local mais civilizado (Rêgo e Fernandes 1996:19). As autoras Manuela Rêgo e Maria Fernandes citam algumas das regras, como a proibição da circulação de carros ou animais de carga, a interdição da circulação de carruagens e cavaleiros (que deveria ser feita apenas nas vias mais largas), a apreensão dos animais que aí estivessem a pastar, a interdição de estender roupa e de caçar dentro dos espaços do jardim, concluindo seguidamente que poderia ser difícil manter o seu bom aspeto, a julgar pelas mencionadas normas (*Ibidem*). O cumprimento destas regras deveria ser assegurado pelos guardas do parque (que nesse ano seriam dois).<sup>18</sup> Para além destes guardas, no “Mappa dos empregados nos passeios públicos a cargo da Camara Municipal de Lisboa” com data de 31 de dezembro de 1837, são listados outros quatro trabalhadores, um jardineiro e um feitor<sup>19</sup>.

A publicação deste edital constitui um bom exemplo das primeiras tentativas (por parte das autoridades locais) de civilizar o atual Jardim do Campo Grande, que deixa de ser apenas um logradouro público para se converter num espaço subordinado a trabalhos

---

<sup>17</sup> “Em 1837, foi inaugurada a carreira de «*omnibus*» que fazia a ligação entre o Largo do Pelourinho, o Rossio, e o Campo Grande, onde «*havia uma estação à porta da qual se faziam toques de corneta com o sinal de que ia partir algum dos carros da companhia*»” (Morais, Caessa e Martins 1999:185). Estes ônibus eram carreiras de carruagens, porém, foram os carros americanos que surgiram décadas mais tarde que adquiriram maior popularidade na cidade de Lisboa.

<sup>18</sup> *Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1837*, P119

<sup>19</sup> *Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1837*, P119

de manutenção e vigilância. A regulação das atividades que se poderiam realizar nesse recinto terão tido um impacto ao nível do seu ambiente sonoro continuando, contudo, a considerar-se um ambiente sonoro *hi-fi*, marcado pelos sons da natureza e por aqueles produzidos pelos seus usuários no quotidiano ou em dias de festas ou feiras. Também o surgimento de percursos de ônibus por volta da mesma altura terá tido impacto na sonoridade do espaço, não só pelos sons destes transportes como da expectável maior afluência de pessoas, sobretudo em dias de feira.

A história do Jardim do Campo Grande tem sido composta de altos e baixos, alternando momentos de decadência e de esplendor, que espelham as dinâmicas da transformação urbana da cidade de Lisboa e as mudanças nos hábitos e costumes da sua população. Será no final do século XIX que o contorno do jardim começa a adotar a forma que tem hoje, sendo a sua área envolvente a que sofrerá as transformações mais significativas no século XX.

Barbosa salienta, à semelhança de outros autores, que o Campo Grande foi plantado “por ordem de D. Rodrigo de Sousa Coutinho” e que

Posteriormente, em diferentes epochas, fizeram-se-lhe varios outros aformoseamentos. Terá de extensão quasi um kilometro e meio. É fechado com um muro baixo por todos os quatro lados, tendo seis grandes portas de ferro, duas lateraes em meia distancia do seu comprimento, pouco mais ou menos, e duas em cada um dos extremos, que dão ingresso para as ruas principaes. Compõe-se este passeio de ruas de bosque, algumas com muita largueza para o transito de carruagens e cavalleiros, de diversos jardins com seus lagos, e de grandes viveiros de arvores silvestres (...) (Barbosa 1863:275).

Esta descrição corresponderá à aparência do passeio nos inícios da década de 1860, momento em que é rodeado pela “estrada publica, orlada de palacios, casas de campo e jardins” (*Ibidem*). O historiador e militar, Augusto Soares Pinho Leal (1816-1884), faz uma descrição semelhante, sublinhando a importância do jardim e o quão procurado era então: “É cercado de bellas casas, quintas e hortas, e frequentadissimo dos lisbonenses” (Leal 1874:66). Também este autor descreve o jardim na sua fisionomia inicial como sendo “fechado por um muro baixo, e tem seis avenidas fechadas por grandes portas de ferro”, tendo sido posteriormente embelezado diversas vezes (*Ibid.*,67). Acrescenta ainda que um melhoramento teria sido iniciado em 1869 e que estaria por concluir em 1874 (*Ibidem*).

Acerca destes trabalhos, no livro *Do Saldanha ao Campo Grande: os originais do Arquivo Municipal de Lisboa* (1999), é esclarecido que, para além de melhoramentos no jardim, se construiu um lago “que curiosamente esperou vários anos pela água” (Morais, Caessa e Martins 1999:153) embora segundo Vilhena de Barbosa, os lagos já existissem em 1863 ainda que com uma diferente configuração (Rêgo e Fernandes 1996:23). Por outro lado, o *Guia dos parques, jardins e geomonumentos de Lisboa* (2009) menciona que as escavações para o lago (principal) são iniciadas em 1869 (AAVV 2009:276).

Apesar das obras e dos esforços para melhorar o espaço do jardim, no início da década de 1880 Gervásio Lobato descreve o Campo Grande como uma

(...) charneca arida, poeirenta, abandonada completamente pelos poderes publicos?

Ora o Campo Grande podia e devia ser o mais formoso e hygienico passeio de Lisboa.

A dois passos da cidade, com a sua enorme extensão de terreno bastava um bocadinho de boa vontade, de bom gosto, para fazer d'elle o nosso *Buen Retiro*.

E entretanto o que fazem? Um quintaleco abandonado, onde as hervas crescem pelas ruas, onde os pedregulhos impedem o caminho onde o mau tratamento inutilisa arvores frondosíssimas (...) (Lobato 1883:1).

O pintor João Ribeiro Christino (1858-1948) escreveu na década de 1920 sobre as obras realizadas no Campo Grande e, apesar de não especificar o ano, pela sua descrição parece referir-se às mesmas remodelações:

(...) por último, abriu um tanque para cisnes e um formidável lago, – êste levou anos a fazer, como é velho costume lisboeta – e ele lá está, com ilhota e ponte à japonesa, ligando-a à terra firme, idêntico, aliás, ao do parque das Caldas da Rainha, e também como este tem canoas para amadores de remos, faltando-lhe só o «almirante», como se vê nas Caldas (Christino 1922-23:70).

Esta descrição refere-se aos barquinhos a remos existentes no lago desde, pelo menos 1901<sup>20</sup>, embora provavelmente existam desde que o lago foi construído, a julgar pela descrição de Christino.

---

<sup>20</sup> *Passatempo*, (autor desconhecido) 1901, P4

Em 1885 a freguesia do Campo Grande é integrada em Lisboa e, passados dois anos, o Jardim do Campo Grande passa a estar a cargo da Câmara Municipal de Lisboa (Morais, Caessa e Martins 1999:154). Pouco tempo depois é criado o cargo de feitor na então designada Tapada do Campo Grande, que terá pertencido a António Cordeiro Feio e que também realizou obras significativas com o intuito de renovar o jardim; foram plantadas novas árvores e os muros foram derrubados (*Ibidem*). O mesmo feitor remodelou o antigo casebre que servia de residência ao administrador do Jardim do Campo Grande e transformou-o numa das referências mais importantes da paisagem romântica do jardim: um espaço de lazer conhecido como o *Chalet* das Canas, um pequeno palacete feito com canas, cortiça e madeira. Situada no topo oriental do jardim, esta construção transformou-se numa das atrações do espaço para os seus visitantes (Rêgo e Fernandes 1996:23), sendo imortalizada em diversos postais ilustrados.

Para além do Palácio Pimenta, construído entre 1744 e 1747 que alberga hoje a sede do Museu da Cidade, da Igreja dos Santos Reis Magos e das quintas, começam a surgir no final do século XVIII, mas sobretudo ao longo do século XIX, algumas fábricas que ocupariam os terrenos vizinhos ao jardim, como fábricas de cerveja, sedas, tecidos de lã, produtos químicos, lapidação de diamantes e de cordoaria (Rêgo e Fernandes 1996:75,109). Já no século XX funcionariam fábricas de colas e tintas, perfumes, massas alimentícias e de cerâmica (*Ibid.*,110).

Durante a segunda metade do século XIX, o Campo Grande (juntamente com a zona ocidental de Alcântara e a zona oriental de Xabregas), transformou-se numa das zonas de desenvolvimento industrial da cidade de Lisboa<sup>21</sup>. Um bom exemplo deste passado industrial é a Fábrica de Lanifícios, a *Lusitânia*, inaugurada em 1842 (*Ibid.*,112-113). Esta fábrica ocupava os edifícios que hoje albergam a Universidade Lusófona, no extremo oriental do jardim e, em 1848, empregava mais de 150 operários dando trabalho a outras 450 pessoas fora da fábrica (Bonifácio 1991:525). Com este desenvolvimento industrial que, por sua vez, estimula uma concentração de mão de obra operária em Lisboa, surge a necessidade de construir habitações para esses trabalhadores como, por exemplo, as vilas em correnteza instaladas no lado oriental do Campo Grande (Pereira 1994:510-513).

Com a industrialização da zona, a paisagem sonora do jardim mudou de forma significativa: os sons *hi-fi* do jardim e das atividades lá realizadas coexistirão a partir de

---

<sup>21</sup> <http://maislisboa.fcsh.unl.pt/cenario-do-movimento-operario-lisboeta-no-seculo-xix/>



então com as novas tonalidades da modernidade, como argumenta o historiador Mark M. Smith no seu livro *Listening to Nineteenth Century America*, “industrialization and the disciplining sounds of the factory bell introduced qualitatively new sounds of progress” (Smith 2001:133). O autor também salienta como sons tradicionais (como o tocar dos sinos) foram usados pelas forças capitalistas para regular novos processos: as entradas e saídas das fábricas, as pausas para o almoço e os ritmos de trabalho (*Ibid.*,134). Assim, de certo modo, os ritmos quotidianos do jardim seriam marcados pelas sonoridades das fábricas e da igreja situada nas imediações, que proporcionariam uma rica variedade de sinais e marcas sonoras à envolvente sonora do jardim. A densidade sonora da zona envolvente aumentaria durante os períodos de trabalho, existindo momentos de maior ou menor afluência e alvoroço. Outros sons presentes na zona seriam aqueles relacionados com as tecnologias do trabalho, nomeadamente a máquina de vapor que, no caso da Fábrica de Lanifícios, teria de potência «24 cavalos»<sup>22</sup>; potência que teria número de decibéis correspondentes.

Deste modo, ao entrar na era da modernização, o Campo Grande já não seria somente um espaço de passagem e de hortas nem tampouco um lugar de recreação para a crescente população que aí se iria fixando, o que veio, consequentemente, transformar a sua paisagem sonora e visual.

Com a construção dos passeios públicos no século XIX, que iriam dar origem ao jardim mais tarde, para além do gado, passam a circular aí carruagens que transportavam pessoas que iam ao Campo Grande assistir às corridas de cavalos, que, segundo Barbosa (1863) atraíam multidões. Então, para além do cavalgar dos cavalos, escutar-se-ia uma plateia que assistia entusiasmada a estes eventos hípicas.

Havendo a indicação de ser um espaço arborizado, certamente aí se encontrariam aves, ainda que, nos domingos de corridas o seu chilrear pudesse passar para um plano sonoro de fundo. É igualmente possível que se escutasse o canto de insetos ou anfíbios, como cigarras ou rãs nos meses mais quentes, sonoridades bastante comuns em locais de cariz rural. Nas proximidades do lago também já se escutariam sons provenientes das pequenas embarcações, do seu deslizamento pelo lago e das interações das pessoas que se encontrariam dentro delas.

Com a circulação de cavalos e carruagens dentro e fora do recinto do jardim, sons inerentes à sua deslocação estariam também presentes, principalmente existindo no seu

---

<sup>22</sup> <http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/11/campo-grande-376.html>

redor casas e hortas, o que demonstra que esta área já não servia unicamente como local de passagem. Para além destas habitações, instalaram-se aí fábricas, que por sua vez geravam afluência de pessoas (possivelmente mais acentuada em determinados horários) e fomentavam o crescimento da zona, podendo potenciar a fixação de mais pessoas no Campo Grande e nas suas proximidades. Assumindo uma vez mais que a igreja aí edificada teria um sino, o seu som seria uma marca sonora central no quotidiano do local.

Associadas a um âmbito religioso, realizaram-se no Campo Grande festas com bailes que contavam com a participação de bandas filarmónicas ou fanfarras, nomeadamente a Real Fanfarra Triunfo e Aliança que tocou no coreto do jardim numa festa (Rêgo e Fernandes 1996:61; Morais, Caessa e Martins 1999:154)<sup>23</sup>. Relacionados (possivelmente) com estas ocasiões, estão acontecimentos como quermesses e batalhas de flores, exercícios militares e comemorações de efemérides (Rêgo e Fernandes 1996:61), que, no entanto, seriam eventos esporádicos.

### **A Feira do Campo Grande**

A paróquia dos Santos Reis assumiu um importante papel como agente dinamizador da zona do Campo Grande. Para além das festas e das celebrações ou cerimónias religiosas, que atraíam a população para as proximidades do jardim, certamente contribuindo para o movimento gerado neste recinto, sobretudo aos domingos, esta paróquia criou a famosa Feira do Campo Grande. A origem da feira é explicada no livro *Do Saldanha ao Campo Grande: os originais do Arquivo Municipal de Lisboa* (1999), que revela como nos anos seguintes ao terramoto de 1755

(...) as extremas dificuldades financeiras levaram a Irmandade do Santíssimo Sacramento, à data administradora da Igreja dos Santos Reis Magos, a solicitar à Rainha D. Maria I a permissão para, no espaço adjacente ao actual Campo Grande, realizar anualmente uma Feira Franca, cujos proventos ajudariam à sustentação do culto, até então dependente do auxílio prestado pela Fábrica de Lanifícios Le Franc & Cia, sediada próximo da Igreja. O imposto sobre o aluguer dos terrenos aos feirantes sobre as mercadorias transacionadas, revertia a favor da Igreja dos Santos Reis Magos (Morais, Caessa e Martins 1999:184).

---

<sup>23</sup> Este coreto terá sido construído no início da década de 1890 e demolido no final da década de 1940, o que coincide com a remodelação do jardim projetada por Keil do Amaral, e onde cerca de 16 Bandas terão tocado (Nunes 2012:176).

A Feira do Campo Grande, ou também apelidada de Feira das Nozes ou de Outono (Andrade 1968:34) surge em 1778, contudo, vê o seu auge em meados do século XIX e termina em 1932, ano em que é transferida para o Lumiar (Rêgo e Fernandes 1996:32). A feira é referida por vários autores, incluindo Barbosa que começa por esclarecer que se realiza por, no mínimo, 15 dias no mês de outubro e que já teve uma maior importância do que então (1863) embora seja “sempre mui concorrida, como objecto e sitio de diversão” (Barbosa 1863:275)<sup>24</sup>. As datas de realização desta feira seriam esporadicamente alteradas devido a vários fatores (fora, nomeadamente, realizada num Verão com o intuito de a reanimar) (Rêgo e Fernandes 1996:31) e a determinada altura adquiriu um prolongamento da sua duração, todavia, seria expectável que durante o Outono a feira se encontrasse no Campo Grande.

O jornalista e romancista Alfredo Gallis (1859-1910), afirma que esta tinha três meses de duração (Gallis 1886:7); já Sousa Basto considera-a “a mais importante de todas”, apesar da sua curta duração de um ou dois meses (Andrade 1968:34)<sup>25</sup>. Prossegue explicando que tinha muito gado e “barracas de quinquilharias, circos, «marionetes», barracas de «comes e bebes» e... o 1º cinematógrafo” (*Ibidem*). Aqui existiam ainda atrações como “circos de cavalinhos, teatros, marionetes, cosmoramas, jogos diversos, exposições de figuras de cera, de fenómenos, etc.” (Rêgo e Fernandes 1996:34). Adicionando outros elementos a este ambiente tão complexo, Rêgo e Fernandes citam Mário Costa que escreve que

Os ursos de mão no ar, faziam habilidades ao toque do pandeiro, as ciganas liam a sina e os gigantes e liliputianos ajudavam a formar o curiosíssimo ambiente que só os que o viveram poderiam descrever em todas as cores (*Ibid.*,35).

Os teatros eram também uma diversão típica da feira, afirmando-se o *Chalet* do Teatro como a mais movimentada sala de espetáculos do Campo Grande, espaço onde também se realizavam festas (*Ibid.*,36).

As várias descrições que se encontram sobre este evento destacam que apesar de se localizar nos arredores da cidade, a feira atraía multidões. Ferreira de Andrade indica como as feiras “além de constituírem «casos» de utilidade pública, eram sempre, de facto,

---

<sup>24</sup> “Hoje acha-se esta feira muito reduzida pela criação dos mercados nas terras principais do paiz, pela facilidade das comunicações e pelo desenvolvimento do commercio interior” (Barbosa 1863:275).

<sup>25</sup> Tendo em conta as datas das citações, poderemos presumir que a duração da feira tenha sido aumentada com o decorrer dos anos, desde 1863 (data do artigo de Barbosa) até 1886 (data do texto de Gallis).

motivo de divertimento do lisboeta ávido de procurar (...) a sua distração nas horas de lazer” (Andrade 1968:33-34).

O olisipógrafo Ferreira de Andrade (1910-1970) cita ainda autores como o escritor Júlio César Machado (1835-1890) e Mário Costa que apresentam os visitantes desta feira, retratados também na figura 2:

(...) acorriam ranchos e ranchos de famílias em burrinhos do Poço do Borratém, a comprarem ali pano de linho, briche, nozes, panos para todo o ano. (...). Para ela se dirigia assiduamente a estúrdia do tempo, formada pela fina flor da sociedade, que andava ligada à gente de touros (Andrade 1968:34).



Figura 2: Visitantes da Feira do Campo Grande (autor desconhecido).

A feira terá sido um elemento fulcral na dinamização do Campo Grande visto que, para além de ser ponto de atração de comerciantes e lisboetas, era também um espaço onde se podiam adquirir variados produtos de todo o país, como artigos de ourivesaria, tecidos, chapéus, louças e vidros, bijutarias e ourivesaria, legumes, bolos, frutos secos ou mesmo petiscos prontos a consumir no momento, como as famosas peras cozidas (Rêgo

e Fernandes 1996:34), a “tradicional guloseima” desta feira (Andrade 1968:33). Durante a semana, a feira era frequentada principalmente ao fim do dia para jantar ou passar parte da noite e, aos fins de semana, para fazer “mais alargadas compras” (Rêgo e Fernandes 1996:32).

Partindo das suas vivências dos tempos de infância, Alfredo Gallis escreve como seria uma ida à feira da perspectiva de uma família, começando por comentar que nas “barracas de comidas permitiam-se uns luxos gastronómicos muito diferentes dos de hoje” e que ir à feira constituía uma oportunidade para jantar na relva (Gallis 1886:7). “Depois de jantar” – continua o autor – “princiavam então a percorrer a feira, a passo, vagarosamente, observando todas as barracas, sorrindo para todos os feirantes, que os conheciam dos annos anteriores”, parando de seguida num ourives para fazer compras; e acrescenta:

Sahidos d’ali entre as vénias e os respeitos do ourives, iam ver as barracas dos palhaços. (...). Era preciso escolher um divertimento honesto e que os alegrasse. Havia barracas com figuras de cera, cycloramas, animaes raros, creanças com duas cabeças, galos com três pernas, mulheres com 20 arrobas de peso, gymnastas, equilibristas, prestidigitadores, enfim, um nunca acabar de tentações, qual d’ella a mais curiosa. (*Ibidem*).

Como demonstração do alvoroço gerado pela feira; as autoras Manuela Rêgo e Maria Fernandes descrevem o que parece assemelhar-se a um terminal rodoviário:

Para aí iam aos fins de semana em trens, coupés, ônibus, *Ripert*, no americano ou em burricos. Havia na feira uma barraca espaçosa de madeira de onde a toda a hora soavam toques de corneta a anunciar a partida dos carros (Rêgo e Fernandes 1996:33).

Cruzando as várias descrições expostas sobre a Feira do Campo Grande, poderemos imaginar ou tentar reconstruir as suas sonoridades. Diálogos e passos, estariam certamente presentes e, é possível que se pudessem escutar pregões; Machado, explicando o final da Feira do Campo Grande, afirma: “os taberneiros como phantasmas esverdeados implorando as cores da vida, apregoam com voz asthmatica e em attitude paralytica: *lerr ierri!* mexilhão graúdo! o mexilhão está cheio!” (Machado 1872:109). Embora tenha sido a única referência a este tipo de anúncios que encontrei, é bastante provável que existissem mais no contexto da feira dado o elevado número de vendedores

que aí se encontrariam e que procurariam destacar o seu negócio dos restantes. As tascas ou outros espaços de venda de comida pronta a ser consumida poderiam permitir conversas mais demoradas. As referências aos teatros, às marionetas e aos circos, ou a entretenimentos semelhantes, permitem supor que se ouvisse música e recitação de textos originados destes divertimentos e uma possível interação por parte do público. Por existirem na feira vários animais em exposição, seria igualmente de esperar que estes contribuíssem para o ambiente sonoro do local com as suas vocalizações e deslocações, sobretudo se possuíssem guizos, chocalhos, correntes ou carroças.

No período em que decorria a feira existiriam variações de afluência de visitantes e, possivelmente, de animações ou atividades, entre os dias da semana, por exemplo, ao fim de semana faziam-se compras, o que poderia atrair um público diferente do que o que frequentava a feira durante a semana para jantar ou passar a noite. Durante a semana, o momento do dia que atraía mais visitantes seria o período noturno enquanto que ao fim de semana existiria mais afluência de pessoas no geral e, possivelmente, mais feirantes a vender os seus produtos. Como já referi, no livro *Um Passeio à volta do Campo Grande* (1996), são mencionados os transportes que aí se dirigem, existindo uma “corneta” que anunciava a sua saída, som que se escutaria na feira pelo menos durante os fins de semana (Rêgo e Fernandes 1996:33).

Para além do comércio e dos divertimentos já mencionados, exposições e concursos de gado, designadamente de tração animal (em 1911), também ocorreram neste local repetidas vezes, em contexto de feira, mas não só (Rêgo e Fernandes 1996:145), tal como se ilustra seguidamente nas imagens 3 e 4.



Figura 3: Feira de Gado no Campo Grande, fotografia de cerca de 1900 do fotógrafo Augusto Bobone.



Figura 4: Concurso de raça bovina no Campo Grande promovido pela Real Associação Central da Agricultura, 1909, fotografia de Joshua Benoliel.

Um mercado de gado realizava-se no primeiro domingo de cada mês, no entanto viu o seu fim em 1932 após ser feita uma campanha para o terminar por motivos de higiene (Rêgo e Fernandes 1996:43). Também a feira viria a desaparecer por volta desta altura:

Com o findar do século passado começou também a declinar esta curiosíssima feira. Depois de breve passagem pelos terrenos a sul da Praça de Touros, instalou-se de novo no local onde se iniciara e daqui passou, em 1932, para o Lumiar. Pouco tempo aí se manteve (Andrade 1968:34).

Embora a feira tenha terminado nesse ano (pelo menos no Campo Grande), já em 1872 Júlio Machado anunciara o seu fim:

Coitada!

Está a despedir-se, está a fugir de todo, essa festa que foi o encanto da nossa infância e da idade verde de nossos paes, e seria cruel deixal-a morrer sem a galanteria de uma visita. (...) tudo isto para estabelecer, ali, no Campo Grande, onde o chispe com ervas era o rebento da alegria, um *Bois de Bologne*!...

Um *Bois de Bologne*! Não commentemos. Seria imprudente demorarmo-nos a pensar n'isto! (Machado 1872:103-104)

Esta citação pareceu-me relevante por duas razões: mostra como a feira começou a declinar apesar da importância de outrora, e a existência de uma certa resistência à criação de jardins e espaços verdes; o Passeio Público é destruído no final da década de 1870 e, embora tenha sido construído em 1764 e melhorado posteriormente, só passou a ser frequentado mais tarde (Acciaiuoli 2015:185). A autora Margarida Acciaiuoli refere os passeios de domingo como um hábito que surge nas décadas de 1840-50, quando o comércio da Baixa passa a encerrar nesses dias e aparecem lugares específicos para passear, estar ou sociabilizar, mencionando São Pedro de Alcântara, a Estrela e o Rossio (*Ibidem*). Não menciona, contudo, o Campo Grande que ainda não faria parte das novas práticas lisboetas. A indignação que Machado deposita no “*Bois de Bologne*” dever-se-ia ao desprezo pelo Passeio Público, inutilizado durante várias décadas (adivinhandos, assim, o futuro do Campo Grande e acrescentando ainda “De que nos servem a nós passeios, — se não passeamos?!”), mas sobretudo ao que aí se pretendia construir que, de certo modo, estaria dependente do fim desta feira que o autor considera uma “festa” e um “encanto” (Machado 1872:103-105).

### **As esperas de touros**



Existiu ainda, no redor do Jardim do Campo Grande, uma longa tradição de esperas de touros. Embora não se saiba exatamente quando esta tradição terá sido iniciada (possivelmente nos finais do século XVIII), foi um divertimento muito apreciado e concorrido, especialmente durante o século seguinte<sup>26</sup>. As esperas consistiam no acompanhamento do trajeto que os touros que iam para as touradas faziam partindo de Frielas até ao Campo de Santana ou até ao Campo Pequeno atravessando pelo Campo Grande (Rêgo e Fernandes 1996:53). Ribeiro Christino revisita as suas memórias de infância passadas no Campo Grande e descreve uma ocasião em que assistiu a uma destas esperas:

Com várias pessoas fui para um dos muros do Campo Grande, sobranceiro ao chafariz do sítio, e vi por entre a poeirada, que vinham, do lado do Lumiar, galopando à frente, muitos cavaleiros em bons cavalos e em «pilecas»; eram os «marialvas» e os pretendentes a sê-lo; seguia depois, sempre a nove, o maioral dos campinos à frente do gado bravo, o boi guia, os cabrestos com a inferneira do *ta-lão, ta-lão* dos chocalhos, e a seguir o curro de negros touros, na «ponta da unha», e por último a fila de vistosos campinos de pampilho, barrete preto forrado de encarnado, jaleca, calção, meia e sapato de prateleira; atrás seguiam trens e «tipoiás» de todos os feitios, cheios de janotas dos dois sexos, e tudo envolvido numa poeirada dos demónios, passando rápido, como fita de animatógrafo (Christino 1922-23:70).

São pouco comuns as referências sonoras explícitas nas descrições de acontecimentos, todavia, neste caso não é difícil imaginar a diversidade de sons que o caracterizariam; partindo deste excerto pode deduzir-se que as esperas de touros seriam eventos “ruidosos”. A enorme quantidade de animais a deslocar-se, o galopar dos cavalos, o “*ta-lão, ta-lão* dos chocalhos”, a presumível animação experienciada por quem aí estava presente, e por fim, as carruagens; acrescentando-se a velocidade a que tudo ocorria, comparada pelo autor da citação a uma “fita de animatógrafo” e ilustrada também por Júlio Rocha na figura seguinte:

---

<sup>26</sup> <http://www.jornaldapraceta.pt/jp007Datas.html>



Figura 5: Condução de Touros junto à Igreja do Campo Grande, litografia de Júlio Rocha.

O excerto que se segue de um texto de Vicente Vilar, publicado na *Revista Panorama* em 1945<sup>27</sup>, proporciona também uma vívida recriação sonora e sensorial da passagem de um destes cortejos pela cidade:

A Calçada de Carriche galgava-se a galope desenfreado, no imenso tumultuar daquela caravana, que parecia vir do Inferno, endoidecida. Endoidecidos também, pareciam os gaiatos, os saloios e saloias, os estúrdias e as loureiras, que se apinhavam nos muros e nas árvores – berrando com os bofes, batendo latas, botando ao passo dos touros, bombas de «lepes» e de vintém.

Que o espectáculo não tinha só êsse primeiro acto – das Marnotas e da Calçada do Carriche. Pois, ao longo de resto da tarde e princípios da noite, prosseguia. A manada, em segundo repouso, nos baldios, onde se levantou, ao depois, a Praça do Campo Pequeno; as «hortas» do Campo Grande, atestadas de aficionados, em comesainas e descantes; e no fim – cada vez mais cavaleiros, e mais tipoias, e muito mais povo endiabrado – a largada final, delirante, na «ponta da unha», para a Praça do Campo de Santana, ao comêço da madrugada. Nem um tremor de terra, sacudindo as casas – nas outras noites calmas – que lindavam a velha Estrada do Rêgo, ou aquelas que, passadas as portas de Arroios, se erguiam nos quarteirões, de ali aos Paços da Rainha! Nem o Fim do Mundo – que

---

<sup>27</sup> [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N25-26/N25-26\\_item1/P50.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N25-26/N25-26_item1/P50.html)

lembrava, no seu trovejar de furacão, deixando, por detrás das vidraças, estarecida e a persignar-se, a acordada gente boa e beata dêsses bairros de Lisboa!

## **As hortas**

Associadas a esta realidade afastada da cidade e às esperas de touros, estavam as casas de pasto, os retiros e as hortas localizadas nas proximidades do jardim e que por si próprios constituíam universos sonoros. Estes espaços, que “faziam as delícias do operariado alfacinha” (Christino 1922-23:70), assumem-se como uma atração típica das zonas afastadas do centro da cidade, mas não por isso de menor relevância no âmbito dos hábitos e práticas de lazer da época:

*O Collete Encarnado é como o Peru, o Quintalinho, as Côrtes, uma horta como todas as hortas. (...) As hortas por si são um local sem encanto, porém o ir às hortas constitui festa: o prazer não consiste em estar nas hortas, mas em ir às hortas! O prazer consiste no passeio, na boa companhia e na liberdade que o caminho permite, porque as hortas são quasi sempre fóra das portas da cidade. O nosso povo gosta d’este passatempo. Ao domingo vae a gente das classes inferiores divertir-se fóra de Lisboa, a algum d’esses quintalões onde se passa alegremente o dia, cantando, tocando guitarra, jogando a malha, ou passeando. N’uma das extremidades da horta costuma haver uma casa de pasto (...) (Machado 1901:92-93).*

Um dos estabelecimentos mais populares era o Colete Encarnado, famoso pelo “seu peixe frito e salada de alface” e onde se reunia “a multidão em dia de espera de touros” (Christino 1922-23:70). Para além de comida, estes estabelecimentos e outros semelhantes, eram locais onde se podia ouvir e tocar fado:

No Campo Grande era o ponto de reunião para as famosas esperas de toiros. (...) Lá havia hortas e casas de pasto, como o célebre «Colete-Encarnado» onde se comia o clássico peixe-frito com salada, se bebia ‘a bela pinga’ e se tocava e cantava o fado até de madrugada (Câncio 1939:CCCL).

Todavia, não era apenas nestas casas de pasto que se cantava fado, mas também nas hortas dos arredores da cidade, tradição que no Campo Grande ou proximidades remonta a meados do século XIX; “A tradição de se cantar o fado nas hortas e retiros vem

de cerca de 1840 (...). Anteriormente, tocavam-se modinhas” (Rêgo e Fernandes 1996: 54).

Também o escritor e olisipógrafo Francisco Cântio (1903-1973) descreve como “Nas frescatas nas hortas dos arredores da cidade de 1833, guitarreavam-se *modinhas*. (...) Nas suas sucedâneas de 1846, já se guitarreava o *fado* (...) E esta tradição do *fado* manteve-se nas hortas das épocas posteriores”. Menciona seguidamente inúmeros locais situados em Lisboa ou próximos desta que incluem alguns estabelecimentos já referidos como “a Joana do *colete encarnado* no lado oriental do Campo Grande”, “Videira do Campo Grande”, “José dos Caracois” e “o *Quebra-Bilhas*, no Campo Grande” (Cântio 1943:151-152).

A música (designadamente guitarras e voz) seria um elemento central nas hortas e nas casas de pasto, que aparentam ser divertimentos bastante próximos ou complementares, já que estes estabelecimentos poderiam localizar-se nas hortas onde também se passeava e faziam jogos.

## 5.2. A integração do parque na cidade

Com a modernidade, dá-se em Lisboa um crescimento demográfico e habitacional, proporcionado pelo progresso industrial e por quem se deslocava para a capital em busca de empregos e melhores condições de vida<sup>28</sup>. Ainda assim, apesar do aparecimento da eletricidade e do carro elétrico, as atividades do quotidiano do século anterior perduram neste século, com os aguadeiros, as lavadeiras, as varinas, os padeiros e os leiteiros a percorrer as ruas da cidade “são cenas como estas, carregadas de pitoresco que fazem a tradição alfacinha por muitas décadas mesmo depois do progresso e dos novos inventos começarem a chegar à cidade em finais do século XIX”<sup>29</sup>.

De uma perspetiva urbanística, a autora Margarida Acciaiuoli diz-nos que “A história da modernização de Lisboa é um tema imenso” e, apoiando-se numa análise de Aquilino Ribeiro (1885-1963), afirma que o desenvolvimento e modernização da cidade só seria possível se um plano de urbanização fosse realizado (Acciaiuoli 2015:394-395). Expondo a lenta modernização da capital, cita o mesmo autor que considera que Lisboa “é uma cidade que cresceu aos azares da fortuna”, sendo uma “velha cidade marítima, com seus bairros a trouxe-mouxe, suas hortas interiores (...). Assim, perdura, *mutatis*-

---

<sup>28</sup> <http://ensina.rtp.pt/artigo/um-retrato-de-lisboa-na-transicao-do-seculo-xx/>

<sup>29</sup> <http://ensina.rtp.pt/artigo/um-retrato-de-lisboa-na-transicao-do-seculo-xx/>

*mutandi*, apesar de mais caliças, mais mármore e granitos, luz eléctrica, e as ruas gizadas a cordel” (*Ibid.*,395).

É neste panorama, no início do século XX (em que se regista uma certa resistência ao progresso na cidade de Lisboa), que Eugénio Vieira (1910) apresenta uma descrição bastante detalhada na revista *Serões - Revista Mensal Ilustrada* sobre como seria o Jardim do Campo Grande nesta época, as atrações que continha e os usos e funções que este passeio detinha. Justamente por a paisagem sonora refletir intrinsecamente o que acontece num determinado espaço, proponho tomar esta narração como ponto de partida para tentar reconstruir as sonoridades do jardim neste momento da história.

O autor, que caracteriza o Campo Grande como um lugar “bohemio, trágico e amoroso”, começa por falar dos “dias santificados” e das “quintas” e da agitação das avenidas do jardim nesses dias; nomeia em particular uma avenida onde circulam cavalos e cavaleiros, outra mais larga por onde passam carruagens que transportam “gentis mulheres das classes abastadas, e até de estirpes de menos privilegio” e, por último uma onde as pessoas caminham (P353). Ao contrário do que sucedia no início do século XIX, quando só os “janotas” frequentavam o jardim, a descrição de Vieira aponta uma maior diversidade de usuários, traçando também uma narração mais focada ao quotidiano do jardim, contrariamente a outros artigos que valorizam sobretudo os domingos e eventos mais específicos como as corridas de cavalos, um passeio na Feira das Nozes ou uma ida às hortas. O autor acrescenta ainda “é então, n’esses dias, em todo o Campo Grande, um enorme buliçar de vida de cidade civilizada, que nos dá um longiquo evocar – mas só longiquo – dos velhos *Campos Elyseos* de Paris, ou do seu *Bois*” (P353).

Vieira continua a sua narração observando que

Per entre as ramarias dos jardins, passeiam os menos felizes, assentando arraiaes ao ar livre, comendo e bebendo, mesa posta n’uma alvura de toalhas, sobre os troncos cortados ou desarraigados das arvores, cercados de bancos toscos que são fragmentos de pés d’arvore (...) (P353).

Num breve parágrafo expõe o que poderia ser visto no jardim atualmente ao afirmar que há sempre algo para observar ou admirar

(...) ora um vestido leve que envolve um corpo de formas delicadas, ora um bando de creanças, que corre n’uma rajada de saúde com a rapidez de gazelas, ora um transeunte

que se detem, contemplativo, ora um par que conversa ou vae de mãos dadas, enamorado (P353).

Refere ainda os ciclistas que “avançam rapidamente, entre nuvem ténue de poeira”, sendo possível imaginar o som dos pneus deslizando a alta velocidade pelo solo empoeirado. Escreve que aos domingos os bancos do parque se encontram cheios “de famílias, que ali vão distrahir o espirito preocupado das vicissitudes semanaes do trabalho” (*Ibidem*).

Seguidamente descreve o redor do jardim, menciona o que parece um salão de chá para senhoras e “muitos estabelecimentos, com boa fama de sédes de grandes pandegas, que aos domingos, de dia e á noite, abarrotam de frequentadores, em jantares ao ar livre” (P354).

Comparando alguns dos elementos que ilustram o jardim e o seu redor com descrições do século anterior, é possível notar que não só o parque assumiu novos usos e funções como também o seu redor se desenvolveu, havendo neste momento estabelecimentos que atraem a população, contrastando com um período em que aí se encontrariam somente palácios e casas de campo.

A descrição apresenta a perspetiva de um espectador do jardim e, embora não faça nenhuma referência específica à sua sonoridade, poder-se-á concluir que a maioria da narração alude a sons de origem humana que poderão incluir desde conversas, às crianças que correm em grande alvoroço. Apontam-se sons relacionados com os transportes, as bicicletas dos ciclistas e os cavalos, não só das avenidas principais do parque como também das que conduzem aos estabelecimentos das proximidades. Para além de descrever as pessoas e o que aí fazem, oferece breves apontamentos sobre os diferentes dias, como os dias santos e os domingos, ocasiões em que o jardim seria mais frequentado por oferecer um escape à rotina.

Se analisarmos as fotografias que acompanham o artigo, como as figuras 6 e 7, podemos observar a existência de grandes árvores e uma vegetação mais densa do que a que encontramos atualmente, o que permitirá presumir a existência duma vasta diversidade de insetos, pequenos roedores e aves no parque (e, consequentemente, dos seus chilreares ou outras sonoridades características), um elemento sonoro principal no jardim atualmente.

Por último, que Vieira não menciona explicitamente mas que podemos deduzir partindo da fotografia 6, seria a presença dos barquinhos a remos com as suas

sonoridades, como o som dos remos a atravessar a superfície do lago e a arrastar a água, as sonoridades produzidas pelas pessoas que usufruíam destas embarcações ou a animação das crianças que aí se encontrassem, à semelhança do que acontece ainda hoje. Um som que, tal como a sonoridade dos barquinhos, proporciona uma continuidade sonora ao longo da história do jardim e que também não é mencionado no artigo, seria o som do sino da Igreja dos Santos Reis Magos a marcar as horas e outros eventos religiosos.



Figura 6: Imagem que consta no artigo de Vieira, retratando os barcos no lago e um arvoredo alto e denso ao fundo.



Figura 7: Imagem que consta no artigo de Vieira, retratando a vegetação do parque e uma estrutura romântica ao fundo. Esta avenida das palmeiras aparece retratada em diversas fotografias e postais de diferentes períodos sendo, provavelmente, um dos locais mais reconhecíveis e apreciados do jardim.



Até meados do século XX, o Campo Grande é progressivamente integrado numa cidade em fase de expansão que continua a servir-se deste espaço como um lugar de passeio, lazer e para diversas atividades ligadas a práticas desportivas e concursos, como veremos seguidamente.

À semelhança do que acontecera anteriormente, a partir dos inícios deste século realizar-se-iam eventos hípicas nesta zona, nomeadamente corridas de trote e um campeonato de cavalos de sela em 1921 (Rêgo e Fernandes 1996:140). Já em 1930 seria inaugurado o Hipódromo de Lisboa que ocuparia os espaços do antigo Jockey Club, nas proximidades do jardim.

Existem alusões ao uso deste jardim por velocipedistas, sendo “local de treino de corredores”, com várias provas a acontecerem aí, tendo sido expressado o desejo de adquirir pistas exclusivas para bicicletas, visto que as existentes eram partilhadas com cavaleiros (Rêgo e Fernandes 1996:147). Alguns destes percursos parecem não ter sido feitos inteiramente no Campo Grande, usando, por outro lado, este lugar como um espaço de passagem ou um ponto da prova, como o início ou o fim.

Realizar-se-iam também junto ao Jardim do Campo Grande vários outros concursos como corridas de automóveis (figura 8) e de motociclos (figura 9) e provas pedestres.

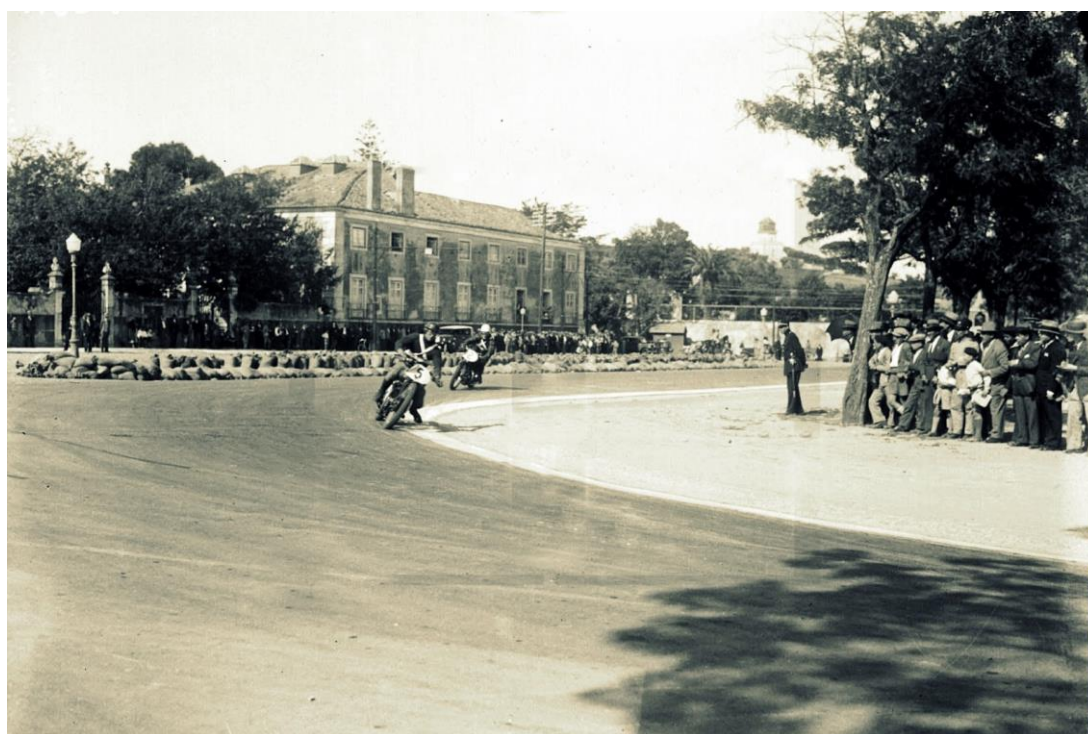


Figura 8: Corrida de motociclos realizada em 1933 no Campo Grande (autor desconhecido).





Figura 9: Corrida de automóveis organizada pela *Fiat* em 1910, fotografia de Joshua Benoliel.

Em 1901 encontramos novamente uma alusão aos barquinhos a remos na revista *Passatempo* que distingue o lago como “uma magnifica lagôa”<sup>30</sup>, retratada por volta da mesma altura nas figuras 10 e 11. De seguida, num curto parágrafo o autor descreve como seria um domingo típico no jardim:

Ali, aos domingos e dias de festa, nota-se uma animação extraordinária, cruzando-se as mais elegantes equipagens, seguidas de cavalleiros e cyclistas que, em correrias pelas varias aleas do formoso parque o enchem de vida e de alegria <sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> *Passatempo*, (autor desconhecido) 1901, P4

<sup>31</sup> *Passatempo*, (autor desconhecido) 1901, P4



Figura 10: Lago do Jardim do Campo Grande onde são visíveis vários barquinhos a remos (e uma chaminé de fábrica ao fundo) na década de 1910, fotografia de Joshua Benoliel.



Figura 11: Lago do Jardim do Campo Grande também na década de 1910. À direita encontra-se a ponte retratada na imagem (do mesmo ano) presente no artigo de Vieira (figura 6) de uma perspectiva diferente, permitindo-nos constatar, uma vez mais, que o parque se encontraria rodeado de árvores altas ou vegetação densa nessa altura, fotografia de Alberto Lima.

Num breve apontamento, o jardim é assinalado como “um dos melhores que possuímos e que, pela sua extensão e magníficas sombras que possui, mais procurado é”<sup>32</sup>. Por outro lado, numa edição da revista *Serões* de 1903 são focadas várias atrações do parque, com uma atenção especial ao que acontecia no lago, onde “apenas algumas creanças (...) ensaiam os remos nos pequenos botes da lagôa”, o seu autor descreve ainda esta lagoa como um “charco peçonhento”<sup>33</sup>.

Se por um lado o primeiro autor exalta as melhores características do jardim, o último, apresenta uma descrição comparativamente mais crítica, afirmando que o Campo Grande “é uma bella alameda, pobremente cuidada e intermitentemente concorrida” e que a vontade “bem firme” de o conservar é inexistente porque a cidade não necessita de um parque<sup>34</sup>, ideia já introduzida por Júlio César Machado décadas antes, quando se pronuncia contra o fim da realização da Feira do Campo Grande para dar lugar a um “*Bois de Bologne*” (Machado 1872:103-104).

Foi precisamente durante este século que o Jardim do Campo Grande, conhecido como Campo 28 de Maio entre 1935 a 1949, sofreu as maiores transformações <sup>35</sup>. Em 1900 foi projetado um botequim que ficaria numa pequena ilha existente no lago (Rêgo e Fernandes 1996:13,23) e, anos depois, seriam feitas várias remodelações, sendo destruídas as vias para ciclistas e cavaleiros que se encontravam na rua ocidental (Morais, Caessa e Martins 1999:170).

Depois de diversas obras de melhoramento e embelezamento, o jardim é neste momento considerado de 1ª Categoria (*Ibid.*,155)<sup>36</sup>. Eugenio Vieira retrata o Campo Grande como sendo “o mais pitoresco e saudável local de recreio da Sociedade Lisboaeta”, sublinhando, contudo, o seu cariz rural ao pronunciar o contraste deste “saudoso retiro” com a “agitação da vida citadina”, considerando-o um bom espaço para a recuperação dessa mesma agitação (Vieira 1910:269); é interessante notar que esta ideia de os espaços

---

<sup>32</sup> *Passatempo*, (autor desconhecido) 1901, P4

<sup>33</sup> (autor desconhecido) *Serões - Revista Mensal Ilustrada*, N17, 1903, PP305-307  
[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1903/N017/N017\\_item1/P55.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1903/N017/N017_item1/P55.html)

<sup>34</sup> (autor desconhecido) *Serões - Revista Mensal Ilustrada*, N17, 1903, P305  
[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1903/N017/N017\\_item1/P55.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1903/N017/N017_item1/P55.html)

<sup>35</sup> “Em homenagem ao golpe político de 28 de Maio de 1926, o Campo Grande mudou o nome para Campo 28 de Maio, provocando uma reacção da Câmara Municipal de Lisboa que considerou ser uma mudança radical do topónimo que já tinha criado as suas raízes ao longo do tempo. Assim, foi a própria Comissão de Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa a propor, ainda em 1926, que se retomasse a antiga designação.” (Morais, Caessa e Martins 1999:162).

<sup>36</sup> Esta classificação parece, no entanto, dever-se a uma divisão por grupos dos funcionários dos jardins de Lisboa consoante o seu cargo e o seu salário, e não com aspetos relacionados com o próprio Jardim do Campo Grande.  
[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/ActasSCML/1910/1910\\_item1/P645.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/ActasSCML/1910/1910_item1/P645.html)

verdes num contexto urbano serem considerados locais mais tranquilos continua vigente nos dias de hoje.

Curiosamente, neste artigo, para além de Vieira fazer uma exposição semelhante à de outros autores sobre o jardim, divulga uma faceta diferente do espaço ao expor o seu trabalho de campo e a forma como algumas pessoas interagiram consigo. Faz alusão a um público não referenciado por nenhum outro autor, nomeadamente a ciganos, sem-abrigo e a pessoas que aí vão para se suicidar, algo que parecia não ser segredo para quem frequentava o jardim na época (*Ibid.*, 354-356).

Na década de 1930 o *Chalet* das Canas é demolido e um parque infantil é inaugurado no seu lugar em 1937. Anos depois, o lago é aumentado e a ilha aí existente é substituída (Rêgo e Fernandes 1996:23). Ainda assim, apesar destas intervenções, há relatos do estado precário em que se encontrava o jardim: “Com o passar dos anos, o jardim – como que obedecendo a uma fatalidade cíclica – entrou em nova fase de degradação: «a decadência do Campo Grande de ano para ano se acentuava mais»” (*Ibid.*,21).

Para embelezar a paisagem do parque e disfarçar o evidente desleixo, foram sendo plantadas mais árvores de modo a tentar reparar o seu estado:

Mais tarde, procurou-se remediar o mal, plantando arvores novas e arbustos nos locais onde outras haviam morrido. Porém, tudo ia sendo feito de improviso, sem um plano prévio de arborização, com o único propósito de preencher falhas. Deste modo, a pouco e pouco, certas zonas transformaram-se em verdadeiros matagais onde as plantas se afogavam umas às outras, impedindo-se mutuamente de atingir um desenvolvimento normal e harmonioso (Quadros 1948:15).

Tendo em consideração este cenário, em 1938 foi comunicado pelo Diário de Notícias que iriam ser feitas obras de remodelação no jardim (Rêgo e Fernandes 1996:22). Contudo, antes que estas pudessem ter sido iniciadas o parque ficou completamente devastado devido à passagem de um ciclone em 15 de fevereiro de 1941<sup>37</sup> que, na imprensa da altura, foi descrito como “de extraordinária violência que derrubou chaminés, telhados e arvores, chegando a atirar, nas ruas, os transeuntes ao chão”<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> *Diário de Lisboa*, 27-02-1941, P3

<sup>38</sup> *Diário de Lisboa*, 15-02-2017, P1

Nos dias seguintes à passagem do ciclone, lê-se no Diário de Lisboa que “O Campo Grande – hoje Campo 28 de Maio – foi uma das grandes vítimas do ciclone. Na placa asfaltada do lado ocidental, o trânsito faz-se com precauções”, dando ainda conta de outros locais em Lisboa que também sofreram com o ciclone, como jardins ou avenidas onde caíram árvores<sup>39</sup>.

Os efeitos do ciclone no Jardim do Campo Grande continuaram a ser noticiados pela imprensa nacional dias depois do ocorrido:

(...) o velho parque do Campo Grande. Era dos mais lindos «pulmões» da cidade com a sua encantadora rusticidade, dois quilómetros ou mais de árvores, lagos, cabanas exóticas, num emaranhamento orgânico de frondes que, por vezes, sem o ruído dos automóveis, nem o tilintar irritante dos «electricos», nos fazia lembrar, entre as suas paredes verdes, de sebes vivas, um pedaço de selva<sup>40</sup>.

A escritora Maria de Carvalho escreve dias depois com uma certa nostalgia que “aqueles ramos deram sombra a diversas gerações, e ouviram cantar as aves em inúmeras primaveras, e é preciso outras tantas gerações para que nova árvore, que não chegaremos a ver, torne a formar-se...”<sup>41</sup>, acrescentando que apenas as palmeiras “árvores das regiões quentes, se conservaram de pé, como se o ciclone não fosse para elas estranho”<sup>42</sup>.

As recorrentes referências às árvores caídas levam a crer que eram elementos essenciais e distintos do jardim (sobretudo por lhe conferirem o aspeto de uma selva), ilustrando assim a enorme perda de valor e utilidade do parque, que servindo como um refúgio dos ruídos que evocam a cidade, é uma vez mais visto como um escape da agitação urbana.

Perante este cenário poder-se-á concluir que muito provavelmente a vida animal presente no parque, elemento central no ambiente sonoro de um jardim (principalmente as aves que habitam nas árvores e cujo chilrear seria certamente um som característico do local) ter-se-á afastado, bem como os seus habituais visitantes, demonstrando grandes alterações na vida sonora e social do jardim, embora este não se encontrasse em condições ideais antes deste fenómeno.

---

<sup>39</sup> *Diário de Lisboa*, 16-02-1941, P1

<sup>40</sup> *Diário de Lisboa*, 18-02-1941, P4

<sup>41</sup> *Diário de Lisboa*, 27-02-1941, P3

<sup>42</sup> *Diário de Lisboa*, 27-02-1941, P3

Ainda antes da passagem do ciclone, o livro *Do Saldanha ao Campo Grande: os originais do Arquivo Municipal de Lisboa* (1999), informa que

(...) o vereador Formosinho Sanches discursava sobre o estado do Campo 28 de Maio afirmando que «o local vai sofrer um grande arranjo, mas actualmente está mal limpo, com as ruas cheias de ervas e os bancos sem tinta, quase não sendo possível utilizá-los».

explicando que embora tenham sido iniciados trabalhos de remodelação, estes foram interrompidos devido ao mau tempo (Morais, Caessa e Martins 1999:162).

Já uma exposição publicada na revista *Bazar* em 1945, retrata a devastação sofrida e compara o jardim num momento pós-ciclone com os momentos de esplendor de um Campo Grande do passado:

Como já vai distante o tempo em que os ingleses ali realizavam, nos domingos de verão, animadas corridas de cavalos (...). Nos últimos anos do antigo regime ainda por lá se reunia em certos dias a alta sociedade de então, com as suas luxuosas equipagens mas hoje o Campo Grande deixou de estar na moda, e afora as esbaforidas multidões que ao domingo acorrem ao pontapé na bola; apenas umas modestas reuniões hípicas para corridas de saltos, conseguem chamar ali perto alguns militares montando quase só cavalos do Exército, pois, dos paisanos, poucos ainda os possuem ou mantêm o gosto pelas desenvoltas picarias (Sousa 1953:224).

Neste momento o jardim parece encontrar-se desfeito, o que não convida à sua utilização, ainda que a “alta sociedade” se continuasse a reunir aí. Perderam-se os hábitos antigos e os eventos hípicos diminuíram, dando lugar a apenas alguns jogos de futebol aos domingos. Numa época em que a feira anual já não se realiza aí e as corridas de cavalos perdem o interesse, o Jardim do Campo Grande parece realmente ter caído no esquecimento dos seus habituais visitantes, restando apurar se o seu estado de abandono conduz ao afastamento da população ou o inverso.

### 5.3. A intervenção de Keil do Amaral

Na década de 1940 o jardim é remodelado segundo o projeto do arquiteto Francisco Keil do Amaral (1910-1975), que assumiu não só a responsabilidade pelo

Jardim do Campo Grande (1945) como de outras importantes obras públicas da cidade, como o Aeroporto de Lisboa (1938-1942), o Parque Florestal de Monsanto (1942), ou o Parque Eduardo VII de Inglaterra (1948). O jornalista Luís de Quadros enumera as razões que levaram a Câmara Municipal de Lisboa a empreender a requalificação do jardim:

- a) – Fazer reviver aqueles centros de interesse que tinham de certo modo, constituído os fulcros de atracção do parque.
- b) – Reagrupar o arvoredo, de modo a permitir-lhe melhores condições de vida e de desenvolvimento, e, bem assim, maior encanto paisagístico.
- c) – Estudar e executar um novo traçado de arruamentos e canteiros, dando aos visitantes mais largas perspectivas dentro do parque e, simultaneamente, maior isolamento em relação ao movimento exterior (Quadros 1948:16).

Esta intervenção ao jardim projetada por Keil do Amaral parece ter sido uma das mais significativas, tendo sido iniciada em 1945 e terminado na década de 1960 com a construção de uma piscina infantil na zona sul (Morais, Caessa e Martins 1999:163)<sup>43</sup>. Nesta modernização a área do parque é aumentada em 1000 metros quadrados “de modo a estabelecer um plano regular e racional” que incluiu “os primeiros relvados pontuados de árvores e os primeiros equipamentos modernos em jardim” (Tostões 1992:82) (apresentando um visível contraste com o bosque que teria sido anteriormente).

A remodelação do jardim ocorreu em paralelo à requalificação urbana de toda a zona envolvente do Campo Grande, que a tornou mais acessível e integrada na cidade de Lisboa. Um plano rodoviário de 1944, proposto por Keil do Amaral, que determinava a ampliação das ruas ocidental e oriental, de forma a facilitar a circulação do trânsito é executado, reavivando esta zona como um local de passagem (Morais, Caessa e Martins 1999:166). Em 1955 inicia-se a construção do metropolitano, previsto já desde o final da década de 1920 (*Ibid.*,170), também com o intuito de facilitar a circulação e o acesso a esta zona da cidade <sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> A autora Ana Tostões explica que o período de pós-guerra em que se procedem às remodelações deste jardim se vivia uma atenuação do “clima de apertada contenção económica” (Tostões 1992:92) tendo, talvez, permitido que se procedessem a trabalhos de melhoramento e embelezamento do parque de maior profundidade.

<sup>44</sup> Apesar de o autor não especificar a qual das estações de metropolitano se refere, e por o Jardim do Campo Grande ser vasto o suficiente que permita que o seu acesso possa ser feito a partir de várias estações, fará sentido supor que a estação de metropolitano aqui referida será a de Entre Campos, visto que segundo o site do Metropolitano “é uma das onze estações pertencentes à 1ª fase do 1º escalão da construção da rede do Metropolitano de Lisboa, abriu ao público em 1959 quando da inauguração da rede”. De acordo com o

Também em meados do século XX é aprovado o plano para a construção do Bairro de Alvalade, um bairro com moradias de renda económica que teria as seguintes demarcações: “a Norte, a Avenida Alferes Malheiro (hoje Avenida do Brasil), a Este, o prolongamento da Avenida Almirante Reis, a Sul, a Linha Férrea da Cintura, e a Oeste o Campo Grande e Avenida da República” (Acciaiuoli 2015:498). Seria um bairro autónomo e independente, dividido por oito células de habitações em que o elemento central seria uma escola (*Ibid.*,517), e cujos residentes poderiam usufruir do Jardim do Campo Grande recentemente renovado (Quadros 1948:18). Próximo de Alvalade é nesta altura inaugurado o Hospital Júlio de Matos<sup>45</sup> e, num sentido oposto, é fundada a Cidade Universitária e o Hospital de Santa Maria (1953). Estas construções transcrevem um desenvolvimento da envolvente do Jardim do Campo Grande, um espaço outrora relativamente distante do centro da cidade que começa a adquirir uma nova centralidade.

A gradual inclusão do Campo Grande em Lisboa com a expansão desta cidade terá sido responsável por parte da dinamização do jardim, uma vez que com este crescimento, os acessos são facilitados e novos bairros são construídos nas proximidades, tornando o parque um espaço verde capaz de corresponder às expectativas da população que se fixaria nesses bairros. Precisamente com a construção de novas vias de acesso para o trânsito rodoviário, de edifícios públicos (como a Universidade ou os hospitais), e do Bairro de Alvalade, o jardim seria mais frequentado, tornando-se um espaço central para a sua envolvente, com o impacto que estas novas dinâmicas poderiam ter na sua paisagem sonora, que estaria cada vez mais preenchida, sobretudo com sons de origem exterior resultantes de todo o movimento diário que se registaria na zona.

Com a remodelação de Keil do Amaral algumas das atrações do jardim são recuperadas e novas são criadas, reagrupando o arvoredado e simplificando “o traçado dos arruamentos e canteiros com o objetivo de alargar as perspetivas e de criar um maior isolamento do jardim em relação à envolvente”, nomeadamente do ruído do “trânsito automóvel do qual parecia importante proteger o passeio no jardim” (Tostões 1992:82), sobretudo por ser um parque consideravelmente estreito, com 200 metros de largura no seu ponto mais amplo. Parece, portanto, que uma vez mais, o ruído produzido por veículos

---

mesmo site, as outras estações mais próximas foram inauguradas posteriormente; a estação da Cidade Universitária foi inaugurada em 1988, a do Campo Grande em 1993 e a de Alvalade (a mais distante) em 1972. Seja como for, a abertura destas estações é um indicador do crescimento da cidade e em especial da zona do Campo Grande que pretendia aliviar o fluxo de trânsito com a abertura destas estações.

<http://www.metrolisboa.pt/informacao/planear-a-viagem/diagrama-e-mapa-de-rede/entre-campos/>

<sup>45</sup> [http://www.chpl.pt/artigos/chpl/historia\\_pt\\_211](http://www.chpl.pt/artigos/chpl/historia_pt_211)



a motor era percebido como um som que perturbava a tranquilidade que, supostamente, deveria imperar no parque.

Focando-se nas funções do jardim, “uma nova ilha foi construída com acesso por uma moderna ponte de modo a servir uma esplanada com bar. (...) Foram também construídos dois ‘courts’ de ténis com os respectivos apoios” (*Ibidem*), retratados na figura 12, e dois terreiros dedicados a jogos tradicionais como a “patela”, a “bola”, o “chinquilha” e a “laranjinha” (Quadros 1948:16).

Tendo o Campo Grande sido tradicionalmente um espaço de eleição para os ciclistas, Keil do Amaral teve o cuidado de construir duas pistas alcatroadas e fechadas ao trânsito destinadas à aprendizagem deste desporto (*Ibidem*), como se pode ver na figura 13. Completam as novas infraestruturas uma piscina infantil, uma biblioteca municipal ao ar livre e um rinque de patinagem, que seriam construídos mais tarde.



Figura 13: Campo de ténis construído na remodelação projetada por Keil, fotografia de cerca de 1952 (autor desconhecido).



Figura 12: Pista de bicicletas no jardim, em 1961, fotografia de Artur João Goulart.

Um dos pontos de atração no topo norte do lago foi, durante alguns anos, o Restaurante Alvalade, visível no fundo da imagem seguinte (figura 14), que seria demolido na década de 1960 para dar lugar ao Centro Comercial Caleidoscópio (Morais, Caessa e Martins 1999:163). Projetado pelo arquiteto Nuno San Payo (1926-2014) e inaugurado em 1971, este edifício funcionou num primeiro momento como posto de receção de turistas. Já em 1974 sofreria algumas alterações na organização interna e usos do espaço com a abertura do cinema Caleidoscópio, descrito na altura como “O mais

moderno cinema de Lisboa”<sup>46</sup>. O espaço terá também albergado outros serviços como restaurantes, lojas e mais tarde uma discoteca e uma livraria (Rêgo e Fernandes 1996:23).



Figura 14: Lago do jardim com o Restaurante Alvalade ao fundo em 1967, fotografia de Artur Inácio Bastos.

Apesar de o jardim ter sofrido grandes alterações com a introdução de vários novos elementos, Tostões assegura que esta remodelação foi uma intervenção delicada, adiantando que “Keil manteve o espírito pitoresco e romântico que a arborização do princípio de Oitocentos lhe imprimira” (Tostões 1999:88).

Por não ter conseguido encontrar fontes que permitissem localizar exatamente algumas das atrações nos espaços do parque, construídas na remodelação desenhada por Keil do Amaral ou outras já desaparecidas, torna-se difícil reconstruir a paisagem sonora do jardim nesse momento. Contudo, a presença dos barcos a remos como um dos principais divertimentos do jardim ao longo do tempo, mantém também nesta altura o seu contributo sonoro. A atividade nos courts de ténis e no rinque de patinagem acrescentariam igualmente elementos sonoros a todo o ambiente, à semelhança do que sucede atualmente com os campos de pádel (visto estes últimos terem sido construídos no local onde se encontrariam os campos de ténis). Tanto o Restaurante Alvalade como mais tarde o edifício Caleidoscópio, um centro comercial e cinema, seriam motivos para atrair mais visitantes ao jardim, aumentando provavelmente os sons de pessoas, como os

---

<sup>46</sup> *Diário de Lisboa*, 01-11-1974, P4

diálogos, os passos no piso, patins a deslizar num rinque pavimentado ou sons provenientes de brincadeiras de crianças, sem esquecer as sonoridades provenientes da circulação das bicicletas.

Com a construção do Bairro de Alvalade, da Cidade Universitária e a urbanização da envolvente do parque, o Jardim do Campo Grande viria a adquirir nova importância como espaço de sociabilidade e recreio. Luís de Quadros afirma que, apesar desta renovação e do crescimento da zona, o Jardim do Campo Grande continuava a ser procurado por oferecer um contraste com o ambiente citadino:

(...) o Campo Grande – se está integralmente modificando para nos proporcionar belas tardes de sol primaveril, ou de frescura estival, mas sempre de tranquilidade, de quietação...de sossego, em certos dias tão desejadas, pelos dinâmicos habitantes de uma cidade trabalhadora e cosmopolita como é presencialmente esta Nossa Lisboa (Quadros 1948:18).

Quando esta remodelação foi iniciada já o Aeroporto de Lisboa<sup>47</sup> tinha sido inaugurado e, dada a sua proximidade do jardim, poder-se-á assumir que os sons dos motores dos aviões fariam parte da envolvente sonora do jardim, bem como o já referido trânsito automóvel, que seria abundante ao ponto de ser necessário realizar alterações nas vias próximas para facilitar a sua circulação. Talvez tenha sido neste momento que o sino da igreja das proximidades tenha deixado de ser uma presença sonora tão audível no quotidiano do jardim devido, precisamente, a todas as mudanças e desenvolvimentos ocorridos na zona.

Em fotografias da época, sendo um exemplo a imagem que se segue (figura 15), são visíveis muitas embarcações no lago (que aparentava ser maior) e algumas aves que parecem ser cisnes ou gansos que, certamente também acrescentariam o seu contributo sonoro ao espaço, tal como outras aves. Num documentário de 1990 sobre o Campo Grande, o jardim é focado como um dos seus pontos de interesse, sendo audível em alguns momentos do vídeo o chilrear de pássaros, muito semelhante ao dos periquitos-rabijuncos que povoam hoje o parque, havendo a possibilidade de se tratar da mesma espécie visto que esta se instalou em alguns jardins de Lisboa ainda na década de 1980<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> “O aeroporto de Lisboa-Portela foi inaugurado em 1942. Apesar de ter sido construído na periferia da cidade, o aeroporto foi rapidamente envolvido pela expansão urbana da cidade de Lisboa” (Coutinho e Partidário 2008:2).

<sup>48</sup> <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/campo-grande/#sthash.UBMxB02a.dpbs>



Figura 15: Lago do Jardim do Campo Grande, fotografia de Artur Pastor, 1973.

#### 5.4. Do esquecimento à requalificação urbana

A modernização do Jardim do Campo Grande delineada por Keil do Amaral correspondeu a um momento de esplendor do jardim, dotando-o de novas funções, que lhe permitiram adquirir um renovado interesse nas práticas de lazer dos lisboetas. Depois desta intervenção não se procedeu a nenhuma remodelação significativa nos espaços do jardim até aos anos 2000 (Morais, Caessa e Martins 1999:163). Algumas notícias deste intervalo de tempo lamentam o seu estado, ilustrando outro momento de abandono, degradação e insegurança. Uma vez mais, o Jardim do Campo Grande atravessa uma etapa de crise neste ciclo histórico de altos e baixos.

Consoante dois vídeos disponibilizados pela RTP, ainda em 1976 o jardim estaria abandonado e num estado deplorável<sup>49</sup>; contudo, na década de 1990 um documentário foca os pontos de interesse do jardim, como os campos de ténis, o rinque de patinagem, o então Centro Comercial Caleidoscópio e os barcos no lago, mostrando a vida no parque

---

<sup>49</sup> [https://www.rtp.pt/rtpmemoria/retrovisor/campo-grande-ao-abandono\\_242](https://www.rtp.pt/rtpmemoria/retrovisor/campo-grande-ao-abandono_242)

e afirmando que “por todo o lado, crianças e adultos procuram desfrutar este verdadeiro paraíso”, sendo mesmo considerado “um dos locais mais aprazíveis de Lisboa”<sup>50</sup>.

Em 2005 o jornal *Notícias da Manhã* informa que o “Campo Grande está ao abandono” e que poucas pessoas o frequentam por motivos de insegurança<sup>51</sup>. Anos antes, o *Correio da Manhã* esboça um cenário semelhante ao afirmar que o jardim se tornou um “ninho de marginais” e que os assaltos são frequentes por haver falta de policiamento, acrescentando, de seguida, esclarecimentos de um dos empregados do sítio que declara que “Havia muitos patos no lago, mas também foram roubados”<sup>52</sup>.

Já nos últimos anos têm sido feitas intervenções neste jardim ao encargo da Câmara Municipal de Lisboa e da Universidade de Lisboa, primeiro na zona norte, tendo os trabalhos sido concluídos em 2013 e, no presente ano, na zona sul, com a previsão da sua conclusão no feriado do 25 de Abril de 2018. Relativamente a estes trabalhos realizados na zona norte do espaço, no site da Câmara Municipal de Lisboa pode ler-se o seguinte:

Na primeira fase, o jardim foi alvo de uma forte transformação concetual, dado que foi abandonada a estrutura de caminhos e canteiros para ser convertido num único plano verde, amplo, de grande visibilidade e profundidade, onde predominam os relvados e os prados. Toda a estrutura verde arbórea foi mantida e recuperada e plantados novos espécimes. De forma a minimizar o impacto da intensa circulação rodoviária, foi privilegiada a instalação de uma orla arbustiva densa associada a uma modelação. A iluminação pública foi também renovada, tornando o jardim mais iluminado durante o período noturno<sup>53</sup>.

A descrição denota preocupação com a segurança e com o isolamento do jardim relativamente ao seu redor, nomeadamente, um isolamento sonoro:

O projeto, da autoria da arquiteta Rosário Salema, pretende criar melhor ambiente, através do isolamento do ruído e visão das faixas de rodagem, e da diminuição da opacidade interna, com a redução da densidade arbustiva, para garantir mais segurança<sup>54</sup>.

---

<sup>50</sup> <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/campo-grande/#sthash.UBMxB02a.dpbs>

<sup>51</sup> *Notícias da manhã*; 10-11-2005

<sup>52</sup> *Correio da Manhã*; 01-08-1998, P12

<sup>53</sup> <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/jardim-do-campo-grande>

<sup>54</sup> <http://lifestyle.sapo.pt/vida-e-carreira/em-foco/artigos/vida-nova-no-jardim-do-campo-grande>

Analisando o excerto, percebe-se que tanto de uma perspectiva sonora como visual, nesta melhoria do isolamento do ambiente do jardim relativamente à sua envolvente, fez-se uso de arbustos nos limites de alguns pontos do jardim, de forma a simultaneamente abafar o ruído do trânsito e a impedir que este faça parte do seu ambiente visual de um modo tão destacado. Por outro lado, a diminuição de vegetação nos espaços interiores do jardim permitiria obter uma maior sensação de segurança para os seus usuários, já que confere uma certa transparência interna ao local, permitindo que se veja claramente amplas porções de relvado em praticamente todo o parque. Apesar destes esforços, o exterior influencia fortemente o ambiente sonoro e visual do jardim e, talvez por essa razão, se tenha optado por uma abordagem diferente na projeção da requalificação da zona sul do Jardim do Campo Grande, com a construção de montículos de terra para proteger o jardim do trânsito exterior, como veremos adiante. Ainda assim, para além de preocupações estéticas, esta intervenção parece sobretudo centrar-se em proporcionar um uso do jardim mais confortável e seguro para os seus visitantes.

Relativamente às infraestruturas do parque, o edifício Caleidoscópio, que ao longo do tempo teve vários serviços a funcionar nas suas instalações, foi cedido pela Câmara Municipal de Lisboa à Universidade de Lisboa e transformado recentemente num Centro Académico (figura 16) que aloja um restaurante McDonald's no piso inferior. Para além destes edifícios, existe ainda um café/restaurante (Casa do Lago, retratado na figura 18) situado na ilhota concebida anteriormente por Keil. No lago navegável, os barquinhos a remos mantêm-se em funcionamento; nos espaços a norte, encontram-se vários campos de pádel (figura 20) e um Café Concerto. Para além dos habituais bancos de jardim espalhados pelo parque, este tem ainda uma área de merendas e alguns bancos de maiores dimensões com jogos matemáticos incluídos nos seus tabuleiros. Todo o espaço parece ter sido modificado, havendo mais relvados, responsáveis por tornar a área mais ampla (como se pode ver em quase todas as imagens, mas especialmente, nas figuras 18, 19 e 21) e é criado um parque canino (visível na figura 17) que foi, aparentemente, o primeiro da cidade:

Uma das novidades do Jardim do Campo Grande é o primeiro recinto de recreio canino da cidade de Lisboa, um espaço vedado com vários obstáculos, onde os cães podem correr



e brincar soltos e em segurança, infraestrutura que se pretende alargar a outros espaços verdes da cidade <sup>55</sup>.

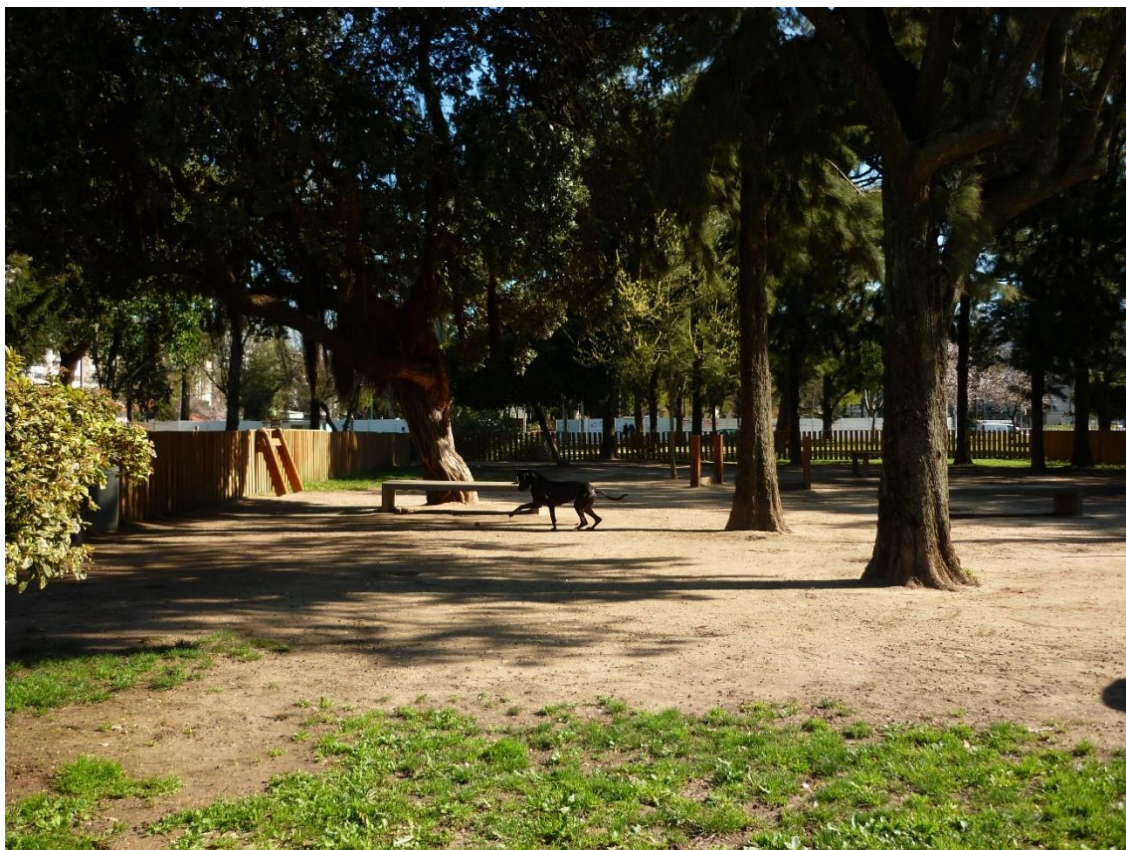


Figura 16: Parque canino localizado no jardim e, ao fundo, a Avenida do Brasil [fotografia da autora].

---

<sup>55</sup> <http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/jardim-do-campo-grande>





Figura 17: Restaurante Casa do Lago na ilha projetada por Keil na remodelação de meados do século XX [fotografia da autora].



Figura 18: Ilha do lago com o edifício Caleidoscópio ao fundo [fotografia da autora].





Figura 19: Zona 3 do jardim, vista de norte para sul, com os campos de pádel à esquerda [fotografia da autora].



Figura 20: Lago do jardim com o edifício Caleidoscópio ao fundo de uma perspetiva semelhante à figura 14 onde se observava o Restaurante Alvalade [fotografia da autora].





Figura 21: Início da zona 2 do jardim [fotografia da autora].

Como já foi mencionado, a zona sul encontra-se no momento da realização desta investigação fechada para obras de manutenção. Antes de se iniciarem estes trabalhos, esta zona tinha um lago de menores dimensões que o da zona norte, vias pedonais e muitos bancos de jardim, com algumas mesas, relvados e um parque infantil, embora tivesse já algumas áreas de acesso vedado, nomeadamente uma passagem subterrânea. As obras que decorrem nesta zona visam melhorar os acessos e os espaços verdes, renovar as vias pedonais e a “pista ciclável”, introduzir “mais mobiliário urbano” e “mais iluminação e segurança” bem como “novas zonas de estadia e parques infantis”<sup>56</sup>.

Nesta remodelação, tal como na efetuada anteriormente na zona norte do Jardim do Campo Grande, é demonstrada uma preocupação com a segurança do jardim e com o seu isolamento relativamente ao exterior, mais precisamente ao ruído do trânsito:

Ao lado [do jardim], o trânsito passa incessante, produzindo um contínuo ruidoso. Algo que, assegura o responsável em funções há mais de quatro décadas na autarquia da capital, deixará de ser uma marca constante de um dos mais emblemáticos parques verdes da cidade. Essa será uma das grandes novidades, nota. Os montículos de terra [retratados na

---

<sup>56</sup> Informações retiradas do panfleto “Projeto de requalificação do Jardim do Campo Grande Sul” apresentado no anexo 2.

figura 22] dispostos de forma intercalada entre si, ao longo de todo o perímetro do jardim, servem de barreira acústica, reduzindo de forma significativa o barulho dos carros <sup>57</sup>.



Figura 22: Fotografia apresentada no artigo, tirada na zona sul do Jardim do Campo Grande, retratando os referidos montículos.

## 5.5. Discussão

Olhando atualmente para o Jardim do Campo Grande parece impossível deduzir a enorme variedade de funções e eventos que o espaço albergou desde o seu surgimento, ou mesmo compreender a evolução espacial que sofreu ao longo do tempo; ao observar a imagem 23 fora do contexto deste trabalho, dificilmente perceberíamos que se trata do mesmo jardim.

Assumiu a figura de um bosque no decorrer do século XIX, tendo sido melhorado sucessivas vezes, após ter ganho maior visibilidade com as corridas de cavalos e com a realização da Feira das Nozes. Neste momento o Campo Grande, ainda que um lugar pontuado de casas de campo, revela algum crescimento gradual da zona que contrasta com o descampado que tinha sido, que apenas teria um poço ou chafariz ainda no século anterior.

---

<sup>57</sup> <http://ocorvo.pt/solucoes-naturais-espaco-livre-e-seguranca-sao-marcas-do-novo-jardim-do-campo-grande/>





Figura 23: Planta topográfica que abrange parte do Jardim do Campo Grande, 1907-1910.

No século XX vai sendo progressivamente integrado na cidade, e sofre a maior mudança com a remodelação projetada pelo arquiteto Keil do Amaral, motivada pelo estado degradado em que se encontrava o jardim, agravado com a passagem de um ciclone no início da década de 1940. A figura 24, já da década de 1960, mostra como o Jardim do Campo Grande seria após estas remodelações, sendo possível estabelecer uma comparação e notar algumas semelhanças com a imagem 25, ainda que sejam separadas por 50 anos. Por exemplo, o lago tem uma forma muito semelhante à que apresenta atualmente, bem como os seus limites exteriores ou o posicionamento de alguns dos seus elementos como os campos de ténis, onde se encontram hoje os de pádel. Quando comparadas com a figura 23, as imagens 24 e 25, parecem representar um local completamente diferente visto que as suas formas são bastante mais estreitas, o lago é muito menor e não parece existir uma divisão do jardim em duas partes (o que provavelmente só viria a acontecer com a construção da Avenida do Parque, mais tarde Avenida do Brasil).



Figura 24: Projeto de Urbanização da malha de Telheiras que inclui a zona norte do Jardim do Campo Grande, 1967.

Este último melhoramento parece pôr término à designação de bosque, tendo sido com estas obras que o jardim adquiriu as proporções de um jardim urbano (semelhantes às que apresenta hoje), momento em que é engolido pela cidade de Lisboa, embora continue a ser procurado pelos seus visitantes pela sua tranquilidade e atrações que oferecia.



Figura 25: Vista de cima do Jardim do Campo Grande, captura de ecrã retirada do *Google Maps*, 2018.

A evolução da atmosfera sonora do jardim acompanha as suas intervenções, as funções que este compreende e o desenvolvimento da área no seu redor. Apesar das muitas alterações que o jardim e a sua envolvente sofreram ao longo do tempo, este

parque foi sempre (ou quase sempre) procurado como um local de descanso e como um espaço utilizado para a realização de atividades lúdicas e desportivas.

Assim, os sons das carroças e cavaleiros de antigamente são hoje substituídos pelos dos automóveis e aviões, e os cavalos e o gado, que aí se proibiam na primeira metade do século XIX, são substituídos por cães passeados por trela e por periquitos. As vocalizações das aves, que estarão certamente presentes no local desde a sua arborização, fariam também parte da atmosfera sonora do Campo Grande, bem como os sons de pessoas (como conversas, realização de jogos e passos num piso de areia, e, atualmente de pavimento). Menciono, uma vez mais, o som do sino da Igreja dos Santos Reis Magos, cuja importância sonora não será tão relevante hoje como terá sido antigamente, quando a sua sonoridade seria mais audível e necessária no quotidiano da população aí residente, por assinalar o passar das horas, as cerimónias e as festas religiosas que se realizariam nessa igreja e no seu adro.

## 6. O ambiente sonoro do Jardim do Campo Grande

Este capítulo deriva de uma aproximação etnográfica ao estudo do ambiente sonoro do Jardim do Campo Grande que visava, simultaneamente, proceder a um levantamento dos vários sons que compõem a paisagem sonora do jardim e realizar breves questionários aos seus visitantes, com o intuito de apurar o modo como vivem o espaço e interpretam e apreciam o seu ambiente sonoro.

### 6.1. Questionários sócio acústicos

Entre os meses de janeiro e junho de 2017 foi feito um breve questionário aos usuários do parque (apresentado no anexo 3), de modo a compreender melhor o perfil do visitante e a sua relação com o parque. Inspirada no projeto *Favourite Sounds* do investigador e artista sonoro britânico Peter Cusack,<sup>58</sup> perguntei a quem se encontrava no jardim qual era o som ou os sons que mais apreciava da sua sonoridade. Assim, a pergunta “qual é o seu som preferido do jardim e porquê?” foi uma forma de propor aos usuários do parque refletir sobre o modo como escutam e se relacionam com o seu ambiente sonoro, destacando os aspetos positivos da sua experiência auditiva. Por outro lado, as respostas aos questionários serviram também para orientar a minha própria escuta no jardim.

No total, pude considerar 61 questionários, visto que algumas participações foram incompletas ou inválidas em casos como, ao abordar duas pessoas, por exemplo, uma responde apenas às duas primeiras questões e depois retira-se para um segundo plano ou, em raras ocasiões, houve também quem respondesse algo que em nada se relacionava com as perguntas.

---

<sup>58</sup> “Favouritesounds.org is a sound-mapping site, based on Google maps, set up to explore the connections between sounds in the environment and their geography. It is a development from the long running favourite sound project that, from 1998, has aimed to discover, and celebrate, what people value about the soundscapes of the cities, towns and neighbourhoods where they live and work. The project asks the seemingly simple question, ‘What is your favourite sound of London, or Beijing, or Prague, or..., and why?’”.

<http://favouritesounds.org/about.php?projectid>

Generalizando, posso afirmar que as pessoas de uma faixa etária superior a 35-40 anos tendiam a parecer mais ocupadas, a afastar-se mais ou ter uma maior facilidade em recusar responder. Contudo, pessoas que tivessem cães mostraram ser exceções, principalmente se se encontrassem perto ou dentro do parque canino, tendo algumas sugerido que as acompanhasse para dentro do recinto para que os pudesse questionar quando já tivessem soltado o seu cão.

No decorrer dos meses de realização dos questionários sócio acústicos, concluí que durante a semana, a altura mais adequada para conversar com os visitantes era o final da tarde, que coincide com o momento em que muitas pessoas praticam desporto ou passeiam os cães e quando a presença de estudantes aumenta. Tentei, então, que as minhas visitas ao jardim coincidissem com esses horários, apesar de ter continuado a ir em momentos variados do dia para observar as suas dinâmicas e inventariar os seus sons. Por outro lado, notei que ao fim de semana as pessoas se encontram maioritariamente em grupo ou em família, não se mostrando, portanto, tão disponíveis para conversar.

O trabalho de terreno serviu também para verificar que o jardim funciona como local de passagem para uma vasta porção dos seus usuários, sobretudo durante a manhã e no período da noite, tanto para estudantes que cruzam o jardim em direção às faculdades da Universidade de Lisboa e da Universidade Lusófona, como para pessoas que atravessam o parque para ir para o trabalho ou no regresso.

Com o aumento gradual das horas de sol no final do Inverno e início da Primavera, o período do final da tarde foi alargando e, nas noites de temperaturas mais agradáveis, pareceu-me observar um ligeiro aumento de afluência de visitantes. No entanto, esta observação foi feita maioritariamente de passagem porque raramente aí passei períodos de tempo prolongados depois do anoitecer, dado que com o avançar das horas sem sol, as pessoas também pareciam sentir-se menos motivadas a conversar com alguém desconhecido e porque o parque não me parecia tão seguro nessas alturas.

Por ser um questionário com poucas perguntas e por ter decorrido num espaço que para muitos dos inquiridos é de passagem, nunca fluiu nenhuma conversa prolongada relacionada com os sons do jardim. Houve, todavia, quem fizesse pequenos comentários acerca dos sons que considerava desagradáveis e se escutavam no local no momento da entrevista, normalmente antes de responderem qual era o seu som preferido, observando, por exemplo, que não gostavam do som dos aviões ou do trânsito.

Foram ainda feitos comentários sobre a importância do som e da sua perceção auditiva do espaço como algo que influencia a sua compreensão do próprio parque.



Assim, uma das pessoas entrevistadas afirmou que “o jardim é uma tentativa falhada de trazer natureza à cidade auditivamente. Visualmente consegue”<sup>59</sup>. Houve ainda quem considerasse o jardim um espaço seguro devido ao seu posicionamento entre várias estradas muito movimentadas, reforçando o contraste entre natureza e cidade:

Sinto-me segura dentro do jardim porque posso ver o movimento do trânsito e não estou demasiado cercada com muros e plantas, como acontece em outros jardins. Aqui tem arbustos, mas também tem espaços mais abertos por isso não me sinto tão isolada<sup>60</sup>.

Recordo uma ocasião em que encontrei uma senhora com um cão, que aceitou conversar comigo pedindo que a seguisse até ao parque canino. Por ser um feriado de manhã e quem se encontra dentro deste recinto reserva, normalmente, mais tempo para estar com o seu cão, aproveitei e conversei com outro senhor, que olhava para o meu bloco de notas com um ar desconfiado. Começou por me explicar que, como tinha trabalhado no sábado, decidiu compensar o cão no feriado e que o seu som favorito era o dos “pássaros, logicamente!! Dá paz”<sup>61</sup>, como se não fizesse sentido nomear qualquer outro som. O som preferido da senhora com quem entrei era o mesmo e pediu-me que tomasse nota do estado do recinto canino “escreva que o parque está muito degradado”<sup>62</sup>. Várias pessoas me pediram o mesmo, apesar de eu ter explicado que estava a fazer um trabalho para a faculdade. Aparentemente, o Jardim do Campo Grande é um dos poucos parques na cidade que tem uma área para canídeos o que, de certo modo incentiva, ou obriga, os donos de cães a frequentar este local para que os possam soltar num lugar vedado e seguro.

Conversei com algumas pessoas dentro do parque canino durante o decorrer deste trabalho e todas elegeram o som dos pássaros como sendo o seu preferido, embora este recinto se encontre num dos topos do jardim onde a concentração de pássaros costuma ser menor do que nas outras áreas e, devido à proximidade de um cruzamento de várias estradas, é onde o ruído do trânsito aparenta ser mais evidente, para além dos latidos dos próprios cães e do rasto sonoro dos aviões que passam exatamente por cima. Embora o chilrear das aves não se destacasse distintamente dos outros sons neste ponto do parque,

---

<sup>59</sup> Mulher, 24 anos, 3 de junho de 2017

<sup>60</sup> Mulher, 23 anos, 11 de junho de 2017

<sup>61</sup> Homem, 47 anos, 25 de abril de 2017

<sup>62</sup> Mulher, 30 anos, 25 de abril de 2017

esta sonoridade continuou a ser a mais escolhida demonstrando possivelmente um desejo de a escutar.

## 6.2. Análise dos resultados

Os resultados apresentados correspondem à análise dos 61 questionários que consegui recolher durante o trabalho de terreno no Jardim do Campo Grande. A amostra é ligeiramente desigual relativamente ao género e idades do universo de inquiridos; por ter conseguido um maior número de participações de uma faixa etária mais jovem e feminina, embora não tenha sido intencional em nenhum momento do trabalho restringir o público de questionados. A maioria das pessoas que recusou responder aparentava ter mais de 40 anos o que, inevitavelmente, me incentivou a abordar pessoas aparentemente mais jovens que achasse que mais facilmente se relacionariam comigo.

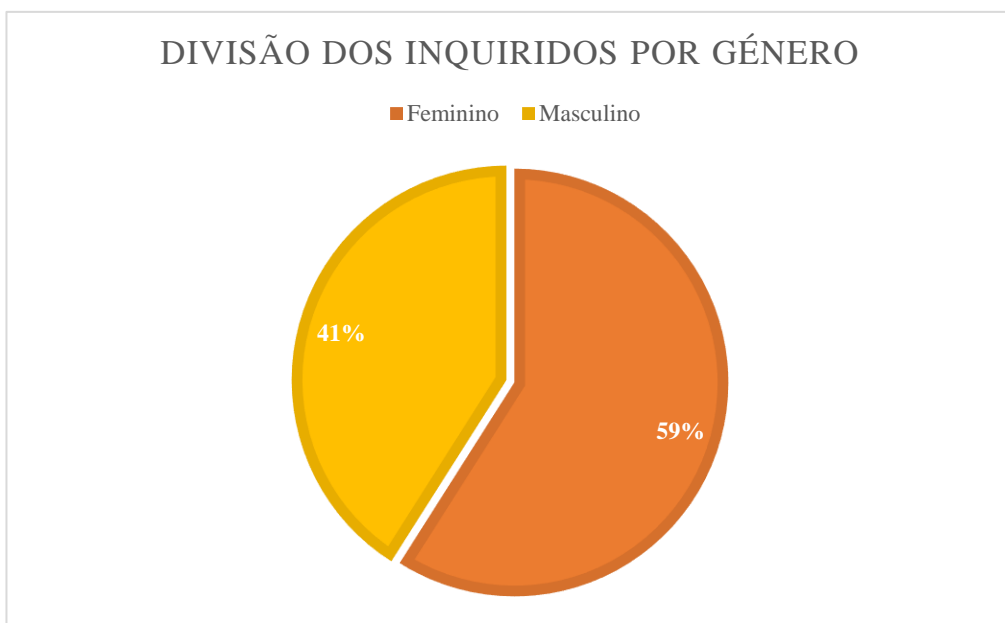


Gráfico 1: Amostra de inquiridos por género.

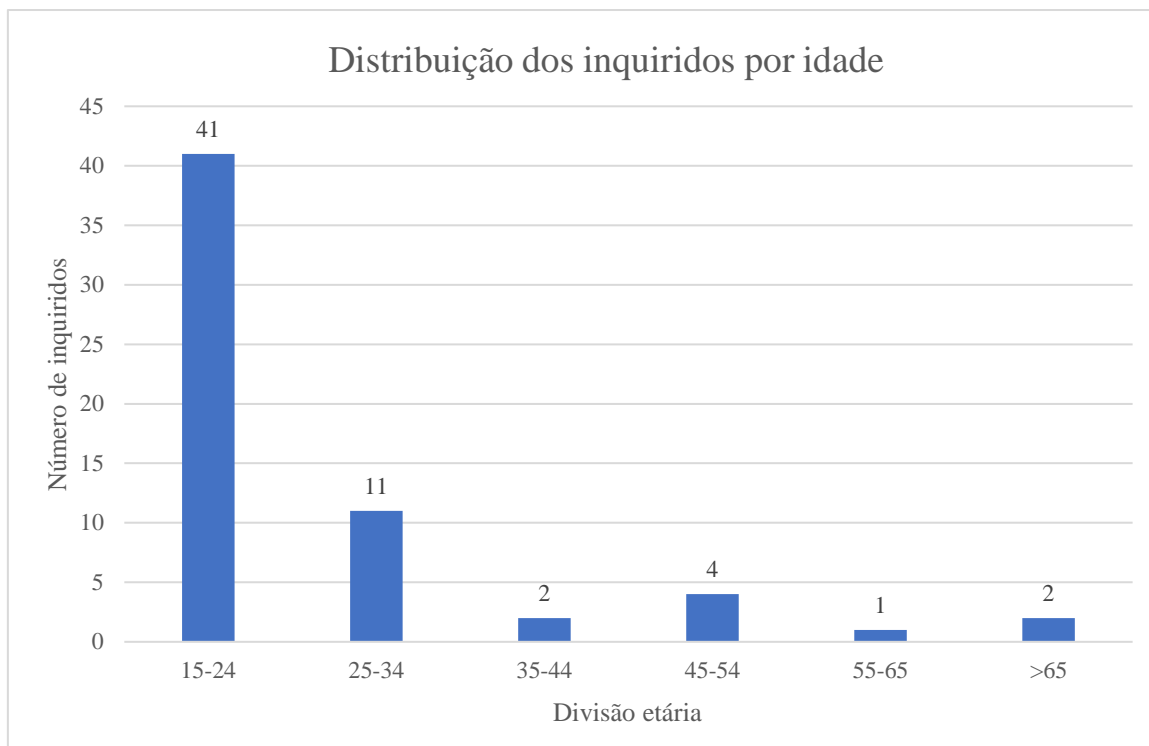


Gráfico 2: Amostra etária dos questionados.

Para além de anotar a idade e o género de todas as pessoas com quem conversei, tentei escrever, sempre que possível, alguma característica particular dessa pessoa para que posteriormente, quando estivesse a rever as respostas, me pudesse recordar dela, uma vez que, os questionários eram anónimos e apenas aponte os nomes dos poucos inquiridos que se apresentaram. Algumas pessoas e respostas foram fáceis de memorizar por de algum modo se destacarem das restantes, mas de uma forma geral, eram bastante breves e se tentasse incentivar a sua elaboração, os questionados limitavam-se a repetir a sua resposta ou a reformulá-la com outras palavras.

Tomei igualmente nota do local em que conversei com cada pessoa (que assinalo no mapa apresentado no anexo 5), não só como auxílio para me recordar dela posteriormente, mas também para perceber se o seu som preferido seria audível nesse local, se, por outro lado, seria um som evocado por elementos visuais do parque ou um som que teriam escutado noutra ocasião, recordando-se dele aquando da entrevista.

### 6.2.1. Frequência das idas ao jardim

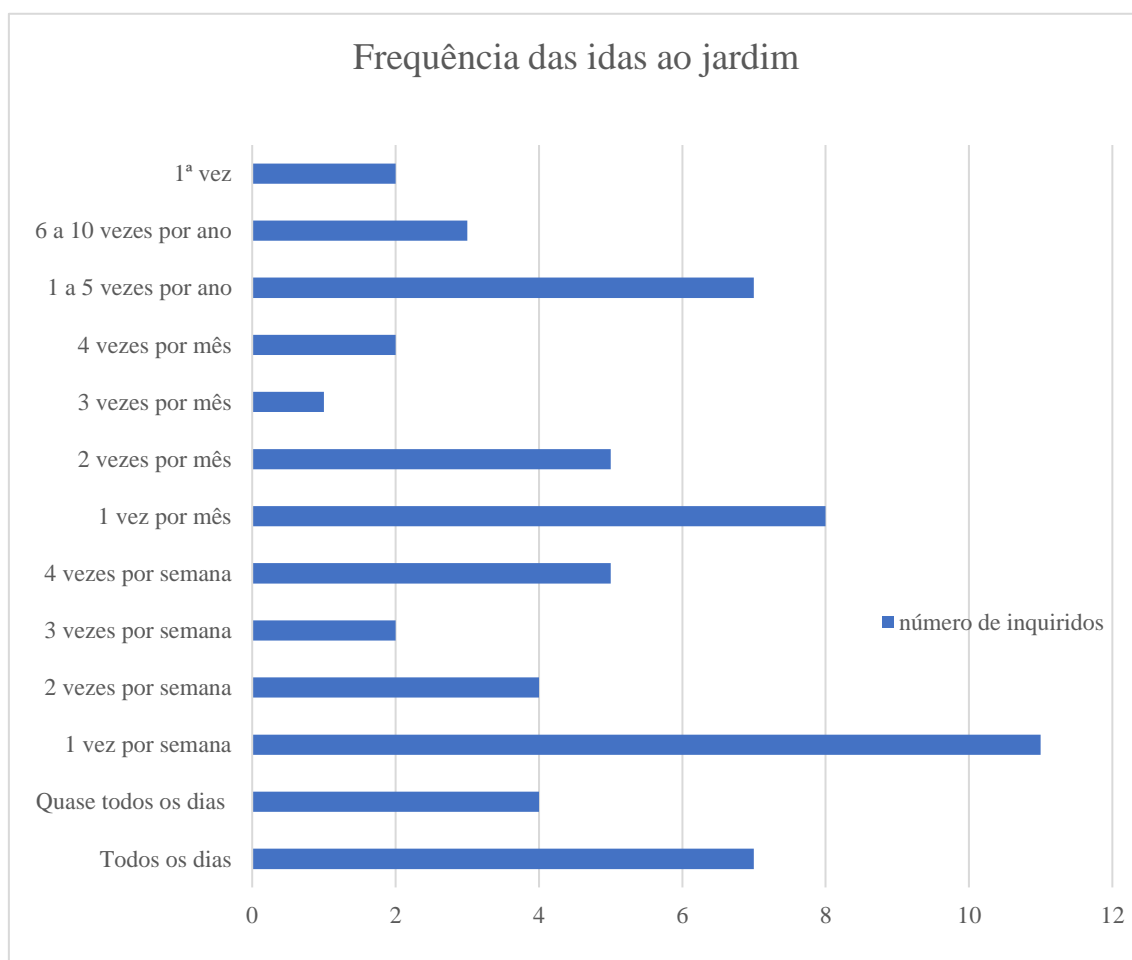


Gráfico 3: Divisão de inquiridos por frequência das idas ao jardim.

Relativamente à frequência com que cada visitante afirmou ir ao jardim, 11 pessoas disseram que se deslocavam aí uma vez por semana e 8 pessoas disseram que iam ao jardim uma vez por mês, tendo estas duas frequências sido as mais usuais.

De seguida, em ordem decrescente: 7 pessoas vão ao jardim todos os dias e quem só vai entre uma e cinco vezes por ano, 5 inquiridos responderam que iam ao jardim duas vezes por mês e outras 5, quatro vezes por semana, 4 pessoas disseram ir ao jardim quase todos os dias e outras tantas cerca de duas vezes por semana. Como se pode ver no gráfico, as frequências que somam menos respostas são ir ao jardim três ou quatro vezes por mês, três vezes por semana e assiduidades menores, como quem aí vai entre seis a dez vezes por ano ou quem estava no jardim pela primeira vez.

### 6.2.2. Tempo passado no jardim

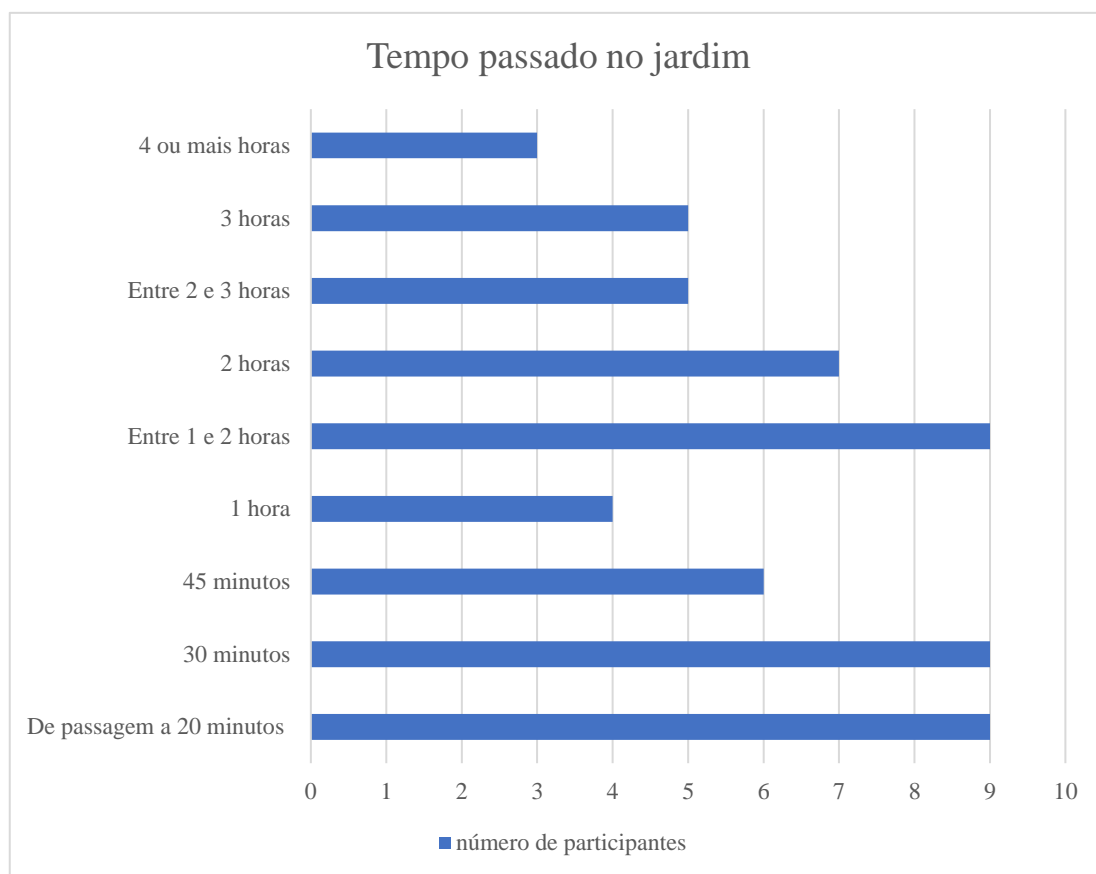


Gráfico 4: Divisão de participantes por quantidade de tempo passado no jardim.

Analisando o gráfico<sup>63</sup> é notório que a maioria das pessoas admitiu passar períodos de tempo curtos no jardim em cada uma das suas visitas (de passagem a 30 minutos, e entre uma a duas horas), o que reforça a ideia de o jardim representar um espaço de passagem para muitas pessoas. Considerando a localização do parque (no eixo rodoviário Campo Grande/Campo Pequeno), as suas dimensões (1200 metros de comprimento e um máximo de 200 metros de largura) e a sua localização próxima do campus da Universidade de Lisboa, da Universidade Lusófona, do Bairro de Alvalade e da zona norte do Campo Grande, será habitual que muitas pessoas usem o parque para chegarem a estes locais.

Ainda assim, a maioria que afirmou passar no jardim pequenas porções de tempo mostrou não ter uma perceção real do tempo que aí esteve. Curiosamente quem disse

<sup>63</sup> Neste gráfico apenas se contabilizam 57 respostas ao invés de 61 porque esta questão só foi adicionada ao questionário dias depois de ter iniciado esta parte do estudo.

passar menos tempo no jardim foi quem maior número de atividades que aí praticava nomeou e, nas ocasiões em que fiquei no jardim por largos períodos de tempo, pude constatar que sempre, ou quase sempre, esses inquiridos estavam muito mais tempo neste espaço do que admitiam quando conversaram comigo. Por exemplo, duas jovens que disseram passar cerca de 30 minutos no jardim responderam à questão sobre as atividades que aí realizam do seguinte modo: “Coisas que não podes escrever: fumar ganza, ver patos, ouvir as conversas dos outros, lanchar”<sup>64</sup>. Uma outra rapariga que também disse passar 30 minutos no jardim explicou que aí faz “caminhadas, sento-me na relva, aprecio as energias do local ou identifico aves”<sup>65</sup>. Por sua vez, um casal de namorados<sup>66</sup> afirmou passar por volta de uma hora no jardim, contudo eu estive cerca de três horas no jardim nesse dia e pude vê-los durante todo esse tempo. O mesmo aconteceu com uma senhora<sup>67</sup> que disse estar no jardim 30 minutos todos os dias, porém estive aí pelo menos 90 minutos, tal como sucedeu em dias seguintes. Nestes casos, os inquiridos admitiram também ir com menos frequência ao jardim do que outros que disseram fazer menos atividades, o que me leva a deduzir que quem vai com menor frequência ao jardim aproveita melhor esse tempo para fazer o máximo de atividades que consegue. Outra hipótese é a de que esses visitantes podem não ter uma noção real do tempo que aí passam. (ou que nas ocasiões que estive presente se tenham demorado mais no passeio do que habitualmente).

Ao longo dos meses em que frequentei o parque reparei que algumas pessoas aparentam ter uma rotina e vão realmente a este local diversas vezes por semana/mês. Geralmente anotava no meu bloco quando via alguém com quem já tinha conversado ou que já tinha visto mais vezes no jardim.

---

<sup>64</sup> Mulher, 24 e 25 anos, 17 de fevereiro de 2017

<sup>65</sup> Mulher, 23 anos, 11 de junho de 2017

<sup>66</sup> Mulher e homem, 23 e 24 anos, 18 de fevereiro de 2017

<sup>67</sup> Mulher, 61 anos, 25 de abril de 2017

### 6.2.3. Atividades realizadas no jardim

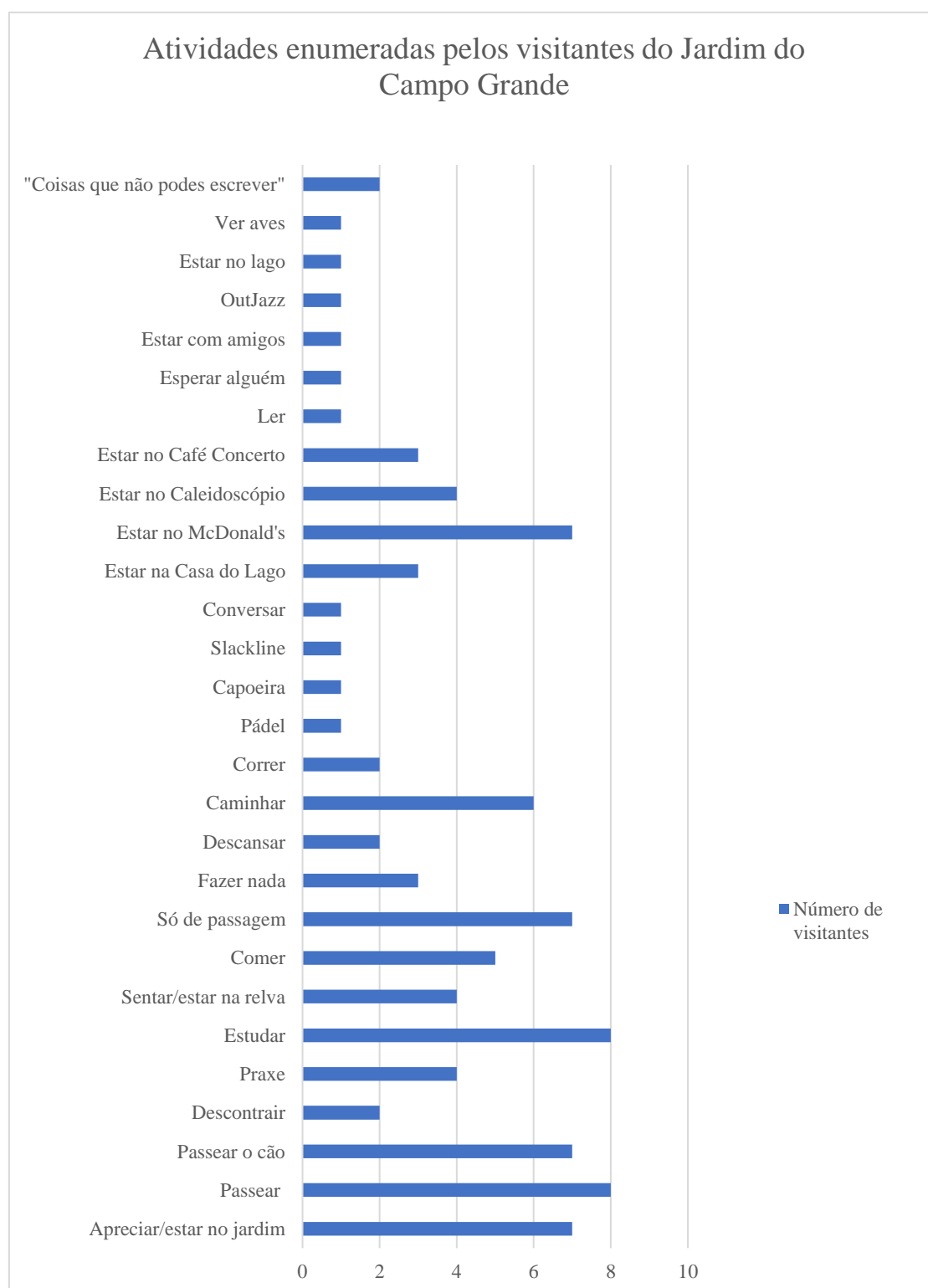


Gráfico 5: Atividades nomeadas nas respostas ao inquérito distribuídas por número de participantes.

Esta pergunta permitiu obter mais respostas do que o número total de inquiridos porque, uma vez mais, era uma questão de resposta livre e cada visitante mencionou as

atividades que pretendeu. Dos 61 inquiridos, 34 responderam apenas uma atividade enquanto que os restantes 27 apontaram duas ou mais.

Passear e estudar foram as duas atividades mais enunciadas (com 8 respostas cada uma), seguidas de passear o cão, apreciar ou estar no jardim, ir ao McDonald's ou usar o jardim como local de passagem (onde se contam 7 respostas em cada). Contudo, somando os desportos que se praticam no parque (*slackline*, pádel, capoeira, corrida e caminhada) obtêm-se um total de 11 respostas, mostrando que muitas pessoas veem este espaço como um local onde podem praticar desporto.

Analisando as atividades mencionadas acima com maior número de respostas, comprova-se que o jardim parece satisfazer as necessidades básicas de um parque urbano, servindo como um local para espairecer, passear ou passear o cão. Para além do parque canino, outros serviços que aí se encontram motivam igualmente as pessoas a frequentar o parque, uma vez que estar no Café Concerto (3), no McDonald's (7), na Casa do Lago (3) e no Caleidoscópio (4) somam um total de 17 respostas.

Por ser um local próximo ao campus da Universidade de Lisboa, aí decorrem praxes e muitos estudantes dirigem-se para o edifício Caleidoscópio para estudar. Não conversei com nenhum grupo de estudantes que se encontrasse em praxes nesse momento, ainda assim, 4 jovens deram essa resposta como algo que fazem no jardim. Sete respostas aludem a ações mais tranquilas como descansar (2), descontraír (2) ou fazer nada (3) e outras 4 pessoas afirmaram apenas sentar-se na relva.

As ocupações que contam menos participantes são ler, ver aves, estar no lago, esperar alguém, estar com amigos ou conversar, cada uma com unicamente 1 resposta. Uma outra pessoa apontou o *OutJazz*, um festival de música que decorre nos parques e jardins da cidade durante os meses de Verão, como um evento em que participa quando tem lugar no Jardim do Campo Grande.



Agrupando as atividades mencionadas acima em categorias, é possível verificar que as que se relacionam com tarefas associadas ao lazer (tais como passear, descontrair ou apreciar o espaço) são as que mais estimulam as idas ao jardim e que, por outro lado, a prática de desporto é a que aí leva menos visitantes.

Contudo, os valores das restantes frações, que se referem ao número de pessoas que aí se dirige para cumprir alguma obrigação (como passear o cão ou atravessar o jardim usando-o como atalho) ou por motivos sociais (encontrar alguém, frequentar algum estabelecimento ou participar em praxes), são bastante próximos.

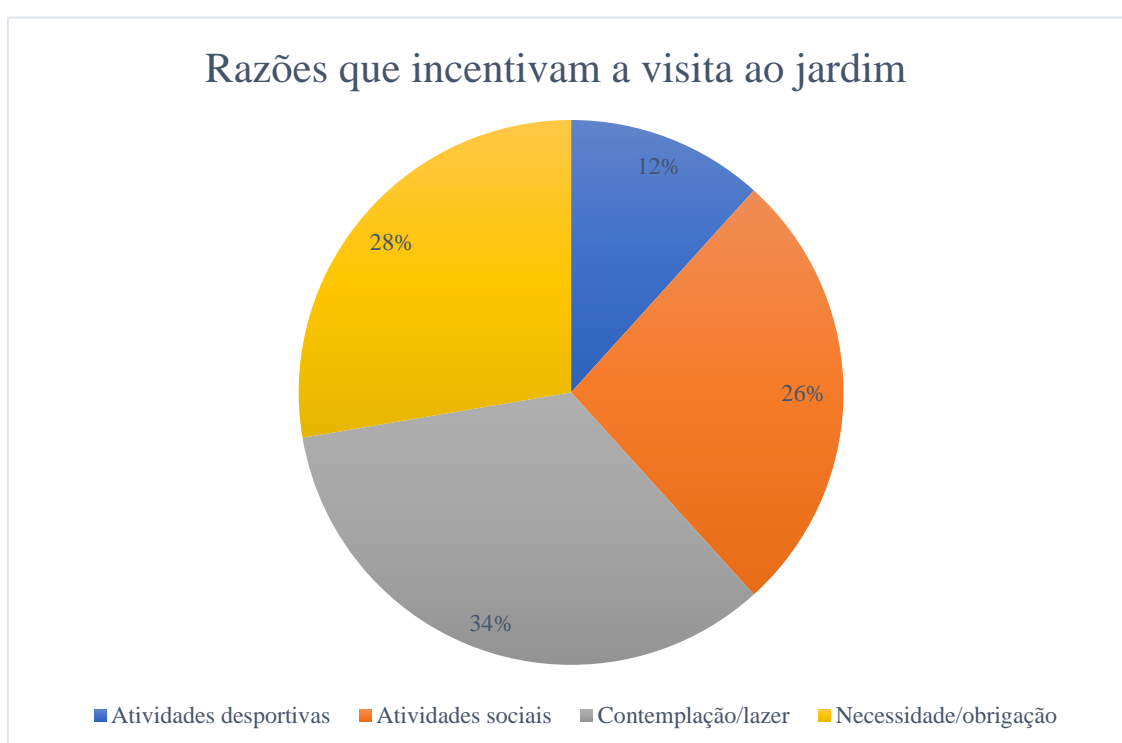


Gráfico 6: Motivações para os visitantes irem ao jardim.

#### 6.2.4. Sons preferidos

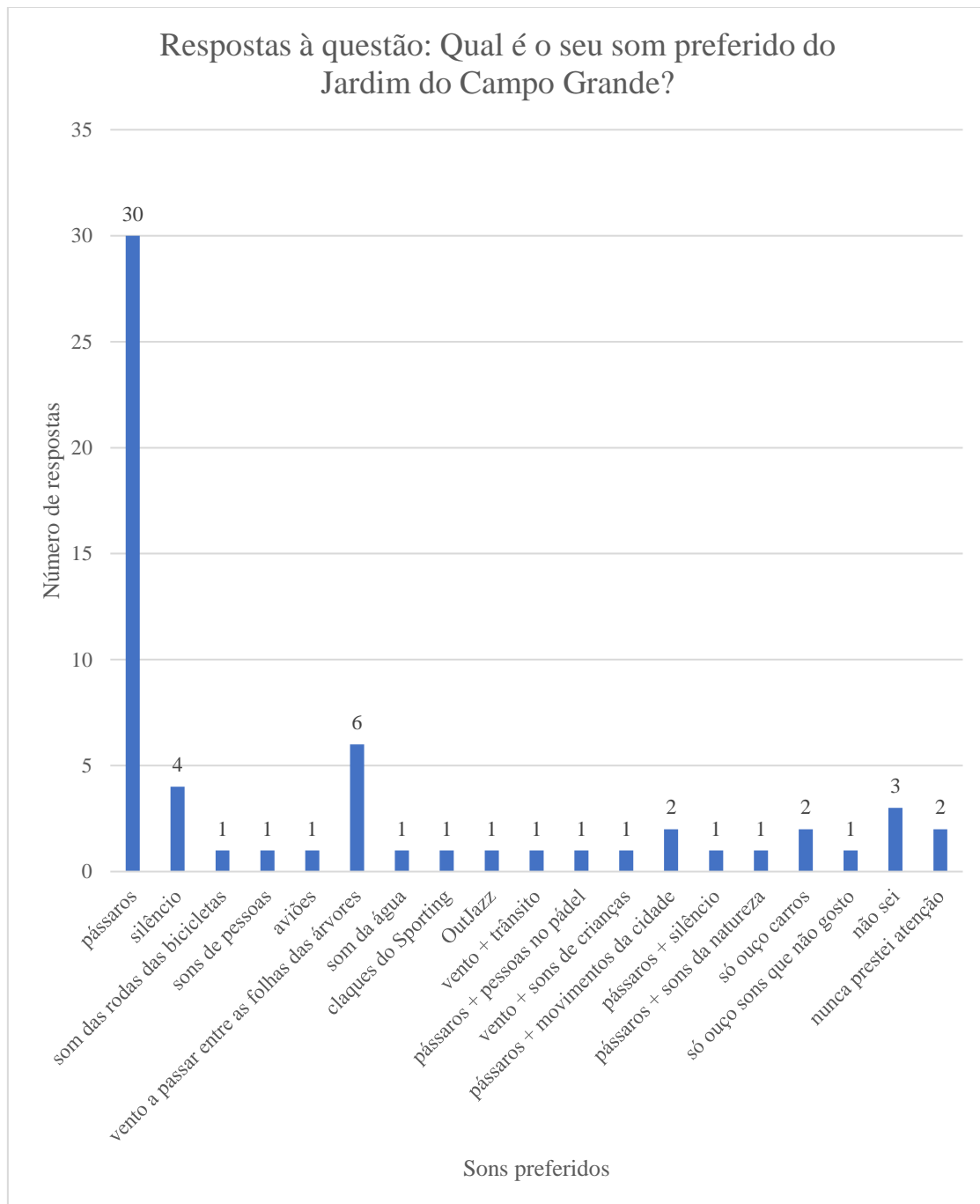


Gráfico 7: Contabilização das respostas dos sons preferidos.

No gráfico estão contabilizadas o número de respostas para cada som preferido; o som mais apreciado é, incontestavelmente, o dos pássaros (30 respostas), seguido do som do vento nas árvores (6) e do silêncio (4). Sete pessoas escolheram o resultado sonoro de

dois sons, 6 não escolheram nenhum (não sei: 3; nunca prestei atenção: 2; não ouço nenhum som que gosto: 1) e 2 disseram ouvir apenas o ruído do trânsito.

Alguns sons não têm a sua origem no jardim ou nos seus elementos, como as claque do Sporting em dias de jogo (1), o *OutJazz* (1) ou os aviões (1) que sobrevoam a área, contudo, cada um destes sons foi escolhido por uma pessoa. Os restantes três sons foram escolhidos por 3 pessoas: som da água (1), som das rodas das bicicletas (1) e sons das pessoas (1).

Enquanto fazia os questionários constatei que a maioria dos visitantes do parque não esperava uma questão sobre o som, pelo que a primeira resposta foi frequentemente “não sei, nunca pensei nisso”. Em outros casos, houve quem respondesse um som que não poderia ouvir no momento por não existir no jardim, por exemplo, “o som da água”<sup>68</sup> que apenas é possível escutar em situações bastante peculiares: quando alguém está num barco a remos no lago ou próximo deste ou na extremidade do miradouro que se situa junto ao lago, já que, por vezes, um fio de água cai de debaixo do passadiço para o lago (porém, este som é muito discreto e descontínuo e apenas o descobri meses depois de ter iniciado o trabalho, mesmo já tendo estado nesse local inúmeras vezes).

A única pessoa que mencionou este som localizava-se junto aos campos de pádel – no local marcado pelo ponto amarelo no mapa – e, portanto, muito afastada de qualquer um destes sons, assumindo que estas são as únicas possibilidades de se ouvir água no jardim para além dos aspersores (que funcionam de manhã e em alguns dias da semana, tanto quanto consegui apurar) e da chuva; no momento em que foi dada esta resposta não estava a chover nem os aspersores estavam a regar o jardim. Ao tentar esclarecer esta resposta, diria que o som a que esta jovem se referiu poderá ter sido ao fio de água a cair debaixo do miradouro – ponto vermelho no mapa abaixo – ou simplesmente ter sido um “som imaginado”, evocado pela presença do lago.

---

<sup>68</sup> Mulher, 23 anos, 28 de março de 2017

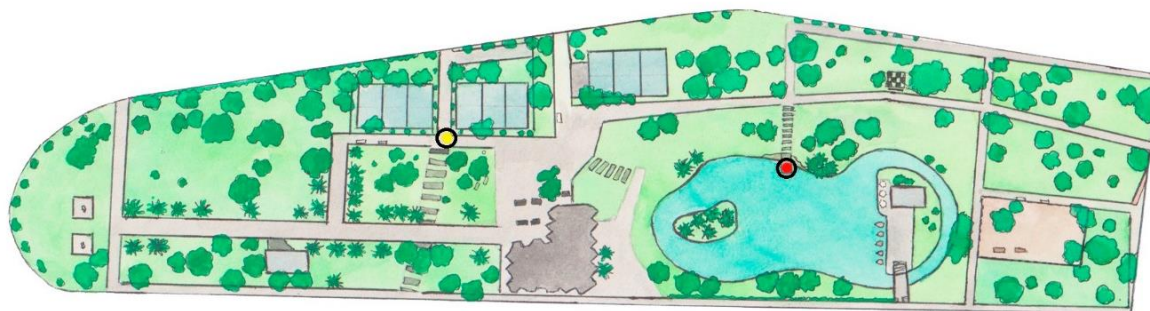


Figura 26: Esboço do mapa em que se assinala a distância entre o local onde o som da água foi eleito como o favorito (ponto amarelo) e o local onde, por vezes, se escuta o som da água a cair (ponto vermelho).

Na secção 7.5. veremos que este tipo de sons se encontra associado a um efeito sonoro denominado *phonomnesis*, todavia, este efeito sonoro pode também relacionar-se com a importância que atribuímos aos aspetos visuais de um jardim, dado que estes elementos são favorecidos no design e planeamento dos jardins e parques urbanos, em que a visão é valorizada em detrimento dos outros sentidos (Ge e Hokao 2004:555). Por outro lado, a expectativa (Payne 2008:5523) de ouvir o som da água num jardim com um lago pode ter manipulado a perceção da participante que o elegeu como o seu som preferido.

À segunda parte da pergunta (“porquê?”) verifiquei que no caso do som preferido ser o das aves, a maioria das justificações se refere à sensação de quietude transmitida por esse som, expressada com respostas como “[é um] som relaxante”<sup>69</sup>, “dá tranquilidade”<sup>70</sup>, “[é um] som que acalma”<sup>71</sup> ou “[é um] som pacífico”<sup>72</sup>, entre outras. Houve quem justificasse a sua escolha por ser um som que o recorda da natureza, “porque não parece cidade”<sup>73</sup>, por ser o “som mais natural”<sup>74</sup> e por transmitir uma “sensação de natureza”<sup>75</sup>. Ao falar da sonoridade do jardim, outros entrevistados referiram ainda que “é o que se espera ouvir”<sup>76</sup> num parque urbano; ou seja, que o chilrear das aves é um som que corresponde às expectativas do participante, sendo associado a este tipo de espaços e parece adequado porque “lembra um parque”<sup>77</sup>.

<sup>69</sup> Mulher, 19 anos, 28 de março de 2017

<sup>70</sup> Mulher, 42 anos, 19 de fevereiro de 2017 e homem, 23 anos, 18 de fevereiro de 2017

<sup>71</sup> Mulher, 24 anos, 3 de junho de 2017 e mulher, 22 anos, 16 de março de 2017

<sup>72</sup> Mulher, 30 anos, 15 de fevereiro de 2017

<sup>73</sup> Homem, 19 anos, 28 de março de 2017

<sup>74</sup> Homem, 50 anos, 2 de julho de 2017 e homem, 21 anos, 20 de fevereiro de 2017

<sup>75</sup> Mulher, 53 anos, 15 de fevereiro de 2017

<sup>76</sup> Mulher, 24 anos, 17 de fevereiro de 2017

<sup>77</sup> Mulher, 25 anos, 16 de março de 2017

A maioria dos inquiridos que explicou a sua escolha optou por, no mínimo, dois motivos; no caso da eleição do som dos pássaros, as três razões enunciadas são as mais comuns. No entanto, uma minoria das justificações não se enquadrou em nenhuma das já mencionadas (cerca de 5) apontando-se como exemplos: “é o meu som preferido porque cantam”<sup>78</sup> ou “é o meu som preferido porque tentam comunicar connosco”<sup>79</sup>.

As justificações relacionadas com o segundo som mais escolhido, a brisa a passar entre as folhas das árvores, e com o terceiro, o silêncio, também são maioritariamente associados a uma sensação de calma e tranquilidade. A escolha do vento nas árvores foi justificada ainda como estando associada a uma “ideia de frescura”<sup>80</sup>, a uma “quebra com o ruído”<sup>81</sup> ou como um “ruído semelhante ao do mar”<sup>82</sup>; já o silêncio foi destacado por ser “agradável”<sup>83</sup> ou por “permitir descansar”<sup>84</sup>.

A ideia de tranquilidade e serenidade foi escolhida no total e explicitamente, por cerca de 22 inquiridos, praticamente uma terça parte da totalidade dos participantes, embora outros lhe tenham feito alusão indiretamente usando explicações como as mencionadas, relacionadas com a natureza, por exemplo.

Estes resultados poderão demonstrar que apreciamos sons que associamos a essas sensações, que esses são os sons que escolhemos ouvir num jardim urbano e ainda que a quietude pode traduzir-se em diferentes sons para cada indivíduo. O caso mais peculiar que recordei no decorrer deste projeto foi uma jovem que elegeu o som dos aviões como o seu preferido, esclarecendo que esse som a acalmava<sup>85</sup>. Ao tentar compreender a sua escolha, percebi que a sua mãe tinha sido hospedeira de bordo e que esse som a recordava da mãe. Neste caso, a escolha deste som parece dever-se à evocação de uma memória que é reavivada pela audição do som dos aviões (Augoyard e Torgue 2005:21). Este fenómeno é um efeito sonoro, *anamnesis*, e resulta da fusão de som, percepção e memória (que não tem necessariamente de ser voluntária) (*Ibid.*,21-22).

---

<sup>78</sup> Homem, 66 anos, 27 de abril de 2017

<sup>79</sup> Homem, 19 anos, 19 de fevereiro de 2017

<sup>80</sup> Mulher, 50 anos, 2 de julho de 2017

<sup>81</sup> Mulher, 19 anos, 16 de fevereiro de 2017

<sup>82</sup> Mulher, 20 anos, 2 de junho de 2017

<sup>83</sup> Homem, 30 anos, 14 de junho de 2017

<sup>84</sup> Homem, 23 anos, 8 de maio de 2017

<sup>85</sup> Mulher, 22 anos, 19 de fevereiro de 2017

### 6.3. Discussão

A questão “Qual é o seu som preferido?” pretendia dirigir a atenção e a audição dos inquiridos para os elementos agradáveis do ambiente sonoro do jardim, contudo, alguns dos entrevistados apontaram primeiro os sons que não apreciavam com comentários como “o dos aviões é que não é!”<sup>86</sup>. Constatei que, ao serem questionados sobre os sons (favoritos) que fazem parte da paisagem sonora do jardim, os primeiros que lhes ocorreram foram os que consideraram desagradáveis ou desadequados ao espaço em que se encontravam, ou seja, ruído. Assim, percebi que, ao falar da atmosfera sonora de um local, o foco recai no ruído ou nos aspetos mais negativos, associados frequentemente a poluição sonora, ainda que a pergunta colocada pretendesse que os participantes focassem os elementos agradáveis desse ambiente.

Ao analisar as respostas obtidas nesta questão, verifica-se que o som das aves foi escolhido por quase metade do total de inquiridos, e que os outros dois sons mais preferidos foram o som do vento a passar entre as folhas das árvores e o silêncio. Quando solicitei que justificassem a escolha desse som, foi comum ouvir respostas que demonstrassem que essa preferência se devia ao facto de o associarem a sensações de tranquilidade, calma ou paz, independentemente do som eleito.

Pouco tempo após começar o meu estudo no jardim compreendi que os sons que se escutam são invariavelmente os mesmos no seu quotidiano, com ligeiras alterações ao longo dos meses, ou quando aí teve lugar um evento ou atividade de carácter esporádico. Do mesmo modo, as escolhas de sons preferidos também não diferiram muito; os sons das aves foram a resposta mais comum no decorrer do trabalho (e talvez a mais previsível), desde a realização dos primeiros questionários. Assim, embora gostasse de ter uma amostra maior, a meu ver, as 61 respostas permitiram obter conclusões satisfatórias uma vez que este som sobressaiu sempre na percepção sonora do parque dos visitantes inquiridos.

Partindo das minhas observações e dos questionários, concluo que as razões que levam aí os visitantes não costumam variar, sublinhando a existência de uma rotina e a importância que o parque representa para o dia-a-dia dos seus usuários e que, embora aí se desloquem frequentemente, apontam imperfeições ao local, nomeadamente a sua falta de isolamento relativamente ao exterior ou o mau estado de alguns equipamentos.

---

<sup>86</sup> Homem, 47 anos, 25 de abril de 2017

Por fim, os usuários do jardim parecem não ter uma percepção real do tempo que aí passam independentemente do motivo que os conduz aí, seja este uma necessidade, como passear o cão ou atravessar o jardim para a faculdade, ou lazer, como dar um passeio ou espairecer. Justamente devido ao uso do parque como um lugar de passagem ou cumprimento de outras obrigações, foi necessário adaptar a metodologia do trabalho, tornando as observações da vida do parque e dos hábitos dos seus visitantes um elemento central na reunião das informações indispensáveis para a sua concretização, como irei expor seguidamente.

## 7. Uma aproximação etnográfica ao ambiente sonoro do Jardim do Campo Grande

A informação obtida através dos questionários foi complementada com dados recolhidos a partir de uma aproximação etnográfica ao ambiente sonoro do jardim. Como foi descrito na secção 4, esta abordagem incluiu passeios de escuta, exercícios de escuta atenta da paisagem sonora do jardim, anotações num diário de campo e uma observação participante das dinâmicas e ritmos do jardim.

Como já referi anteriormente, o trabalho de terreno desenvolveu-se apenas na zona norte do jardim, compreendida entre a Avenida do Brasil e o Campo Grande, dado a zona sul (entre a Avenida do Brasil e a Rotunda de Entrecampos) se encontrar fechada para obras durante o período de realização deste projeto. Para facilitar o mapeamento dos sons e atividades que decorriam no parque dividi o espaço em três secções (zonas 1, 2 e 3) segundo a figura abaixo. Esta divisão (descrita já no capítulo da metodologia) foi meramente funcional, atendendo às infraestruturas e aos pontos de interesse do parque.



Figura 27: Esboço do jardim com a sua divisão em zonas.

A zona norte foi recentemente alvo de um processo de reabilitação urbana concluída em 2013; do ponto de vista paisagístico, é relativamente ampla, agradável e cumpre as suas funções de um espaço verde urbano ao oferecer relvados, espaços para estar e para diversas atividades, dispondo ainda de alguns serviços como cafés,



restaurantes e um clube desportivo. Esta transformação enfatiza a mudança na conceção de parques e jardins urbanos que deixam de ser simples espaços de passeio para se transformarem em instalações recreativas multiusos.

## 7.1. O quotidiano do jardim através da sua sonoridade

A proposta analítica de Schafer, abordada no capítulo do enquadramento teórico, constituiu um bom ponto de partida para escutar o Jardim do Campo Grande, identificar alguns dos seus sons característicos e a sua relevância na paisagem sonora do jardim. Auditivamente, foi bastante difícil identificar as suas marcas sonoras porque, segundo a definição de Schafer, estes sons devem ser relevantes para a comunidade em que se encontram inseridos; assim, o único som da envolvente do jardim que se pode encaixar neste critério é o toque do sino da igreja, no entanto, as sonoridades provenientes dos barquinhos a remos também serão importantes neste âmbito por fazerem parte da história sonora do jardim. Como sons ou tonalidades dominantes (*keynotes*), poderão apontar-se o chilrear dos periquitos-rabijuncos, que povoam o arvoredado do jardim, e o som contínuo do trânsito, que circula incessantemente no seu redor.

Um outro som que determina os ritmos do quotidiano do jardim é o passar dos aviões na sua descida em direção ao Aeroporto Humberto Delgado, situado a apenas um quilómetro e meio de distância, na zona oriental da cidade. Por esse motivo, os aviões passam a uma reduzida altitude sobre o parque, como se pode ver na imagem seguinte, e o seu potente rugido rompe a presumível tranquilidade do parque. Segundo dados da ANA, gestora do aeroporto, o aumento da sua capacidade permitiu uma média de 38 movimentos por hora, havendo a possibilidade de este número vir a aumentar para 46 num futuro próximo<sup>87</sup>. Este ritmo é somente interrompido durante o período noturno, uma

---

<sup>87</sup> <https://observador.pt/2018/03/14/aeroporto-de-lisboa-pode-chegar-a-46-movimentos-por-hora-antes-do-montijo/>

vez que, entre a meia noite a as seis horas da manhã o número de movimentos aéreos é restrito por lei e subordinado aos níveis de ruído dos aviões utilizados<sup>88</sup>.



Figura 28: Avião a aproximar-se do jardim, fotografia tirada junto ao edifício Caleidoscópio [fotografia da autora].

Este som intenso projetado pelos aviões que sobrevoam o jardim, abafa os restantes elementos sonoros do jardim momentaneamente, sendo bastante notado por muitos dos seus visitantes, como pude depreender pelos comentários feitos por alguns participantes do questionário sócio acústico que mencionaram este som como um dos menos apreciados. Também na maioria dos meus passeios de escuta e registos sonoros o ruído dos aviões se encontrou presente, como se escuta na gravação abaixo.

**Gravação 1. Zona 2: escutam-se os habituais sons de trânsito, a passagem de um avião, o chilrear de periquitos-rabijuncos e vozes de pessoas.**

---

<sup>88</sup><http://www.inac.pt/VPT/GENERICO/REGECONOMICA/RUIDOAEROPORTOS/Paginas/Ruidonosaeoportos.aspx>  
<https://dre.pt/pesquisa/-/search/522807/details/maximized>

Parece também contraditório que um dos sons dominantes mais presente no jardim seja o som do trânsito, composto pelo conjunto do ruído dos motores dos carros e dos pneus no pavimento, sirenes de veículos de emergência e buzinas. O perímetro do jardim é circundado por várias vias de trânsito, de entre três a seis faixas cada uma, que suportam a circulação intensa de automóveis que se afastam ou se dirigem para o centro de Lisboa. Este movimento acentua-se mais nas horas de ponta, que coincidem com o início e o fim do dia de trabalho o que, conjugado com a reduzida largura do parque, faz com que este ruído esteja presente de uma forma bastante homogénea por todo o espaço (gravação 2). Esta presença sonora atua como evocação do carácter urbano do jardim, bastante evidente de uma perspetiva visual, dado que se encontra rodeado de uma densa malha de edificações e vias de trânsito; a figura 29 mostra precisamente um dos topos do parque onde várias vias de trânsito se cruzam.

**Gravação 2. Zona 2: escuta-se apenas o som do trânsito.**

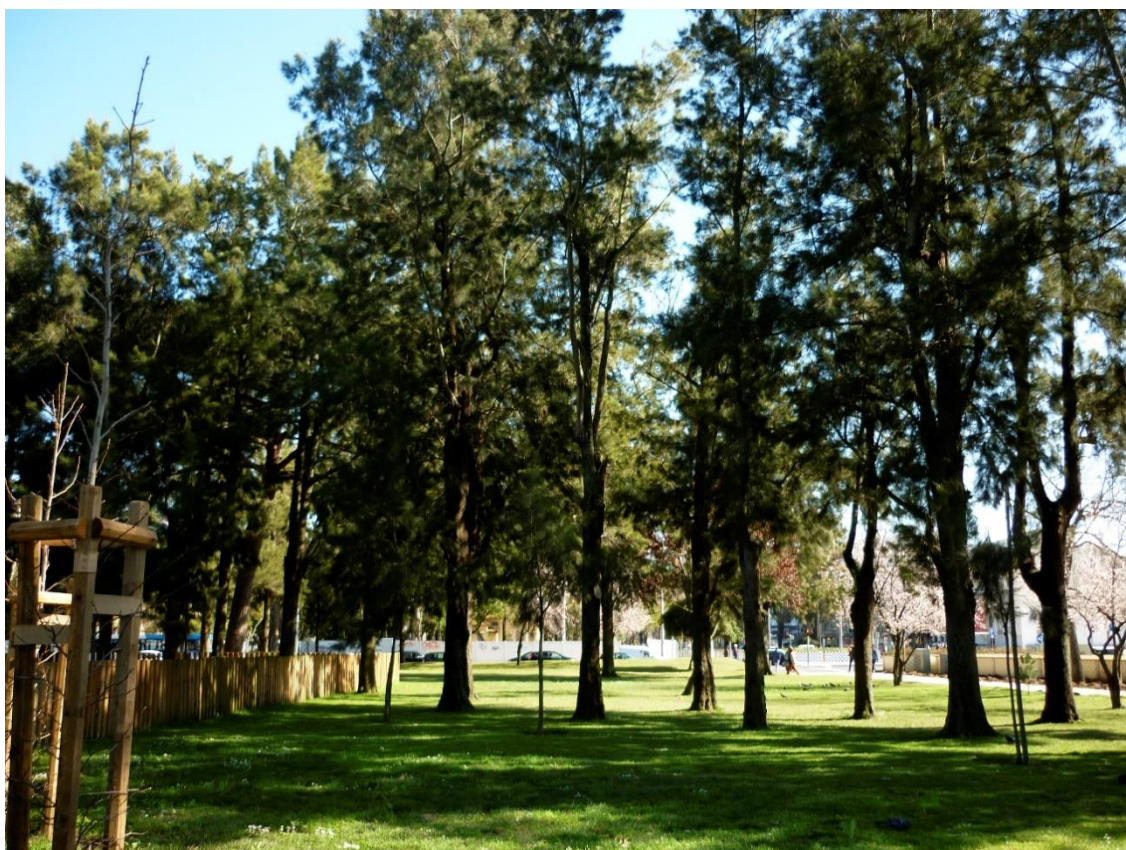


Figura 29: O trânsito nas proximidades do jardim, vista da zona 1 com o parque canino à esquerda [fotografia da autora].

Outra fonte sonora que se destaca sobre o fundo sonoro do jardim tem a sua origem nos campos de pádel, que pertencem ao clube desportivo Padel Campo Grande, composto por nove campos exteriores que se repartem entre as zonas 2 e 3, onde anteriormente se localizavam os campos de ténis. As interações verbais entre os jogadores e sobretudo o som seco do bater das bolas nas raquetes e nas paredes de acrílico do campo; são sons bastante comuns nos espaços do jardim, excetuando nos momentos em que chove ou está muito calor, ocasiões em que normalmente ninguém se encontra a praticar este desporto, ou quando o clube se encontra fechado.

O contraste é especialmente significativo com as outras texturas sonoras que compõem a tonalidade do jardim: o som aprazível da brisa ao passar pelas folhas das árvores, o canto dos pássaros, as conversas das pessoas que passeiam pelo parque ou o ladrar distante dos cães a correr e a brincar, um som espalhado um pouco por todo o jardim que adquire uma presença maior à medida que nos aproximamos do recinto canino, localizado na zona 1.

Sons relacionados com a manutenção do jardim, com os seus estabelecimentos, ou dos espaços em redor também são frequentes, fazendo parte da sonoridade quotidiana do parque; assinalam-se os aspersores (audíveis na gravação 3), sopradores de folhas, lavadoras de alta pressão ou equipamentos como motosserras (ou outros aparelhos com motor), muitas vezes associados às primeiras horas da manhã, momento em que abrem os cafés/restaurantes que se situam no jardim, ou quando os funcionários e jardineiros se encontram a realizar a manutenção destes espaços.

**Gravação 3. Zona 3: são audíveis os sons de aspersores, trânsito, vocalizações de periquitos-rabijuncos e vozes de pessoas.**

Entre março e abril foi possível ouvir no parque sons provenientes de obras que decorriam nas estradas próximas e na zona sul do jardim (audíveis na gravação que se segue), que incluíam não só sons de máquinas ou provenientes da movimentação de alguns materiais, como correntes e barras de metal, como também apitos de polícias que regulavam o trânsito.

**Gravação 4. Zona 1: escutam-se sons provenientes das obras, sons de máquinas e apitos, ouvem-se também sons do trânsito rodoviário.**

Há outros elementos e sinais sonoros que, num passado não tão distante, deverão ter sido importantes na marcação do passar do tempo, mas que nos dias de hoje perderam a sua relevância; é o caso do sino da Igreja dos Santos Reis Magos do Campo Grande, localizada no número 244 da Avenida do Campo Grande, próxima da zona sul do jardim, que apenas consegui escutar quatro vezes durante todo o período do trabalho de terreno.

As vocalizações de um grupo de pavões que se encontram do outro lado da estrada, na direção da Faculdade de Ciências (e cujo som se assemelha ao miar dos gatos), também podem ser escutadas esporadicamente nas zonas 2 e 3 do jardim. Um dos elementos sonoros que se tem mantido ao longo do tempo é o som dos barquinhos no lago, dos seus remos a deslizar na água, uma sonoridade especialmente perceptível durante os fins de semana e nas estações mais quentes, por serem mais usados nessas ocasiões.

O som de água a cair por baixo do miradouro do jardim foi também audível em raros momentos, por ser muito discreto, contribuindo igualmente para a evocação da sensação de tranquilidade nesse local do parque.

Por fim, e assinalando o passar das estações do ano, pude escutar cigarras a cantar numa tarde mais quente do mês de junho e o coaxar de rãs junto ao lago numa noite quente no mês de maio (embora acredite que nos meses de Verão estas sonoridades estejam presentes de forma mais recorrente no parque)<sup>89</sup>.

Resumidamente, na paisagem sonora do jardim existem sons que podem ser originários no seu interior ou no exterior, sons muito expectáveis e vulgares e, por outro lado, mais raros e associados a eventos isolados ou ainda sons que não se encaixariam nesta categoria, mas são abafados por outros mais dominantes, acabando por se classificarem como pouco comuns ao contabilizar as escassas vezes em que os escutei (é o caso do sino da igreja que certamente toca todos os dias a, pelo menos, cada meia hora, porém raramente o ouvi). Em parte, devido à configuração e localização do parque, é compreensível que seja um espaço tão preenchido por sons originados fora dos seus limites, ainda que a sua vegetação, como a relva ou arbustos, possa contribuir para os abafar (Cook e Haverbeke 1977:234).

Ainda assim, ao analisar a paisagem sonora do jardim torna-se impossível separar o som das atividades que aí decorrem. Durante o trabalho de terreno, para além de um levantamento dos sons no meu caderno de campo, anotei também as atividades e outros

---

<sup>89</sup> Estes dois sons poderão igualmente ter estado presentes no ambiente sonoro do jardim no passado, quando este detinha um carácter menos urbano, embora não tenha encontrado qualquer referência que o indicasse.

eventos de carácter excecional que traziam ao espaço sonoro do jardim sons extraordinários ao seu ambiente sonoro quotidiano. Muitas destas atividades foram já mencionadas no capítulo anterior, nas respostas dos participantes do questionário, e as que se seguem são um complemento que resulta das minhas observações.

Como já foi possível constatar, este parque parece ser um local preferido para a prática desportiva; além do pádel referido anteriormente, as práticas mais comuns são corridas, caminhadas e andar de bicicleta. Fazer ginástica, andar de skate ou patins e jogar futebol são exercícios menos frequentes, estando as últimas três associadas maioritariamente a um público infantil.

Uma grande parte dos visitantes usufrui dos cafés/restaurantes que o parque oferece (a Casa do Lago, o Café Concerto e o restaurante McDonald's) e observam-se muitos estudantes no Caleidoscópio ou a caminhar na sua direção. Por vezes, estudam também no exterior, no jardim, ou participam em praxes que, geralmente reúnem um grande grupo de estudantes que entoam cânticos ou se divertem com jogos e atividades mais descontraídas. Estas praxes realizam-se um pouco por todo o jardim, mas sobretudo nas zonas 2 e 3; a gravação seguinte, por exemplo, foi efetuada na zona 2 junto ao quarto de Ames.

**Gravação 5. Zona 2: escuta-se o trânsito num plano de fundo e um coro de vozes de um grupo de caloiros a repetir uma contagem de flexões.**





Figura 30: Zona 3 do jardim, onde são visíveis alguns cães a brincar na relva [fotografia da autora].

O parque canino atrai pessoas com cães que aproveitam não só este recinto como os espaços verdes do parque para caminhar ou exercitar e brincar com os seus animais. Os barcos a remos continuam a ser um divertimento muito procurado e há ainda quem prefira apenas sentar-se em bancos ou na relva junto ao lago a conversar, a apreciar o espaço, a comer ou a ler; a figura 31 retrata uma típica manhã de sábado no mês de junho. Também é frequente ver pessoas a ouvir música com auscultadores ou a conversar ao telefone, sentadas num banco ou a caminhar pelo jardim.



Figura 31: Fotografia de um dia quente, em que à direita se pode ver um barco no lago e, à esquerda, grupos de pessoas sentadas na relva [fotografia da autora].

Estas atividades são as mais usuais e conferem ao jardim uma sonoridade própria. Existem, contudo, outras que observei apenas uma ou duas vezes como treinos de cães, um grupo de senhores a jogar às cartas, jovens a praticar *slackline* e ainda um senhor a passear um coelho.

## 7.2. Variações sonoras

A familiaridade que fui desenvolvendo ao longo do trabalho de terreno com o jardim e o seu entorno sonoro permitiu-me perceber subtis variações na sua composição sócio acústica, assim, pude constatar que para além de ligeiras alterações mais gerais que acompanham o jardim ao longo do ano, existem pequenas mudanças que se verificam no seu quotidiano. Por exemplo, e como já referi, é nas primeiras horas do dia que abrem os estabelecimentos comerciais que se localizam no jardim, havendo um acréscimo de sons associados a estas fontes sonoras, como o arrumar das esplanadas ou a lavagem do chão de cimento com mangueiras e lavadoras de alta pressão.

Nas primeiras horas da manhã os periquitos-rabijuncos parecem não ser tão ativos, mas ao fim da tarde e nas primeiras horas da noite constata-se o oposto, apresentando-se bastante agitados e sonoros, sobretudo junto ao lago e em toda a zona 3. Em meados do



mês de julho, embora já não estivesse a realizar o trabalho de terreno, dirigi-me ao jardim e encontrei o lago sem água e, curiosamente, não ouvi nenhum pássaro o que me permitiu concluir que este elemento aquático é central na vida dos animais que residem ou frequentam o parque.

Aos feriados e fins de semana há geralmente menos trânsito durante o dia e os aviões, como já mencionei, são um elemento sonoro bastante presente no ambiente do jardim no geral, contudo, comprovei um aumento da sua frequência de passagem no início da manhã e no final da tarde.

Aos fins de semana o número de visitantes aumenta e com eles os sons de pessoas tornam-se mais presentes, como conversas, crianças a brincar e encontra-se um maior número de embarcações a navegar no lago. Nos dias de semana, ao fim do dia estão mais pessoas no jardim a passear os seus cães ou a correr e caminhar e, portanto, nessa altura os latidos de cães e sons de passos no pavimento são mais comuns (sons audíveis na gravação 6). A meio do dia, nas horas de almoço, a zona exterior junto ao Caleidoscópio costuma ter muitas pessoas a almoçar ao ar livre, especialmente durante a semana. Ainda assim, o estado do tempo é um aspeto a ter em consideração uma vez que, quando chove, está muito frio ou vento, não se encontram tantas pessoas no jardim.

**Gravação 6. Zona 3: som de trânsito em plano de fundo, vozes de crianças, passos no pavimento e o som das bolas de pádel a bater nas paredes do recinto e nas raquetes.**

Para além destas variações sonoras do quotidiano do jardim e das atividades aí desenvolvidas, outros eventos esporádicos assumem um papel importante na constituição sonora da sua envolvente. Presenciei alguns destes eventos que dinamizaram a vida no jardim e atraíram um público diferente, tais como atividades do Dia da Criança no dia 1 de junho, que propiciaram a que o parque tenha tido muito mais pessoas, sobretudo crianças, do que num dia comum, por aí existir uma pequena feira de artesanato, música ao vivo e possivelmente outras atividades lúdicas direcionadas a um público infantil.

O festival *OutJazz* atraiu ao jardim muito mais pessoas à noite do que em qualquer outra noite que observei no período em que realizei este estudo (ainda que no momento em que aí estive o evento se encontrasse a terminar e já não houvesse música, apenas grupos de pessoas a conversar, como se pode ver na imagem que se segue).



Figura 32: Fotografia tirada após o evento *OutJazz* onde ainda se veem alguns grupos de pessoas e pequenas tascas de venda de comida [fotografia da autora].

A Regata de Barquinhos (que tem já lugar no jardim há pelo menos 5 anos) atraiu também um outro público interessado em participar num evento tão invulgar e exclusivo a este jardim da cidade. Esta regata consiste na formação de pequenos grupos de pessoas para a realização de uma competição entre as embarcações existentes no lago do jardim<sup>90</sup>. Tanto o *OutJazz* como a Grande Regata de Barquinhos a Remos acontecerão novamente neste Verão no Jardim do Campo Grande, o que demonstra a elevada adesão a estes eventos por parte do público, quer sejam ou não visitantes habituais do parque.

A estes acontecimentos estão associados sons como música (por vezes ao vivo) ou outro tipo de animação ao vivo, ruídos de geradores e um acréscimo de sons relacionados com pessoas. Nos dias em que se realizaram jogos de futebol no Estádio José Alvalade, encontravam-se no topo norte do jardim algumas roulottes de venda de comida de onde se escutavam música e relatos desportivos na rádio, sendo também audíveis ruídos constantes de geradores provenientes dessas mesmas roulottes.

Mesmo não analisando outros parques urbanos pude constatar que a maioria das atividades listadas são as que se esperam num espaço verde urbano, à exceção das que estão relacionadas com o lago, com o centro de estudos ou o pádel, que certamente não estarão disponíveis em todos os jardins públicos.

---

<sup>90</sup> O evento parece ser muito bem-sucedido, visto que, de acordo com a sua página do Facebook, em 2016 este contou com a participação de 71 equipas.  
[https://www.facebook.com/pg/BarquinhosaRemos/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/BarquinhosaRemos/posts/?ref=page_internal)

Considerando as atividades mencionadas, poder-se-á concluir (de modo geral) que o público que visita o jardim é muito abrangente: desde estudantes a praticantes de desporto (de todas as idades), pessoas que tenham cães, famílias com crianças ou simplesmente quem se pretenda deslocar a algum lugar próximo ao jardim e o atravessa com esse intuito. Durante o período em que decorreram os questionários foi também frequente encontrar muitos pares de namorados de todas as faixas etárias, e pessoas de idade mais avançada que passeavam e se exercitavam aí em horários diversos, sobretudo a meio do dia.

Aparentemente (em dias comuns), não existe um público específico ou exclusivo deste jardim, contudo, diria que aí se encontram menos crianças, pelo menos sozinhas, especialmente durante os dias de semana. Notei que a maioria das pessoas que observei ou com quem conversei ia ao jardim com o propósito de desempenhar alguma tarefa específica e menos usualmente iria sem uma razão particular, como somente para descontraí-las. Por fim, ao ser um dos poucos locais com um espaço reservado aos cães, é compreensível que muitas das pessoas que frequentem este jardim o façam pelos seus animais de estimação.

Durante o dia, o momento em que observei mais pessoas foi sempre o período do final da tarde e, no início da manhã, o jardim estava normalmente bastante vazio. Curiosamente, às segundas-feiras o jardim pareceu-me sempre mais calmo, com menos pessoas, independentemente da atividade que realizassem, e menor número de cães.

#### 7.4. O som dos pássaros como tonalidade dominante do jardim

O canto dos pássaros foi um dos sons que me acompanhou de forma constante durante os meus passeios de escuta e nas visitas ao jardim, assumindo-se desde o primeiro dia como um elemento central do seu ambiente sonoro. Este som foi também nomeado pela maioria dos usuários com quem conversei como sendo o seu som preferido. Deste modo, considerei importante fazer um levantamento das aves que se podem encontrar no parque. Com esta finalidade, solicitei ajuda a uma amiga com experiência em identificação de aves e escolhemos três dias em junho para proceder à identificação das espécies de pássaros que coabitam no jardim. Assim, visitámos o jardim nos dias 14, 15 e 16 de junho em diferentes horários, de forma a que conseguíssemos visualizar o maior número de aves.

As espécies de pássaros que avistámos durante esses dias foram as seguintes: andorinha dos beirais e andorinha das chaminés, andorinhão-pálido, pardal-de-telhado, pombo doméstico e pombo torcaz, melro preto, tordo, alvéola-branca, rabirruivo, periquito-rabijunco, pato-real e ganso do Egipto (estas duas últimas espécies presentes no lago e no seu redor). Cada uma destas espécies apresenta características distintas, seja no que respeita ao seu tamanho, cores, formas de voo e voz, assim como diferentes ciclos/ritmos de vida. Deste modo, nesta secção tentarei resumidamente apresentar as particularidades de cada uma, conferindo destaque às vozes (que podem ser adaptadas a várias ocasiões, como em chamamentos, cantos, cortes, alarmes, etc.)<sup>91</sup>.

Por oposição à andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*), a andorinha-dos-beirais (*Delichon urbicum*) pode reproduzir-se em cidades e não se sente insegura com a proximidade de humanos. Ambas invernam em África e têm uma voz barulhenta, fazendo chamamentos muito ruidosos. As primeiras repetem um som muito animado e agudo (“vit!”) enquanto que as segundas emitem um som seco, aprazível e contínuo (“prrit”) que pode incluir variações consoante a sua disposição, o seu canto não obedece a uma combinação demarcada, ao contrário do que sucede com as andorinhas-dos-beirais cujo canto é notavelmente alto e “consiste num chilreio rápido”. O andorinhão-pálido (*Apus pallidus*), tal como os anteriores, vive em cidades e é uma ave migradora, o seu chamamento é mais grave e apresenta um padrão descendente (“vrrüü-e”). O pardal-de-telhado também reside em locais próximos a humanos e emite conjuntos de sons monossilábicos intervalados (“chilp chev chilp chelp chürp”).

No caso da alvéola-branca (*Motacilla alba*) o seu chamamento é muito fácil de reconhecer, uma vez que é composto por poucas sílabas alegres (“tsli-vitt” ou “zi-ze-litt”), bem como o seu canto, simples e pautado por algumas pausas. Esta ave apresenta a particularidade de existir em vários meios diferentes (incluindo cidades) e próxima de locais com lagos. O pombo-doméstico (*Columba livia*) e o pombo-torcaz (*Columba palumbus*) apresentam várias distinções entre si; o primeiro é uma ave urbana e o seu arrulho resume-se a um som simples (“druoo-u”) enquanto que o último emite diversos sons quer com as asas, quer com a voz (um “hooh-hrooo” durante os períodos de

---

<sup>91</sup> Os apontamentos sobre cada uma das espécies de pássaros referida nesta secção estão construídos com base no *Guia de Aves* de Lars Svensson *et al.* (2009). Um aspeto que convém salientar é que entre os elementos (físicos e comportamentais) de identificação das aves, o guia concede muita importância às suas vocalizações.

reprodução e um canto que se assemelha a um “arrulho oco, com cinco sílabas e ritmo característico” em que a frase é repetida algumas vezes).

Com particularidades sonoras mais elaboradas pode apontar-se o rabirruivo (*Phoenicurus ochruros*) cujo “chamamento consiste num assobio constante, ligeiramente agudo e repetido de forma impaciente – “vist”, podendo mesmo incluir alguns estalidos se se sentir inquieto. O seu canto apresenta algumas singularidades, divide-se em quatro fragmentos que podem ser invertidos; tem alguns assobios e uma mesma nota que é repetida, seguidamente, uma pausa que termina com “um som crepitante”, por fim assobia algumas notas (“si-srü til-ill-ill-ill-ill. (krschkrschkrsch) srüsvisvi”).

Também o melro (*Turdus merula*) se insere na categoria de aves que apresentam qualidades sonoras peculiares “O canto é conhecido pelo tom melodioso e melancólico, um pio límpido e sonoro (...) entoado lentamente, muitas vezes em tom decrescente e com um chilreio adicional”, possuindo ainda um chamamento simples (“pok”). O pato-real (*Anas platyrhynchos*), tal como o melro, pode viver em parques e os seus grasnidos diferem do macho para a fêmea; o primeiro emite um som “grave, suave e nasalado, em geral, repetitivo”, porém, na corte, resume-se a um assobio; a fêmea, por sua vez, emite um som ruidoso e rouco e, se se sentir ansiosa, conjuntos de grasnidos lentos e contínuos.

O ganso-do-Egipto (*Alopochen aegyptiacus*) e o periquito-rabijunco (*Psittacula krameri*) inserem-se numa categoria de aves diferente porque não são espécies oriundas do espaço em que se encontram, tendo sido introduzidas pelo homem nessas áreas ou por terem fugido de cativeiro, ou seja, não são aves cuja origem seja verdadeiramente selvagem. O ganso-do-Egipto vive em parques com elementos aquáticos, como lagos ou rios, e é uma espécie africana que suscitou dúvidas no momento da sua identificação devido às suas variações físicas, sobretudo nas cores que pode apresentar. Por último, o periquito-rabijunco<sup>92</sup> é oriundo da Ásia e da África, mas existe já noutros países da Europa, costumando encontrar-se em árvores de parques urbanos. É descrito como sendo barulhento e ativo (na gravação 7 ouvimos as suas vocalizações em destaque) e é facilmente distinguível das restantes aves do jardim pela sua cor verde e aparência tropical (figura 33).

### **Gravação 7. Zona 3: escuta-se o som dos periquitos-rabijuncos e o trânsito num plano de fundo.**

---

<sup>92</sup> Esta espécie parece ter outras designações, tais como, periquito-de-colar (*Psittacula krameri*).



Figura 33: Periquito-rabijunco.

Esta espécie não é exclusiva ao Jardim do Campo Grande havendo menções a estas aves noutros jardins ou espaços de Lisboa em alguns artigos: “Na Tapada da Ajuda como em Monsanto, no Jardim da Estrela, no da Gulbenkian ou no Parque Eduardo VII - em Lisboa basta estar atento para encontrar os periquitos-de-colar. São verdes e barulhentos e fazem qualquer jardim soar como uma floresta tropical”<sup>93</sup>; ou apenas referências por serem aves aparentemente incomuns na cidade: “Os menos distraídos já terão dado pela presença em Lisboa das aves *Psittacula krameri*, sombras verdes, rápidas, de cauda comprida, que rasgam os céus em pequenos bandos, com gritos estridentes. São da família dos papagaios e por isso nada tradicionais por estes lados”<sup>94</sup>. Neste último artigo é esclarecido que os periquitos-rabijuncos se encontram no país desde a década de 1980 e que têm vindo a multiplicar-se sem terem ainda atingido um número que os considere um problema para a cidade e para as outras aves.

No seu livro *The Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World* (1994), Murray Schafer afirma que nenhum outro som da natureza se agarrou tão afeiçoadamente à imaginação humana como as vocalizações dos pássaros (Schafer 1994:

---

<sup>93</sup> <http://www.sabado.pt/vida/detalhe/conhece-os-passaros-tropicais-a-solta-em-lisboa>

<sup>94</sup> <https://www.publico.pt/2011/12/25/sociedade/noticia/que-misteriosas-aves-verdes-e-estridentes-sao-estas-que-invadiram-lisboa-1526430>

29)<sup>95</sup>. O autor prossegue acrescentando que em testes feitos em vários países o som dos pássaros foi escolhido como um dos mais apreciados, uma tese defendida também por Barry Truax (1984:80) que afirma que o som de aves selvagens é apreciado por quase toda a gente.

Por outro lado, Schafer observa que, tal como os pássaros pertencem a espécies diferentes, também as suas vocalizações são distintas, podendo algumas aves dominar uma paisagem sonora devido ao elevado volume das suas sonoridades ou à quantidade de elementos da espécie aí presentes (Schafer 1994:29). Especifica ainda os diferentes tipos de *bird-songs*, que podem ser apelos de alarme, voo, defesa do território, entre outros, e que os pássaros podem também apresentar diversos sons produzidos no bater das asas durante o voo, que servem igualmente para identificar as distintas espécies de aves (*Ibid.*,30-33). Todavia, alerta que percebemos apenas o que conseguimos nomear e que o homem moderno está a esquecer os nomes das aves o que, consequentemente, leva a um esquecimento desse conhecimento pela sociedade (*Ibid.*,34)<sup>96</sup>.

Apesar de todas as aves aqui listadas terem um papel na constituição da paisagem sonora do Jardim do Campo Grande, as que parecem destacar-se são os melros e os periquitos-rabijuncos. Consegui identificar algumas destas espécies ao longo dos meses, constatando assim que, excluindo os gansos e os patos que vi com menos frequência, as outras espécies frequentaram o parque durante todo, ou quase todo o período, em que fui ao jardim.

## 7.5. Discussão

Desde os diferentes tipos de aves às diversas atividades que têm lugar no Jardim do Campo Grande, a sua paisagem sonora pode ser vista como bastante complexa e, simultaneamente, expectável. Anteriormente foi apresentada uma análise aos sons do

---

<sup>95</sup> Feld (1982) estuda também a importância das aves, apoiando-se no seu estudo da comunidade *Kaluli* em Papua Nova Guiné. Baseia-se na história de um rapaz que se transformou num pássaro “*muni*”, e que ao tentar comunicar com a sua irmã, percebe que não consegue falar, profere apenas chilreios característicos da ave em que se tornou. Nesta comunidade os pássaros são extremamente importantes visto que se crê que é num pássaro que se transformam as pessoas depois de morrerem, e que estes se assumem como uma forma de comunicação entre a realidade dos vivos e a dos mortos fazendo, portanto, sentido que as expressões musicais dos *Kaluli* se inspirem nos sons dos pássaros. É ainda através destes que se podem conhecer as condições ambientais, as horas, as estações do ano e a vastidão da floresta.

<sup>96</sup> “Linguistic accuracy is not merely a matter of lexicography. We perceive only what we can name. In a man-dominated world, when the name of a thing dies, it is dismissed from society, and its very existence may be imperiled” (Schafer 1994:34).

jardim partindo principalmente da obra de Schafer, fundamental no desenvolvimento deste estudo. Recapitulando, sucintamente, como marca sonora do Jardim do Campo Grande poder-se-á apontar o toque do sino da Igreja dos Santos Reis Magos que, como também já foi assinalado, atualmente se desvanece na complexidade sonora urbana em que o parque e a igreja se encontram inseridos. Os sons produzidos pelos barcos a remos no lago poderão igualmente ser considerados marcas sonoras pela sua forte identificação com o local e pela existência contínua destas embarcações desde os primórdios da existência do jardim, assumindo, portanto, importância na história deste lugar. Quanto aos sinais sonoros (*sound signals*) poderá assinalar-se novamente o sino da igreja e sirenes ou buzinas do trânsito; nenhum dos sons tem a sua origem no jardim acentuando uma vez mais como o jardim é engolido pela atmosfera sonora do seu redor. Os sons dominantes (*keynotes*) são precisamente o oposto dos sons anteriores e, na paisagem sonora deste jardim, poder-se-ão apontar o canto das aves e o som do trânsito, por estarem sempre presentes num plano de fundo.

Contudo, examinando o ambiente sonoro do jardim consoante estes elementos, percebemos que a análise parece incompleta dado que a totalidade de sons aí existente não se encaixa em todos os tipos ou categorias de sons propostas por Schafer que, por sua vez, aparentam ser bem delineadas, o que não se adequa tão facilmente à natureza mutável do som; assim, até que ponto a sua perspectiva sobre a análise de paisagens sonoras é suficiente para compreender um jardim urbano?

Do mesmo modo, as críticas direcionadas ao próprio conceito de *soundscape*, introduzido inicialmente por Schafer, e às suas limitações levaram a que muitos autores adotassem este conceito nos seus estudos, adaptando simultaneamente o seu significado para que melhor corresponda às suas necessidades e aos temas de estudo ou contextos que focam. A necessidade de recorrer a diversas abordagens ou formas de pensar um lugar e o seu ambiente sonoro leva a que se adotem diferentes conceitos e métodos de análise com o intuito de atingir uma percepção sonora mais adequada. Assim, vários outros autores propõem a introdução de outros conceitos, como o de efeito sonoro, abordado na secção 3.5., proposto por Augoyard e Torgue (2005).

Comparativamente aos conceitos introduzidos por Schafer, que denotam uma preocupação por entender a composição sonora e ecológica de qualquer paisagem, a ideia de efeito sonoro aparenta ser mais completa e abrangente, visto que o som é descrito partindo das suas propriedades acústicas, de como é percebido e a partir do seu valor semântico e estético. A vasta lista de efeitos apresentada pelos autores Augoyard e Torgue



expõe a complexidade de fenómenos sonoros que uma paisagem sonora pode compreender, demonstrando a sua fluidez.

No contexto deste projeto, partindo do livro destes autores e efetuando uma análise com base na escuta do jardim e às respostas dos questionários, identifiquei cerca de 17 efeitos. Apesar de cada efeito sonoro apresentar uma definição distinta, um mesmo som pode ser extensível a mais do que um efeito.

*Phonomnesis*, em que um som é imaginado, mas não é realmente escutado, *anticipation*, quando existe a convicção de que se vai ouvir um som, embora tal não aconteça, e ainda em *deburau*, quando se dá a procura por um som que não se ouve ou não existe, são efeitos aplicáveis a algumas respostas aos questionários, nomeadamente ao som da água do jardim, som que na realidade não existe a não ser que se reúnam condições relativamente exclusivas, como chuva, aspersores ou uma localização muito próxima ao lago, num momento em que neste se encontrem alguns barcos a remos a navegar na sua superfície ou um pequeno fio de água a cair debaixo do passadiço. Tanto o efeito *anticipation*, como *phonomnesis*, podem ser evocados em outras ocasiões, nomeadamente quando o som das aves foi mencionado como o preferido sem ser audível no momento. Este último efeito pode ainda aplicar-se ao caso da jovem analisado na secção 6.2.4., que escolheu o som da água como o seu som favorito sem que esse som fosse audível naquele momento e local do parque.

Num ambiente sonoro tão complexo quanto o do jardim, mencionar, ou mesmo elevar o som da água e dos pássaros pode ser uma valorização desses sons sobre os restantes, pressupondo uma escuta seletiva. Esta preferência é denominada *synecdoche* e pode ser influenciada por diversos fatores pessoais ou culturais. De certo modo, a forma como ouvimos no dia-a-dia é idêntica ao descrito no efeito, condicionando consequentemente a nossa memória auditiva, levando a que alguns sons não sejam apreendidos por esta, um efeito denominado *asyndeton*. Para alguns inquiridos, os sons “indesejados” do jardim desaparecem quando este é considerado um espaço natural visualmente e sonoramente, eliminando, por isso, sons relacionados com o trânsito e com os aviões, cuja presença sonora no parque é extremamente destacada, e focando-se apenas nos sons oriundos do jardim. Muito semelhante ao efeito sonoro anterior é *erasure*, que se refere precisamente a sons que são ouvidos e apagados da memória e da perceção, aplicável novamente a sons menos apreciados e geralmente associados a ruído.

O ruído, por sua vez, pode ser somente som fora do seu lugar, ou seja, um elemento sonoro inesperado e inadequado ao local em que é escutado. Sons provenientes

do trânsito não fazem parte da paisagem sonora que concebemos para um jardim, e por isso, podem ser tidos como uma violação sonora do espaço, associada ao efeito *intrusion*. *Mask* assume um papel semelhante neste contexto, dado que se refere à presença de um som que mascara outro, parcialmente ou completamente, podendo tanto ser considerado um som agradável como desagradável. No caso do Jardim do Campo Grande, podemos considerar o som do trânsito rodoviário que circula no seu redor ou o rugir dos aviões que o sobrevoam, como sons que exercem este efeito de *masking* sobre outras sonoridades presentes no parque.

Embora o jardim possua alguma vegetação, esta não é suficiente para absorver os sons de origem externa, especialmente o trânsito constante e abundante das vias que circundam o parque. Assim, este ruído é um elemento sonoro predominante na paisagem sonora do jardim que poderá ser considerado simultaneamente um bordão (*drone*) e uma parede sonora (*wall*), para além de transmitir a sensação de existir um som independente ao jardim que prevalece sobre outros sons (*envelopment*). Relacionado com o trânsito existe ainda *immersion*, que pressupõe a existência de um background sonoro com outros sons a posicionarem-se sobre este.

Para além destes fenómenos, cerca de três outros podem ser analisados relativamente aos sons das aves, um som principal no contexto deste projeto, e que contrariamente ao ruído do trânsito, apresenta aumentos e diminuições graduais de intensidade, dependendo da direção em que nos movimentamos no jardim. Assim, *crescendo*, traduz-se como um aumento gradual da intensidade de um som, enquanto que *fade* expressa o oposto; o primeiro descreve o que se escuta ao aproximarmo-nos das áreas do jardim onde os periquitos-rabijuncos se concentram mais e o último corresponde ao nosso afastamento desta mesma zona. *Cut out*, aparece relacionado com estes efeitos visto que também se aplica ao desaparecimento gradual de um som, marcando a diferença entre dois ambientes sonoros, no entanto, não diz respeito apenas ao som dos periquitos-rabijuncos como também ao pádel, um som audível sobretudo na zona 3 do jardim, cuja intensidade diminui ao caminhar para fora deste limite.

Por último, identifico dois efeitos que se relacionam com o ruído dos aviões, o já mencionado *crescendo* que ilustra o aumento progressivo do seu som quando cruzam o jardim, seja a aterrar ou a descolar; e *release*, que se refere à duração residual de um som, desde o seu fim até que desaparece completamente; neste caso, demonstra o ruído dos aviões que continua audível no jardim quando estes já se encontram fora do alcance visual de quem aí se encontra.

Esta junção da proposta analítica de Schafer conjugada com os efeitos sonoros de Augoyard e Torgue permite obter uma análise mais completa e menos subjetiva da paisagem sonora do parque, dado que, um som deve obedecer a determinadas características para corresponder a um ou vários efeitos sonoros. Algo a ter em consideração é que a proposta de análise sonora destes últimos autores apresenta mais efeitos sonoros que as categorias de Schafer o que, conseqüentemente, permite analisar e caracterizar mais sons, dando a sensação de que menos sonoridades são deixadas por explorar num ambiente sonoro tão rico como o de um jardim urbano.

Ainda que esta análise das sonoridades do jardim seja estruturada a partir de definições e categorias sonoras propostas por investigadores, é importante ter em consideração que a percepção sonora de um qualquer espaço é determinada não só pelos sons ou efeitos sonoros que aí coexistem, mas também pelas nossas vivências e experiências, que moldam a forma como interpretamos esse mesmo espaço. Fatores como as memórias, os significados que atribuímos a um som ou a um elemento do espaço, as nossas expectativas, o nosso estado de espírito, a visão e os odores ou outras sensações, colaboram em conjunto para a nossa compreensão de um mesmo espaço, como foi esclarecido em alguns artigos mencionados no capítulo do estado da arte.

Assim, de certo modo, é possível fazer diversas análises sonoras a um mesmo ambiente sonoro, seja partindo de definições concretas ou da nossa própria interpretação dessa paisagem, ambas as análises são válidas e, diria mesmo, complementares, embora uma seja mais rigorosa e a outra mais sensorial.

## 8. Considerações finais

Com o intuito de explorar como a percepção sonora condiciona o modo como as pessoas se relacionam com um ambiente, foi escolhido como local de estudo o Jardim do Campo Grande, um espaço verde citadino com uma longa existência e que reúne diversos pontos de interesse, sendo, por isso um excelente estudo de caso. Esta investigação permitiu, assim, conhecer a perspectiva de diferentes autores sobre os conceitos ligados à ecologia acústica e aos estudos sobre o som, bem como colocar em prática distintas técnicas e ferramentas metodológicas; como a pesquisa de fontes históricas em arquivos e um trabalho de campo etnográfico, que compreendeu a realização de questionários e gravações sonoras do local de estudo. Por ser um dos jardins mais antigos da cidade, a escolha do Jardim do Campo Grande como objeto desta pesquisa, permitiu também explorar as mudanças nas funções dos parques urbanos ao longo do tempo.

No início deste trabalho verificou-se o crescente valor dos jardins e espaços verdes urbanos, o que, conseqüentemente, tem dado origem a estudos e investigações focadas na análise da sua qualidade ambiental e sonora, baseando-se sobretudo em metodologias de índole quantitativa. Alguns dos assuntos investigados são precisamente o da percepção da qualidade da paisagem sonora por parte dos seus usuários, a exploração das sensações de tranquilidade e recuperação mental associadas a estes locais, salientando a importância que o ambiente geral e os elementos sonoros desempenham para atingir estas sensações.

Uma conclusão em comum nestes estudos reflete que a percepção de tranquilidade dos usuários dos espaços verdes urbanos resulta de uma combinação dos elementos físicos presentes no jardim (como árvores ou um lago) com o seu ambiente sonoro, embora em muitas ocasiões a tonalidade dominante destes espaços seja a sonoridade do trânsito. Alguns autores (como Ge e Hokao 2004 ou Irvine *et al.* 2009) salientam ainda como outros fatores pessoais e o nosso estado de espírito também condicionam a nossa apreciação de um local.

Outra ideia recorrente é a associação do silêncio a estes lugares, porém, em alguns projetos verificou-se que esta é uma associação errada, dado que o possível silêncio que se experiencia nesses espaços não é superior ao que encontraríamos nas nossas habitações, por exemplo (Dias 2012). Referências ao silêncio apareceram recorrentemente nas respostas ao questionário que realizei aos usuários deste jardim, tal como menções ao ruído, o que permite constatar que este jardim é percebido

simultaneamente como um lugar silencioso e ruidoso, o que reforça a ideia anterior de que a nossa percepção sonora de um espaço não é formada apenas pelos estímulos auditivos, mas por outros estímulos sensoriais e estados emocionais. O estudo destes dois conceitos (ruído e silêncio) e de outros relevantes no âmbito da ecologia acústica foi essencial para a realização do trabalho no jardim, bem como a análise de projetos que decorreram em espaços semelhantes e que focaram estes mesmos conceitos.

Partindo das informações reunidas nas respostas ao questionário sócio acústico, concluí que a maioria dos visitantes não fica muito tempo no jardim e que uma grande parte da amostra o frequenta habitualmente. As razões que motivam os usuários a visitar o jardim são várias e podem dividir-se em atividades sociais, de lazer, a prática de desporto, passear o cão ou simplesmente atravessar o jardim em direção a um local nas proximidades.

Relativamente à segunda parte do questionário, a pergunta “Qual é o seu som preferido e porquê?” pretendia propor aos visitantes que refletissem sobre os sons que ouviam e seleccionassem o som que mais apreciavam, solicitando de seguida que justificassem a sua preferência. As respostas obtidas foram, de certo modo, as esperadas. O som preferido mais escolhido foi o chilrear dos pássaros, seguido do som do vento a passar por entre as folhas das árvores e do silêncio. Este jardim possui muitas aves de diferentes espécies, no entanto, são os periquitos-rabijuncos que mais sobressaem, em primeiro lugar pela sua aparência, visto apresentarem uma cor verde, e depois pelo som que emitem: um chilrear bastante distinto e exótico; notado frequentemente pelos inquiridos. Duas senhoras, por exemplo, falando desta espécie, explicaram-me que algumas das aves que se encontram no topo norte do jardim são uns “papagaios exóticos” que vivem neste espaço porque outrora fugiram de um navio ou do Jardim Zoológico, elegendo seguidamente o chilrear destes pássaros como o seu som favorito por o considerarem alegre e relaxante.

A escolha do silêncio como um dos sons favoritos é também bastante interessante visto que este, a meu ver (e na interpretação de silêncio como “ausência de som”), não existe em nenhum ponto do jardim. Ainda que a própria ideia de silêncio seja subjetiva, o ambiente sonoro do parque é condicionado por sonoridades tipicamente urbanas. No entanto, apesar desta paisagem sonora maioritariamente citadina, o jardim pode proporcionar experiências mentalmente reparadoras a quem o visita e aprecia o resultado da conjugação dos seus elementos visuais, como o lago ou os relvados, com as suas

sonoridades mais naturais, como as vocalizações das aves, elementos sonoros que permitem uma saída momentânea e imaginária do ambiente urbano.

Verifiquei que a razão para a preferência de um som sobre os restantes esteve quase sempre relacionada com a associação do som eleito a uma sensação de tranquilidade ou à evocação de ambientes mais naturais, o que poderá comprovar que, ainda que este jardim se encontre no centro da cidade e que tanto a sua paisagem visual como a sonora sejam dominadas por elementos urbanos, muitos dos seus visitantes reveem aí um fragmento de natureza e, conseqüentemente, um espaço calmo e agradável.

Quando confrontados com a pergunta sobre qual o som que preferiam, muitos dos inquiridos comentaram que no jardim se escutavam muitos ruídos provenientes do trânsito e dos aviões, apesar de quase sempre refletirem por uns momentos e optarem por eleger um som (ainda que 7 não o tenham feito). Uma das dificuldades que presenciei na realização deste trabalho foi justamente falar sobre som e pedir aos visitantes do jardim que me falassem sobre os seus sons preferidos já que, os sons desagradáveis foram comumente a primeira resposta, seguidos de “não sei, talvez o som dos passarinhos. Porque dá uma sensação de calma”<sup>97</sup>.

Durante a realização destes questionários, foi também interessante presenciar a distinta dualidade traçada pelos inquiridos entre os sons da cidade (ligados a aspetos negativos e considerados poluição sonora) e os sons da suposta natureza do parque (a serem associados a sensações positivas e ambientes naturais) apesar de, a meu ver, existir uma forte fusão entre as duas realidades que originam um só ambiente sonoro. Ainda assim, de toda a amostra de inquiridos, apenas 2 escolheram como som favorito a junção de sons provenientes do parque com outros de origem urbana (pássaros + movimentos da cidade) justificando a sua escolha do seguinte modo: “porque gosto da cidade e é interessante estar no meio da natureza e próxima da cidade ao mesmo tempo”<sup>98</sup> e “porque dá a ideia de espaço verde citadino”<sup>99</sup>.

Como complemento às respostas obtidas nestes questionários, estudei o quotidiano do jardim e os seus sons, o que permitiu concluir que os sons que mais se evidenciam na sua paisagem sonora são os sons do trânsito, que circula incessantemente no redor do jardim, o som dos motores dos aviões que o sobrevoam e o chilrear das aves, com destaque para os periquitos-rabijuncos e para os melros; estes três sons foram

---

<sup>97</sup> Mulher, 22 anos, 25 de abril de 2017

<sup>98</sup> Mulher, 24 anos, 16 de fevereiro de 2017

<sup>99</sup> Mulher, 23 anos, 11 de junho de 2017

claramente audíveis em todos, ou quase todos, os dias em que estive no jardim (o que reforça as respostas e os comentários dos participantes do breve questionário).

De uma perspetiva menos atual, e considerando a longa história deste lugar, os seus usos e funções foram no passado bastante diferentes. Embora em 1680 seja delineada uma primeira alameda do espaço, é no início do século XIX que se constroem aí passeios públicos que o elevam a um local de recreio, tendo sido posteriormente melhorado sucessivas vezes. Neste lugar realizaram-se alguns eventos que dinamizaram a zona ainda rural do Campo Grande nomeadamente uma feira anual, que terá sido a razão para o espaço ter sido melhorado inicialmente, corridas de cavalos e esperas de touros. Já em 1900 continuar-se-iam a realizar aí eventos hípicas e concursos de gado, corridas de automóveis e outras provas desportivas, bem como a continuação da anualidade da feira até à década de 1930.

É também durante o século XX que o parque perde a sua associação a um contexto rural e passa a integrar a cidade de Lisboa, que cresce em redor do jardim. É, contudo, apenas na década de 1940 que este adquire as proporções aproximadas às que apresenta atualmente, quando o arquiteto Francisco Keil do Amaral renova profundamente o parque. Com este melhoramento várias novas funções foram introduzidas, tais como campos de ténis, um rink de patinagem, uma piscina infantil e um restaurante que, poucos anos mais tarde, daria lugar ao Centro Comercial Caleidoscópio.

Depois de várias décadas sem qualquer renovação, o Jardim do Campo Grande passa por uma nova remodelação, primeiro à zona norte, tratada neste estudo e inaugurada em 2013 e, presentemente, na zona sul, com previsão para a sua conclusão no próximo mês de abril.

Partindo dos eventos que ocorreram no jardim e das transformações que o espaço sofreu, procurei reconstruir o seu ambiente sonoro no decorrer da sua história. Assim, ao longo do trabalho, a narrativa assentou precisamente na constituição e descrição dessas diferentes atividades, dos usos e funções do espaço com base em fontes documentais, nomeadamente em testemunhos literários e jornalísticos. Observando em perspetiva, é interessante pensar nas tão diferentes atividades e eventos que tiveram lugar num jardim que hoje se encontra completamente integrado na cidade, delimitado por faixas de trânsito abundante e uma densa malha de edifícios. A maioria dos acontecimentos principais da sua história já não se realiza atualmente, sendo impensável que aí se fizessem nos dias de hoje corridas de automóveis, esperas de touros ou uma das feiras mais importantes do

país que, para além de vender os mais variados produtos, aí concentrava também diversos divertimentos ligados a um âmbito circense.

Sucintamente, numa análise aos seus usos do passado, diria que o Campo Grande terá representado um lugar adequado aos divertimentos em voga das diferentes épocas, sobretudo por possuir uma área ampla e uns limites menos definidos que os atuais, que permitiam a realização de eventos e atividades que não poderiam acontecer em Lisboa, algumas das quais dificilmente associaríamos a um jardim. Já nos dias de hoje, o Jardim do Campo Grande assume-se como um jardim urbano ao conferir aos seus visitantes um espaço que permite descansar e executar um vasto número de atividades e que, ainda que alguns dos seus elementos sonoros sejam valorizados, existe uma consciência por parte dos visitantes de que muitos dos sons que aí se escutam são tipicamente urbanos e desajustados às suas expectativas relativamente à sonoridade de um espaço verde.

Futuramente seria interessante realizar um estudo semelhante à zona sul do jardim tendo, no entanto, em conta alguns ajustes metodológicos, como a reformulação da questão sobre o som favorito ou a proposta de uma avaliação qualitativa do espaço, recorrendo à apreciação de vários parâmetros partindo, por exemplo, de uma escala numérica e tendo como ponto de partida os resultados obtidos no estudo aqui apresentado. Seria também interessante conversar com pessoas que tenham frequentado este jardim antes das últimas remodelações para conhecer a sua opinião sobre o local, e tentar obter um esclarecimento relativamente a alguns sons que pudessem recordar, mas que já não existam presentemente na sonoridade do parque. Consegui conversar com algumas pessoas que conheceram e frequentaram este parque na sua juventude, mas que somente se recordavam dos barcos no lago e do Edifício Caleidoscópio, e que, por diversas razões, deixaram de visitar este jardim há várias décadas.

Para além de a história do jardim ter já sido tratada no presente trabalho, esta proposta de estudo seria interessante como forma de compreender as diferenças de usos do espaço relativamente à zona norte, visto que, ambas as partes do jardim apresentam diferenças espaciais e funcionais; por exemplo, a zona sul tem um ginásio, em vez de um centro de estudos, vegetação mais densa em determinados pontos e, embora também tenha um lago, este não é navegável. Na decorrente remodelação, parece ainda ter-se adotado uma maior preocupação com o isolamento desta área verde relativamente ao seu exterior, o que seria interessante compreender do ponto de vista de um projeto assente não só nas funções desta zona do jardim, mas sobretudo no estudo da sua sonoridade.





## Bibliografia

AAVV. 2005. *Estatuária e Escultura de Lisboa: Roteiro*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa

AAVV. 2009. *Guia dos Parques, jardins e geomonumentos de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa

Acciaiuoli, Margarida. 2015. *Casas com Escritos – Uma História da Habitação em Lisboa*, Lisboa, Bizâncio

Adinolfi, Cristiano, Gina Suárez-Cáceres, Paloma Cariñanos. 2014. “Relation between visitors’ behavior and characteristics of green spaces in the city of Granada south-eastern Spain”, *Urban Forestry & Urban Greening*, Vol.13, PP534-542

Alvarsson, Jesper *et al.* 2014. “Aircraft noise and speech intelligibility in an outdoor living space”, *The Journal of the Acoustical Society of America*, Vol. 135, PP3455-3462

Amaral, Francisco Keil. 1969. *Lisboa, uma cidade em transformação*, Torres Vedras, Publicações Europa-América

Ampuja, Outi. 2005. “Towards and artificial soundscape? Modern soundscapes under human design”, *Icon*, Vol.11, PP79-94

Andrade, Manuel Ferreira. 1968. *Que diferente és, Lisboa! – Crónicas Alfacinhas*, Lisboa, Editorial de Publicações Turísticas

Atienza, Riccardo. 2008. “Identidad sonora urbana: tiempo, sonido y proyecto urbano.”, *Les 4èmes Journées Européennes de la Recherche Architecturale et Urbaine EURAU'08: Paysage Culturel*, 16-19 Janvier 2008, Espanha

Atkinson, Rowland. 2007. “Ecology of Sound: The Sonic Order of Urban Space”, *Urban Studies*, Vol. 44, No.10

Augoyard, Jean-François. 1997. “La sonorización antropológica del lugar”, *Hacia una antropología arquitectónica*, PP205-219

Augoyard, Jean-François, Henry Torgue. 2005. *Sonic experience: A Guide to Everyday Sounds*, Canadá, McGill-Queen’s University Press

Augusto, Carlos. 2014. *Sons e Silêncios da Paisagem Sonora Portuguesa*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos

Bastos, António de Sousa. 1947. *Lisboa Velha – Sessenta anos de recordações: 1850 a 1910*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa

Belo, Hugo. 2013. “O ruído e o ordenamento do território – caso de estudo: o concelho de Cascais”, Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências e Tecnologias

Bonifácio, Maria. 1991. “Lisboa, bastião do proteccionismo (pausas, política e indústria nos anos 30-40 do século passado)”, *Análise Social*, Vol. XXVI (112-113), PP515-535

Botteldooren Dick *et al.* 2008. “The urban soundscape: A different perspective”, *Duurzame mobiliteit Vlaanderen: de leefbare stad*, Bélgica, Universiteit Gent. Instituut voor Duurzame Mobiliteit, PP177-204

Botteldooren, Dick *et al.* 2012. “The role of paying attention to sounds in soundscape perception”, *Proceedings of the Acoustics 2012 Hong Kong Conference*, PP1-5

Botteldooren, Dick *et al.* 2014. “How the meaning a person gives to tranquility could affect the appraisal of the urban park soundscape”, *INTERNOISE 2014 - 43rd International Congress on Noise Control Engineering: Improving the World Through Noise Control*

Brambilla, Giovanni. 2013. “The perceived quality of soundscape in three urban parks in Rome”, *The Journal of the Acoustical Society of America*, Vol.134, No.1, PP832-839

Byrka, Katarzyna, Paulina Krzywicka. 2017. “Restorative qualities of and Preference for Natural and Urban Soundscapes”, *Frontiers in Psychology*, Vol.8

Câncio, Francisco. 1939. *Aspectos de Lisboa do século XIX*, Lisboa, Imprensa Baroeth

Câncio, Francisco. 1943. *Lisboa: Figuras e casos do passado*, Vol.3, Lisboa

Carles, José, Isabel Barrio, José Lucio. 1998. “Sound influence on landscape values”, *Landscape and Urban Planning*, Vol. 43, PP191-20

Carpenter, Edmund, Marshall McLuhan. 1960. *Explorations in Communication*, E.U.A., Beacon Press

Carvalho, António. 1990. “Jardins Urbanos da Cidade do Porto. Análise Acústica”, Artigo em Livro de Atas de Conferência Nacional, *Colóquio Viver (n)a Cidade*, PP125-132

Castro, Raquel. 2007. “Para uma introdução à Ecologia Acústica”, Dissertação e Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Chaves, Luís. 1963. *Capelas, Ermidas, Oratórios e Nichos dedicados ao culto dos santos, em Lisboa setecentista e seus arrabaldes*, Lisboa, Ramos, Afonso & Moita, Lda.

Chion, Michel. 2008. *A Audiovisão - som e imagem no cinema*, Lisboa, Edições Texto & Grafia

Coates, Peter. 2005. “The Strange Stillness of the Past: Toward an Environmental History of Sound and Noise”, *Environmental History*, Vol.10, No.4, PP636-665

Coelho, André. 2013. “*Sharawadji* - Casos de ruído de vizinhança na cidade de Lisboa”, Trabalho de Projecto para Mestrado em Culturas Visuais, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Coelho, J. Luís, Mohammed Boubezari, António Soares. 2013. “Urban Park Soundscape”, *TecniAcustica Valladolid 2013, 44º Congreso Español de Acústica, Encontro Ibérico de Acústica*, PP405-411

Coensel, Bert, Dick Botteldooren, Sofie Vanwetswinkel. 2011. “Effects of natural sounds on the perception of road traffic noise”, *The Journal of the Acoustical Society of America*, Vol.129, PP148-153

Cook, David, David Haverbeke. 1977. “Suburban Noise Control with Plant Materials and Solid Barriers”, *Proceedings of the Conference on Metropolitan Physical Environment*, PP234-241

Costa, Mário. 1950. *Feiras e outros divertimentos populares de Lisboa: história, figuras, usos e costumes*, Lisboa, Oficinas Gráficas CML

Coutinho, Miguel, Maria Partidário. 2008. “História de um processo de decisão: o novo aeroporto de Lisboa”, CNAI’08 - 3ª Conferência Nacional de Avaliação de Impactes

Descola, Philippe, Gísli Pálsson. 2004. *Nature and Society – Anthropological Perspectives*, Taylor & Francis e-Library

Dias, Carlos. 1907. *Cartas de Lisboa – Terceira série*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A.M. Teixeira & C.ta

Dias, Jaime Lopes. 1940. *Festas e divertimentos da cidade de Lisboa: da Independência à Restauração: conferência*, Lisboa, Ferin

Dias, Marina Tavares. 1992. *Lisboa Desaparecida*, Vol.3, Lisboa, Quimera Editores, Lda.

Dias, Marina Tavares. 2001. *História do Elétrico da Carris – The history of Lisbon Trams*, Lisboa, Quimera Editores, Lda.

Dias, Marina Tavares. 2002. *Histórias de Lisboa: antologia de textos sobre a cidade*, Lisboa, Quimera Editores, Lda.

Dias, Marina Tavares. 2003. *Lisboa Desaparecida*, Vol.8, Lisboa, Quimera Editores, Lda.

Dias, Ricardo. 2012. “O Som e o Ruído nos Jardins Urbanos do Porto”, Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente Universidade do Porto – Faculdade de Engenharia

Drever, John. 2002. “Soundscape composition: the convergence of ethnography and acousmatic music”, *Organised Sound* 7; Cambridge University Press

Eisenberg, Andrew. 2015. “Space”, *Keywords in Sound*, E.U.A., Duke University Press

Feld, Steven. 1982. *Sound and Sentiment – Birds, Weeping, Poetics, and Song in Kaluli Expression*, E.U.A., University of Pennsylvania Press

Feld, Steven, Keith Basso. 1996. *Senses of Place*, Santa Fé, School of American Research Press

Feld, Steven. 2005. “Places Sensed, Senses Placed: Towards a Sensuous Epistemology of Environments”, *Empire of the Senses: The Sensual Culture Reader*, E.U.A., Berg Publishers

Feld, Steven. 2015. “Acoustemology”, *Keywords in Sound*, E.U.A., Duke University Press

Gautier, Ana. 2015. “Silence”, *Keywords in Sound*, E.U.A., Duke University Press

Ge, Jian, Hokao Kazunori. 2004. “Research on the Sound Environment of Urban Open Space from the Viewpoint of Soundscape – A Case Study of Saga Forest Park, Japan”, *Acta Acustica united with Acustica*, Vol. 90, PP555-563

Hedfors, Per. 2004. "Considering the Authenticity of the Garden Soundscape: Preliminary Research Based on Interviews", *Garden History*, Vol. 32, No. 2, The Garden History Society

Helmreich, Stefan. 2010. "Listening Against Soundscapes", *Anthropology News*

Ingold, Tim. 2007. "Against soundscape", *Autumn leaves: sound and the environment in artistic practice*, Paris, Double Entendre, PP10-13

Irvine, Katherine *et al.* 2009. "Green space, soundscape and urban sustainability: an interdisciplinary, empirical study", *Local Environment*, Vol.14, No.2, PP155-172

Kelman, Ari. 2010. "Rethinking the soundscape – A Critical Genealogy of a Key Term in Sound Studies", *Senses & Society*, Vol.5, PP212-234

LaBelle, Brandon. 2006. *Background Noise: Perspectives on Sound Art*, Continuum International Publishing Group Ltd.

Lafon, Jeanne, Catherine Lavandier. 2015. "Soundscape quality of urban parks and gardens", *Proceedings EuroNoise*, PP2383-2388

Leal, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho. 1874. *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. II, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia

Liu, Jian *et al.* 2013. "Effects of landscape on soundscape perception: Soundwalks in city parks", *Landscape and Urban Planning*, Vol. 123

Low, Setha, Dana Taplin, Suzanne Scheld. 2005. *Rethinking Urban Parks - Public Space and Cultural Diversity*, Austin, University of Texas Press

Machado, Júlio César. 1872. *À Lareira*, Lisboa, Editor Campos Júnior

Machado, Júlio César. 1901. *A Vida em Lisboa – Romance Contemporâneo*, 2ª edição, Vol. II, Lisboa, António Maria Pereira (Livraria Editora)

Masullo, Massimiliano, Luigi Maffei, Aniello Pascale. 2016. “Effects of combination of water sounds and visual elements on the traffic noise mitigation in urban green parks”, *InterNoise 2016*

Moita, Irisalva. 1994. *O livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte

Morais, Inês, Ana Caessa, Miguel Gomes Martins. 1999. *Do Saldanha ao Campo Grande: os originais do Arquivo Municipal de Lisboa*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa

Novak, David, Matt Sakakeeny. 2015. *Keywords in Sound*, E.U.A., Duke University Press

Novak, David. 2015. “Noise”, *Keywords in Sound*, E.U.A., Duke University Press

Nunes, Joana. 2012. “O Coreto na Cidade de Lisboa – Reintegração do Equipamento do Espaço Público Urbano”, Dissertação de Mestrado em Design de Equipamento: Especialização em Design Urbano e de Interiores, Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes

Payne, Sarah. 2008. “Are perceived soundscapes within urban parks restorative?”, *Proceedings of Acoustics '08*, PP5519-5524

Pereira, Luiz Gonzaga. 1927. *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional

Pereira, Miguel. 2013. “Acústica de Parques e Reservas Naturais em Portugal”, Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente, Universidade do Porto – Faculdade de Engenharia

Pereira, Nuno. 1994. “Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário”, *Análise Social*, Vol. XXIX, PP509-524



Pheasant, Rob *et al.* 2008. “The acoustic and visual factors influencing the construction of tranquil space in urban and rural environments tranquil spaces-quiet places?”, *The Journal of the Acoustical Society of America*, Vol. 123, PP1446-1457

Pijanowski, Bryan *et al.* 2011. “Soundscape Ecology: The Science of Sound in the Landscape”, *BioScience*, Vol. 61, No. 3, Oxford University Press

Pinch, Trevor e Karin Bijsterveld. 2012. *The Oxford Handbook of Sound Studies*, Oxford, Oxford University Press

Pistrick, Ecklehard, Cyril Isnart. 2013. “Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction”, *Etnográfica*, Vol.17, No. 3, PP503-513

Portugal, Fernando, Alfredo Matos. 1979. *Lisboa em 1758*, Lisboa, Coimbra Editora Limitada

Prôa, António, João Fonseca, Paulo Fonseca. 2010. *Freguesia de Alvalade: 1959-2009*, Lisboa, Junta de Freguesia de Alvalade

Pucarinho, Vasco. 2013. “A Escuta: Contemplação do Som no Quotidiano”, Dissertação de Mestrado em Som e Imagem, Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa

Raimbault, Manon, Danièle Dubois. 2005. “Urban soundscapes: Experiences and knowledge”, *Cities*, Vol. 22, No.5, PP339-350

Rêgo, Manuela, Maria Fernandes. 1996. *Um passeio à volta do Campo Grande*, Lisboa, Editora Contexto

Rodrigues, Ricardo. 2015. “Caracterização das paisagens sonoras em três jardins/parques de Lisboa”, Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente, Instituto Superior Técnico de Lisboa

Schafer, R. Murray. 1973. *The Music of the Environment*, Austria, Universal Edition

Schafer, R. Murray. 1994. *The Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World*, Rochester, Destiny Books

Silva, A. Vieira da. 1968. *Dispersos*, Lisboa, Sociedade Tipográfica Lda., Vol. 1

Smith, Mark. 2001. *Listening to Nineteenth-Century America*, E.U.A., University of North Carolina Press

Smith, Mark. 2004. *Hearing History: A Reader*, E.U.A., University of Georgia Press

Soares, Antonio, J.Luis Coelho. 2016. “Urban park soundscape in distinct sociocultural and geographical contexts”, *Noise Mapping*, Vol.3, PP232-246

Sorensen, Roy. 2009. “Hearing Silence: The Perception and Introspection of Absences”, *Sounds and Perception: New Philosophical Essays*, Oxford University Press, PP126-145

Sottomayor, Appio. 2002. *Lisboa d’outros tempos*, Lisboa, Impreopa – Sociedade Jornalística e Editorial

Sousa, José Maria Cordeiro. 1953. “A Antiga Tapada do Campo Grande”, *Colectânea Olisiponense*, Vol.1, Lisboa, Oficinas gráficas CML

Sterne, Jonathan. 2012. *The Sound Studies Reader*, E.U.A., Routledge

Suaréz, Pedro, Antonio Jiménez. 2013. “Ruido y quietud en el interior de los parques de Madrid (España): Un análisis ambiental de casos con SIG”, *Anales de Geografía*, Vol. 33, No 1, PP133-160

Svensson, Lars *et al.* 2009. *Guia de Aves*, Porto, Assírio & Alvim

Sykes, Debra. 1993. “The Tuning of the World: The First International Conference on Acoustic Ecology”, *Leonardo Music Journal*, Vol.3, PP82-83

Szeremeta, Bani. 2007. “Avaliação e Percepção da Paisagem Sonora de Parques Públicos de Curitiba-Paraná”, Dissertação de Mestrado em Engenharia mecânica, Universidade Federal do Paraná

Szeremeta, Bani, Paulo Zannin. 2015. “A percepção dos praticantes de atividade física sobre a qualidade ambiental sonora dos parques públicos de Curitiba-Paraná”, *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*

Taplin, Dana, Suzanne Scheld, Setha Low. 2002. “Rapid Ethnographic Assessment in Urban Parks: A Case Study of Independence National Historical Park”, *Human Organization*, Vol. 61, No.1, PP80-93

Taylor, Hilary. 1995. Urban Public Parks, 1840-1900: Design and Meaning, *Garden History*, Vol. 23, No. 2, PP201-221

Thibaud, Jean-Paul. 2002. “Une approche des ambiances urbaines: le parcours commenté”, *Espaces publics et cultures urbaines*, Certu, PP257-270

Tostões, Ana. 1992. *Monsanto, Parque Eduardo VII, Campo Grande: Keil do Amaral, arquitecto dos espaços verdes de Lisboa*, Lisboa, Salamandra

Tostões, Ana. 1999. *Keil do Amaral: o arquitecto e o humanista*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa

Truax, Barry. 1984. *Acoustic Communication*, E.U.A., Ablex Publishing Corporation  
(Versão em PDF)

Truax, Barry. 2012. “From soundscape documentation to soundscape composition”, *Société Française d’Acoustique, Acoustics 2012*, PP2103-2107

Tse, Man *et al.* 2012. “Perception of urban park soundscape”, *The Journal of the Acoustical Society of America*, Vol.131, No.4, PP2762-2771

Tuuri, Kai, Tuomas Eerola. 2012. “Formulating a Revised Taxonomy for Modes of Listening”, *Journal of New Music Research*, 41, (2), PP137-152

Valleinerie, Jeanne. 2015. “Qualité sonore des parcs et jardins urbains – Caractérisation de la qualité sonore de six parcs et jardins d'Ile de France”, Dissertação de Doutorado em Geografia, École doctorale de droit et sciences humaines (Cergy-Pontoise, Val-d'Oise)

Viollon, Stephanie, Catherine Lavandier. 2000. “Multidimensional assessment of the acoustic quality of urban environments”, *InterNoise 2000*

Wrightson, Kendall. 2000. “An Introduction to Acoustic Ecology”, *Soundscape: The Journal of Acoustic Ecology*, Vol.1, No. 1, PP10-13

## Periódicos/Revistas

Alves, José da Felicidade. 1997. “As igrejas paroquiais de Lisboa e o terramoto de 1755”, *Olisipo – Boletim do Grupo de Amigos de Lisboa*, Série II, No.4

Amaral, Francisco Keil. 1944. “O Prémio Valmor”, *Revista Municipal*, Nos.22 e 23

Autor desconhecido. 1901. “Jardim do Campo Grande”, *Passatempo: Revista quinzenal Ilustrada*, No.16, P4

Autor desconhecido. 1903. “A vida em Lisboa: o Campo Grande”, *Serões: Revista Mensal Ilustrada*, série I, Vol. III, No.17, PP303-308

Barbosa, Inácio de Vilhena. 1863. “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inérito) – Arrabaldes de Lisboa: Campo Pequeno e Campo Grande”, *Archivo Pittoresco*, No.35, P275

Barbosa, Inácio de Vilhena. 1863. “Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inérito) – Arrabaldes de Lisboa: Telheiras, Nossa Senhora da Luz, e Carnide”, *Archivo Pittoresco*, No.38, P299

Câncio, Francisco. 1952. “Feiras e Romarias”, *Olisipo – Boletim trimestral do grupo «Amigos de Lisboa»*, No.58, PP157-164

Câncio, Francisco. 1953-1954. “Memórias de um Lisboeta Centenário”, *Arquivo Alfacinha*, Vol. I, Caderno IX

Carvalho, Maria Rio. 1935. “Parque do Campo Grande”, *Guia de Portugal Artístico – Jardins, Parques e Tapadas de Lisboa*, Vol. II, PP51-56

Christino, Ribeiro. 1922-1923. “O Campo Grande”, *Alma Nova: Revista ilustrada*, série III, No.4-6, P70

Gallis, Alfredo. 1886. “A Feira do Campo Grande (scenas, usos e costumes)”, *A Ilustração Portuguesa*, No.9, PP6-7

Lobato, Gervásio. 1883. “Chronica Occidental”, *O Occidente – Revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, No.166, PP169-170

Lobato, Gervásio. 1891. “Chronica Occidental”, *O Occidente – Revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, No.438, P41

Quadros, Luís. 1948. “As grandes obras citadinas – Campo Grande”, *Revista Municipal*, No.36, PP12-18

Saraiva, José Mendes da Cunha. 1946. “Dom João VI mandou ajardinar o Campo Grande”, *Revista Municipal*, Nos.30 e 31, PP26-28

Teixeira, Carlos A. Lopes. 1961. “«O Chalet das Canas» do Campo Grande”, *Olisipo – Boletim trimestral do grupo «Amigos de Lisboa»*, No.96, PP197-198

Tostões, Ana. 1999. “Keil do Amaral – Arquitecto de Lisboa”, *Agenda Cultural*, Lisboa, No.98

Vicente, Vilar. 1945. “Esperas de Touros”, *Panorama: Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, No. 25-26, PP24-27

Vieira, Eugenio. 1910. “O Campo Grande”, *Serões: revista ilustrada*, No.58, PP269-274

Vieira, Eugenio. 1910. “O Campo Grande”, *Serões: revista ilustrada*, No.59, PP351-356

“Jardim do Campo Grande tomado pelos marginais”, *Correio da manhã*, 01-08-1998

“Campo Grande está ao abandono”, *Notícias da manhã*, 10-11-2005

“Jardim do Campo Grande é zona de insegurança crescente”, *A capital*, 08-02-1997

## Webgrafia

Augoyard, Jean-François, Pascal Amphoux, Grégoire Chelkoff. 1985. *La production de l'environnement sonore: analyse exploratoire sur les conditions sociologiques et sémantiques de la production des phénomènes sonores par les habitants et usagers de l'environnement urbain*, CRESSON, Secrétariat d'Etat à l'Environnement, SRETIE  
[https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01373803/file/rap\\_1985\\_cresson\\_006.pdf](https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01373803/file/rap_1985_cresson_006.pdf)

Bardyn, Jean-Luc. 1993. *L'appel du port. Recherche exploratoire pluridisciplinaire sur l'ambiance sonore de 5 ports européens: Anvers, Brest, Barcelone, Gênes, Marseille*, CRESSON, ARCHIMEDA: Archives Sonores Méditerranéennes  
<https://core.ac.uk/download/pdf/51930244.pdf>

*As Farpas: Chronica Mensal da Politica, das Letras e dos Costumes* (1873-03/04)  
<http://www.gutenberg.org/files/14621/14621-h/14621-h.htm>

*Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1837* (1838)  
[http://hemerotecadigital.cm-](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Sinopse/1837/1837_master/Sinopse_1837.PDF)  
[lisboa.pt/Periodicos/Sinopse/1837/1837\\_master/Sinopse\\_1837.PDF](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Sinopse/1837/1837_master/Sinopse_1837.PDF)

*Actas das Sessões da Câmara Municipal de Lisboa 1910*  
[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/ActasSCML/1910/1910\\_item1/P645.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/ActasSCML/1910/1910_item1/P645.html)  
<http://www.hardmusica.pt/lazer/outros/29237-lisboa-vai-estar-no-tabuleiro-mundial-do-monopoly.html> consultado a 26 de dezembro 2016

<https://www.thenatureofcities.com/2013/08/25/designing-the-urban-soundscape/>  
consultado a 18 de janeiro de 2017

<http://interact.com.pt/22/dos-lugares-invisiveis/> consultado a 27 de fevereiro de 2017

<http://journals.openedition.org/annuaire-cdf/737> consultado a 3 de março de 2017

<http://restosdecolecao.blogspot.pt/2014/07/lago-do-jardim-do-campo-grande.html>

consultado a 11 de março de 2017

<http://www.jf-alvalade.pt/historia/#> consultado a 11 de março de 2017

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=23904](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23904) consultado a 11 de março de 2017

<https://www.publico.pt/2011/12/25/sociedade/noticia/que-misteriosas-aves-verdes-e-estridentes-sao-estas-que-invadiram-lisboa-1526430> consultado a 11 de março de 2017

<http://www.sabado.pt/vida/detalhe/conhece-os-passaros-tropicais-a-solta-em-lisboa> consultado a 11 de março de 2017

<http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2016-10-19-No-Caleidoscopio-agora-estuda-se-365-dias-por-ano-24-horas-por-dia> consultado a 15 de março de 2017

<https://www.guiadacidade.pt/pt/art/3a-edicao-da-regata-de-barquinhos-a-remos-283578-11> consultado a 15 de março de 2017

<https://www.publico.pt/2015/01/25/portugal/noticia/a-aldeia-dos-cavalos-1683068> consultado a 15 de março de 2017

<http://www.hardmusica.pt/lazer/turismo/33849-regata-de-barquinhos-a-remos-no-lago-do-campo-grande.html> consultado a 15 de março de 2017

<http://favouritesounds.org/about.php?projectid> consultado a 15 de março de 2017

<http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/barcos-a-remos-voltam-ao-campo-grande> consultado a 15 de março de 2017

<http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/jardim-do-campo-grande-renovado> consultado a 15 de março de 2017



<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/jardim-do-campo-grande>

consultado a 30 de março de 2017

*Diário de Lisboa*, 16 de fevereiro de 1941 [http://casacomum.org/cc/diario\\_de\\_lisboa/](http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/)

consultado a 2 de abril de 2017

*Diário de Lisboa*, 17 de fevereiro de 1941 [http://casacomum.org/cc/diario\\_de\\_lisboa/](http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/)

consultado a 2 de abril de 2017

*Diário de Lisboa*, 18 de fevereiro de 1941 [http://casacomum.org/cc/diario\\_de\\_lisboa/](http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/)

consultado a 2 de abril de 2017

*Diário de Lisboa*, 27 de fevereiro de 1941 [http://casacomum.org/cc/diario\\_de\\_lisboa/](http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/)

consultado a 2 de abril de 2017

*Diário de Lisboa*, 1 de novembro de 1974 [http://casacomum.org/cc/diario\\_de\\_lisboa/](http://casacomum.org/cc/diario_de_lisboa/)

consultado a 2 de abril de 2017

<http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/igreja-paroquial-do-campo-grande-igreja-dos-santos-reis-magos> consultado a 2 de junho 2017

<http://sociedadehipica.pt/historia/> consultado a 14 de julho de 2017

<http://www.metrolisboa.pt/informacao/planear-a-viagem/diagrama-e-mapa-de-rede/entre-campos/> consultado a 25 de agosto de 2017

<http://lifestyle.sapo.pt/vida-e-carreira/em-foco/artigos/vida-nova-no-jardim-do-campo-grande> consultado a 14 de setembro de 2017

[http://www.chpl.pt/artigos/chpl/historia\\_pt\\_211](http://www.chpl.pt/artigos/chpl/historia_pt_211) consultado a 8 de outubro de 2017

<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/acervo/espaios-de-arquitetura/keil-do-amaral/> consultado a 10 de outubro de 2017

[https://www.facebook.com/BarquinhosaRemos/?hc\\_ref=PAGES\\_TIMELINE&fref=nf](https://www.facebook.com/BarquinhosaRemos/?hc_ref=PAGES_TIMELINE&fref=nf)  
consultado a 30 de outubro de 2017

<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF> consultado a 10 de fevereiro de 2018

"logradouro" in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,  
<https://www.priberam.pt/dlpo/logradouro> consultado a 26 de março de 2018

<http://www.jornaldapraceta.pt/jp007Datas.html> consultado a 30 de março de 2018

<http://ocorvo.pt/solucoes-naturais-espaco-livre-e-seguranca-sao-marcas-do-novo-jardim-do-campo-grande/> consultado a 30 de março de 2018

<http://visao.sapo.pt/actualidade/visaose7e/sair/2016-10-19-No-Caleidoscopio-agora-estuda-se-365-dias-por-ano-24-horas-por-dia> consultado a 30 de março de 2018

<http://www.campogrande.padellisboa.com/> consultado a 30 de março de 2018

<http://www.inac.pt/VPT/GENERICO/REGECONOMICA/RUIDOAEROPORTOS/Paginas/Ruidonos aeroportos.aspx> consultado a 30 de março de 2018

<https://observador.pt/2018/03/14/aeroporto-de-lisboa-pode-chegar-a-46-movimentos-por-hora-antes-do-montijo/> consultado a 30 de março de 2018

<http://carricheforadeportas.blogspot.pt/2015/11/as-esperas-de-touros-na-calcada-de.html>  
consultado a 30 de março de 2018

<http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/search?q=campo+grande> consultado a 30 de março de 2018

<http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2015/11/campo-grande-376.html> consultado a 30 de março de 2018

[https://www.rtp.pt/rtpmemoria/retrovisor/campo-grande-ao-abandono\\_242](https://www.rtp.pt/rtpmemoria/retrovisor/campo-grande-ao-abandono_242) consultado a 30 de março de 2018

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/campo-grande/#sthash.UBMxB02a.dpbs> consultado a 30 de março de 2018

<https://www.google.com/maps> consultado a 30 de março de 2018

<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/world-soundscape-project/> consultado a 30 de março de 2018

<https://www.wfae.net/> consultado a 30 de março de 2018

<http://ensina.rtp.pt/artigo/um-retrato-de-lisboa-na-transicao-do-seculo-xx/> consultado a 30 de março de 2018

<http://maislisboa.fcsh.unl.pt/cenario-do-movimento-operario-lisboeta-no-seculo-xix/> consultado a 30 de março de 2018

<https://www.igrejacampogrande.pt/> consultado a 30 de março de 2018

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/> consultado a 30 de março de 2018

[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N25-26/N25-26\\_item1/P50.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/N25-26/N25-26_item1/P50.html) consultado a 30 de março de 2018

[http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1903/N017/N017\\_item1/P55.html](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/1903/N017/N017_item1/P55.html) consultado a 30 de março de 2018

<https://dre.pt/pesquisa/-/search/522807/details/maximized> consultado a 30 de março de 2018

<http://www.grenoble.archi.fr/recherche/cresson.php> consultado a 30 de março de 2018

<https://dre.pt/pesquisa/-/search/522807/details/maximized> consultado a 30 de março de 2018

### ***Figuras***

As figuras 2,3,4,9,10,11,12,13,14,15, 23 e 24 foram retiradas do Arquivo Fotográfico de Lisboa:

<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/sala/online/ui/searchbasic.aspx?filter=AH;AI;AC;AF>

Figura 5:

<http://www.jornaldapraceta.pt/jp007Datas.html>

Figuras 6 e 7:

Vieira, Eugenio. 1910. “O Campo Grande”, *Serões: revista ilustrada*, No.59, PP351-356

Figura 8:

<http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/search?q=campo+grande>

Figura 22:

<http://ocorvo.pt/solucoes-naturais-espaco-livre-e-seguranca-sao-marcas-do-novo-jardim-do-campo-grande/>

Figura 25:

<https://www.google.com/maps>

Figura 33:

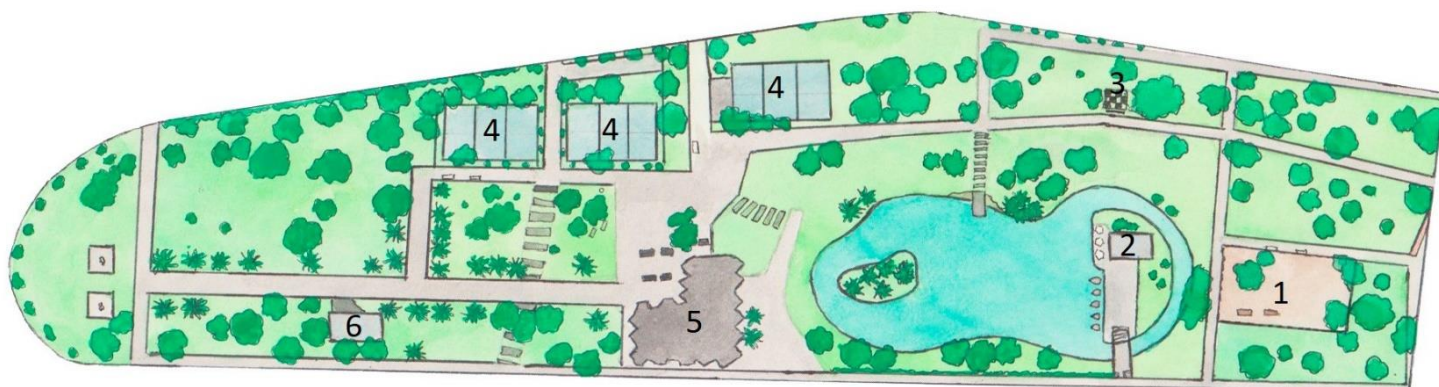
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Psittacula\\_krameri\\_-Karnataka,\\_India-8.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Psittacula_krameri_-Karnataka,_India-8.jpg)

# Anexos

## Anexo 1

Esboço do mapa do Jardim do Campo Grande, visto de cima, com legenda e uma captura de ecrã do mapa retirada do *Google Maps*, da mesma perspetiva.

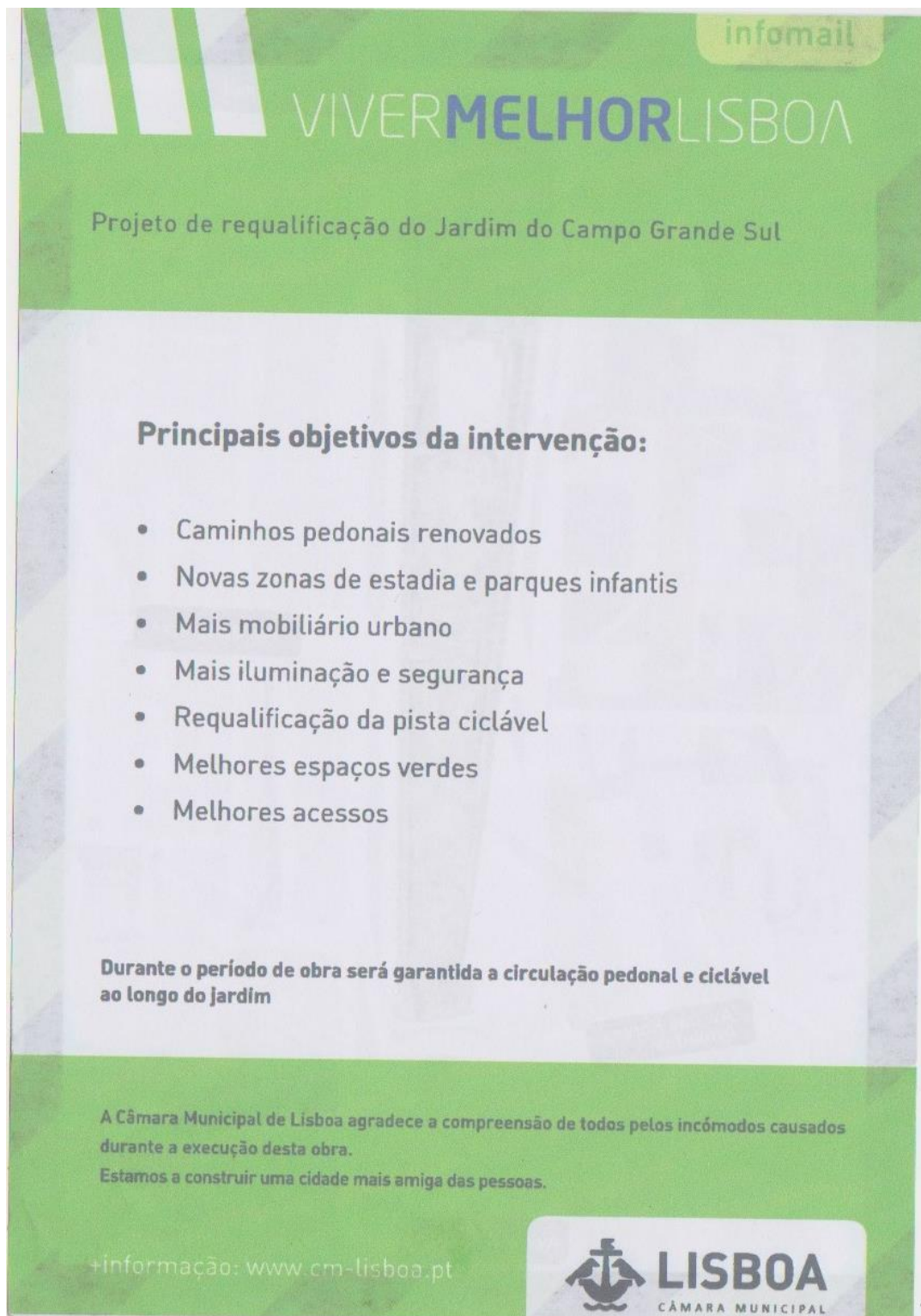
- 1 – Parque Canino
- 2 – Restaurante Casa do Lago
- 3 – Quarto de Ames
- 4 – Campos de pádel
- 5 – Edifício Caleidoscópio (Centro de Estudos e Restaurante McDonald's)
- 6 – Café Concerto





## Anexo 2

Panfleto com os objetivos da intervenção da zona sul do Jardim do Campo Grande.



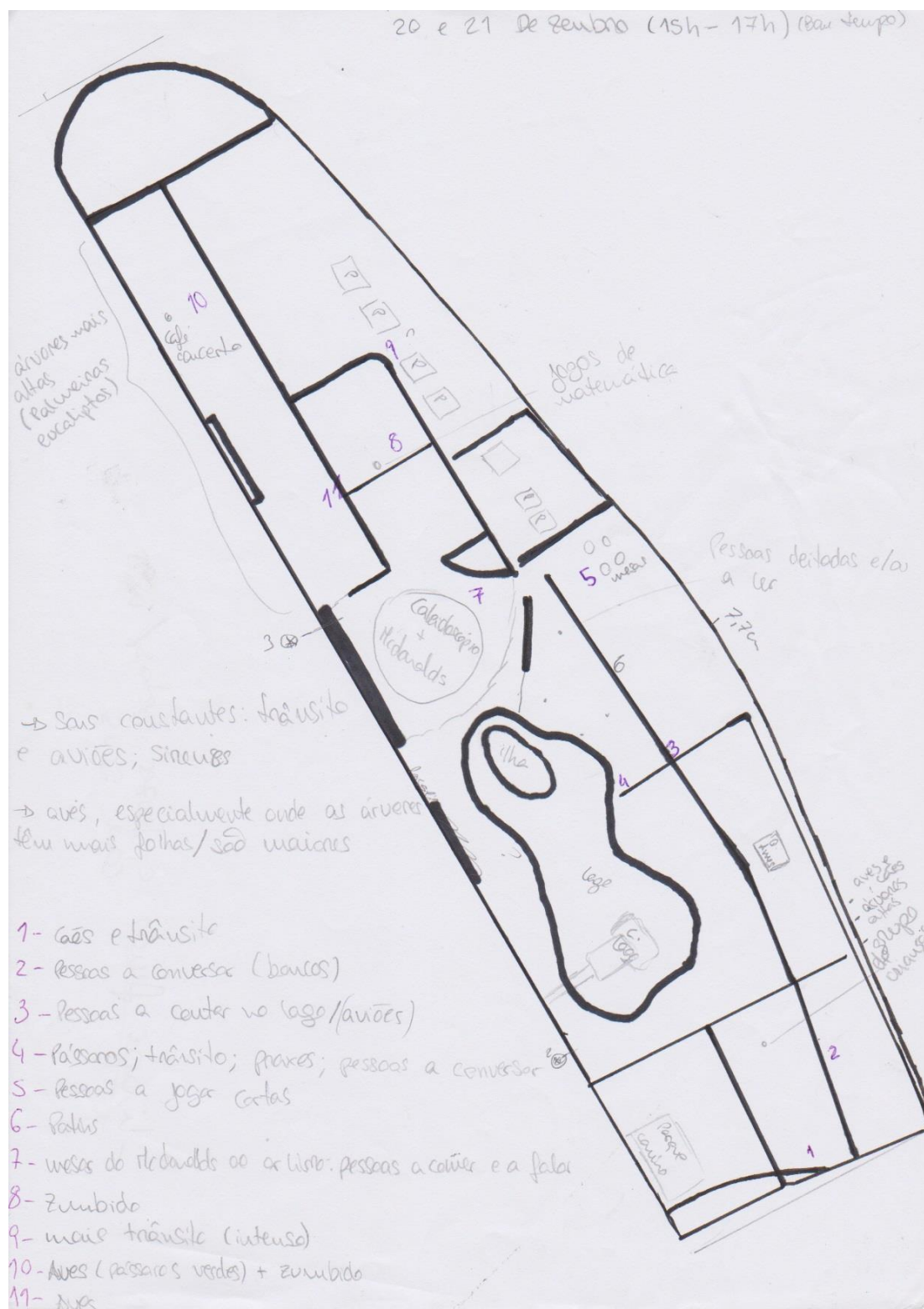
## Anexo 3

Questionário realizado aos visitantes do Jardim do Campo Grande

- 1 – Com que frequência vem ao Jardim do Campo Grande?
- 2 – Quanto tempo passa no jardim?
- 3 – Que atividades faz enquanto aqui se encontra?
- 4 – Qual é o seu som preferido dos que ouve no jardim? E porquê?
- 5 – Qual é a sua idade?

## Anexo 4

Exemplo de esboço do levantamento de sons do trabalho no jardim.





## Anexo 5

Esboço do mapa do Jardim do Campo Grande, assinalando as localizações dos inquiridos e do seu som preferido, com uma legenda colorida.



